

Temas (quase éticos) de Desporto

Rui Proença Garcia
Kátia Lemos

2ª Edição, revista e ampliada

Belo Horizonte – Casa da Educação Física

ÍNDICE

Agradecimentos

Prefácio à 1ª edição

Introdução

Uma posição teórica

(Alguns) Valores do desporto

A estética como um valor na sociedade e no desporto

Estética como valor

Estética e sociedade

Estética e desporto

Tema 1 – Doping

Tema 2 – Desporto para Pessoas com deficiência(s)

Pessoa com deficiência, risco e desporto

Breve apontamento final

Tema 3 – Violência

Tema 4 – Ecologia

Ecologia: um problema para o desporto

Ética e ecologia: a mesma questão

Natureza e natureza humana

Cultura e natureza humana

Desporto na sociedade ecológica

Tema 5 – Para uma ética centrada no esforço

Tema 6 – Ética e formação dos profissionais de Educação Física

A formação ao longo da vida como um imperativo ético

Tema 7 – Pesquisa em Educação Física

Tema 8 – Desporto e dignidade da vida humana

Notas finais

Agradecimentos

Escrever é uma viagem pelo tempo e pelos lugares. E as viagens, por mais solitárias que sejam, implicam cumplicidades. Também esta viagem por temas (quase éticos) de desporto teve alguns cúmplices a quem são devidos os mais sinceros agradecimentos.

Desde logo aos responsáveis máximos das duas instituições universitárias de Desporto onde os autores exercem os seus ofícios profissionais, o Doutor Juan Pablo Greco e o Doutor Jorge Olímpio Bento, respetivamente da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais e da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. São eles os grandes responsáveis por essas instituições e pelas relações de proximidade que permitiram que os autores deste pequeno livro se encontrassem profissionalmente. Também queremos nestas duas pessoas agradecer aos Reitores dessas Universidades o carinho com que tratam as iniciativas das suas Escolas de Desporto.

Destacamos também a cumplicidade do Dr. Cláudio Boschi, Presidente do Conselho Regional de Educação Física, Região 6 – Minas Gerais (CREF6/MG) e da Casa da Educação Física, não só pelo facto de ter aceitado este livro para publicação, mas, acima de tudo, pela amizade que nutre pelos autores. Foi exatamente por causa dessa amizade cúmplice que o livro foi escrito e editado.

Seríamos injustos se neste momento não louvássemos o Presidente do Conselho Nacional de Educação Física (CONFEF), Dr. Jorge Steinhilber, e o Presidente da Fédération Internationale d'Éducation Physique (FIEP), Doutor Manoel José Gomes Tubino, pessoas que institucionalmente nos têm recebido e apoiado com uma cumplicidade tal, que faz com que o trabalho duro e perseverante pareça um salutar convívio de amigos. Por outro lado, este especial agradecimento é também uma homenagem às duas instituições que superiormente dirigem. A Educação Física sem o CONFEF e sem a FIEP não poderia ter a importância com que atualmente se encontra revestida.

Impõe-se um profundo agradecimento ao Doutor João Ricardo Moderno, Presidente da Academia Brasileira de Filosofia, que escreveu as páginas mais importantes deste trabalho. Cremos ser uma honra enorme ter tão ilustre personagem da

intelectualidade junto da Educação Física. O Doutor João Ricardo Moderno, com propriedade, escreve sobre ética e sabe o que é o desporto.

Uma palavra de muita amizade e de grande reconhecimento para os nossos colegas e amigos que nos apoiaram diretamente na feitura deste trabalho, nomeadamente Paulo Ernesto Antonelli (Palmas, Paraná), Fernando Lima (Belo Horizonte), Ana Luísa Pereira (Porto) e José Alberto Moura e Castro (Porto). São pessoas que nos têm possibilitado profícuos diálogos científicos, que são muito mais fáceis de estabelecer quando cimentados em profundas e verdadeiras amizades.

Estamos cientes que o rol de pessoas a quem deveríamos manifestar a nossa gratidão é bem mais extensa, mas queremos personificar nestas todas as outras que, tal como nós, acreditam no elevado valor ético do desporto e que por isso colaboraram na elaboração destes pensamentos.

Finalmente, queremos dedicar este desprezioso livro aos Doutores Manuel Ferreira Patrício e José Edélcio, que “por acaso” eram Reitores da Universidade de Évora e do Centro Universitário do Leste de Minas Gerais, por tudo aquilo que têm feito em prol destes humildes autores.

Porto e Belo Horizonte, junho de 2005

Agradecimentos para esta 2ª edição

Fizemos questão em manter os agradecimentos referidos na primeira edição e acrescentar, nesta segunda, mais um: a todos os Leitores que comentaram o livro, o que nos permitiu aprimorá-lo.

É também justo dedicar esta nova edição a alguém muito querido, que sempre pautou a sua vida pela ética: Doutor Manoel José Gomes Tubino (*in memoriam*).

Porto e Belo Horizonte, maio de 2009

Prefácio à 1ª Edição

VANGUARDA ÉTICA E PÓS-MODERNIDADE DO DESPORTO

João Ricardo Moderno

Presidente da Academia Brasileira de Filosofia

Rui Proença Garcia e Kátia Lemos nos apresentam um conjunto de temas essenciais do debate contemporâneo acerca do desporto. Ética do esforço, ética na formação profissional, Pessoas com deficiência(s), ecologia, violência, pesquisa e *doping* são os sete temas em torno dos quais os autores sinteticamente costuram as teorias e as observações críticas, todas com muita agudeza de espírito e indo ao encontro do que há de efetivamente mais importante.

Ressalta no livro o senso depuradíssimo de alcançar o núcleo central, o chamado núcleo duro das problemáticas, pois não basta a seleção pura e simples dos temas, mas a exploração científica sustentada na crítica dos mais significativos elementos, associada a uma coragem e a uma ousadia de que somente os grandes pesquisadores são capazes. Sem ceder ao lugar-comum, Rui Proença Garcia e Kátia Lemos agem com liberdade e transparência dignas de serem sublinhadas.

Esse desassombro intelectual associa-se a uma humildade que dá o tom do livro. A própria humildade os autoriza a não temer enxergar as coisas como se fosse pela primeira vez, e questionando-as a partir exatamente dessas premissas. Esse frescor do olhar científico, ausente nos profissionais acadêmicos repetitivos, nos coloca diante da mais pura lição de ciência e de pensamento. Theodor W. Adorno afirmava em seus cursos em Frankfurt no início da década de 60, que é preciso muita ingenuidade crítica para sermos bons pensadores. E a humildade é um dos caminhos para a ingenuidade crítica, *conditio sine qua non* da pureza, ou mesmo da santidade, do pensamento científico.

Todas essas qualidades tomadas isoladamente também não bastam. Os autores dão demonstração de inteligência viva e percuciente, com uma sólida argumentação fundada nos mais importantes cientistas e filósofos, relacionando-os em autêntica

necessidade endógena. Cabe mencionar a clareza do texto mesmo naqueles momentos mais difíceis e complexos, nos quais o leitor atento percebe o elevado conhecimento teórico dos autores.

Este livro também foi capaz de reunir as mais atualizadas informações relativas à Educação Física e ao Desporto, nas mais sérias fontes globais, o que capacita o público leitor a mergulhar no que há de melhor no mundo e mais ancorado na pós-modernidade. Contudo, vale registrar que Rui Proença Garcia e Kátia Lemos não cedem às pressões da moda, mantendo fidelidade aos mais elevados princípios morais, culturais, científicos e filosóficos.

A moralidade, a eticidade e a legalidade defendidas pelos autores no plano teórico estão confirmadas na prática profissional de ambos, pois não basta defender na teoria aquilo que não somos capazes de realizar e cumprir no plano da prática. Nesse sentido, há uma absoluta coerência entre os princípios e valores apresentados no livro e a vida profissional de ambos, que dão exemplo da indissociabilidade dos planos teórico e prático.

Assim, o resultado foi um livro interessantíssimo, rico de aberturas de novas pesquisas, que lança inúmeros desafios, incentiva o debate, dissolve o conformismo, abre o diálogo, enfim, propõe um jogo intelectual sofisticado e diversificado à altura da extrema importância da Educação e do Desporto no mundo contemporâneo.

Rio de Janeiro, junho de 2005

Temas (quase éticos) de Desporto

*Fica decretado que agora vale a verdade
Que agora vale a vida
E que de mãos dadas
Trabalharemos todos pela vida verdadeira*
Thiago de Mello¹

Introdução

Nos últimos tempos temos assistido no mundo da Educação Física a um crescente interesse por temas relacionados com a ética, estendendo-se essas preocupações a vários campos de atuação desta profissão, chegando mesmo à sua pesquisa, como nos é atestado pela criação de Comissões de Ética, que exercem uma vigilância efetiva sobre aquilo que é desenvolvido nos laboratórios ou em outros locais onde o desportista é analisado.²

Saliente-se ainda, pela positiva, a criação de um código de ética profissional,³ o que atesta a crescente importância que este ramo da filosofia tem no areópago da Educação Física.

Fernando Savater, em *Ética para um jovem*,⁴ livro impressionante pela sua profundidade e simplicidade de escrita, afirma que “nada do que é humano pode parecer-me estranho” (p. 94). Ora, a ética não pode ser estranha ao pensamento e à ação na/em Educação Física, seja esta expressão compreendida em qualquer um dos inúmeros sentidos que possui.⁵ Na realidade, a ação da Educação Física decorre com

¹ Nada melhor do que transcrever o Artigo 1 dos *Estatutos do Homem*, enunciados por esse grande vulto da cultura brasileira que é Thiago de Mello. Manaus: Edições Governo do Estado e Edições Valer, 2001.

² Para este estado da situação muito tem contribuído o facto de existirem cada vez mais pesquisas com humanos, que necessitam de pareceres positivos de Comissões de Ética para poderem ser realizadas.

³ Seguiremos de perto o *Código de Ética* aprovado em 15 de agosto de 2003 pelo Conselho Federal de Educação Física.

⁴ Fernando Savater. *Ética para um Jovem*. Lisboa: Editorial Presença, 2000 (7ª edição).

⁵ Em Portugal, a expressão Educação Física confina-se à Escola. Assim, a expressão Educação Física Escolar é pleonástica. No entanto, neste opúsculo utilizaremos a referida expressão com um campo de abrangência maior, mais na perspectiva com que habitualmente é utilizada no Brasil e que não fere a sensibilidade de quem quer que seja.

peessoas, pelo que se torna imperioso fundamentá-la em princípios éticos, fundamentos esses que resistem à erosão provocada pelo tempo e pelas modas passageiras típicas das sociedades contemporâneas.

É evidente que os autores deste opúsculo não têm pretensões de esgotar os temas (quase éticos) de desporto, até porque lhes faltam as categorias filosóficas de base para poderem discorrer com sabedoria e propriedade sobre a temática anunciada.

Pretendem apenas mostrar que o grande mundo da Educação Física pode e deve ser refletido através de uma perspetiva de uma outra natureza em relação àquela com que habitualmente é tratado. Porventura será uma análise “quase ética”, onde os parêntesis colocados no título na expressão “quase ética” apenas indiciam a nossa incapacidade teórica e não, de forma alguma, a pretensão de qualificar a própria ética. Determinada atitude, comportamento, prática ou está referenciada pela ética ou não está. Não há meios-termos quando se discute ética. Não há uma quase ética; há ou não há ética naquilo que fazemos, pelo que os referidos parêntesis devem ser entendidos metaforicamente. No fim de contas, estamos perante temas da Educação Física, observados por uma perspetiva conotada com a ética.

A ética não é uma etiqueta que se coloca ou que se tira de acordo com interesses pessoais ou passageiros. Ética é, tem que ser, como um farol que orienta a vida humana em todas as situações ou momentos, mesmo naqueles atos conotados com o lazer ou com o desporto profissional.

Ainda percorre o espírito de muita gente a ideia que a ética e a moral são assuntos da religião e que a ciência, tal como agora a consideramos, refutou a própria religião. A ética, embora possa repousar numa ideia religiosa, há muito que se estendeu aos mais variados campos da atividade humana, pelo que não é de todo despicienda uma abordagem do desporto pelo lado ético. O desporto, nas suas mais variadas manifestações, presta-se a análises múltiplas, impossíveis de serem todas consideradas de uma só vez. Em vez de um pequeno livro teríamos que ler uma enciclopédia.

Talvez por esse motivo, este pequeno livro está organizado por temas. A escolha dos temas (quase éticos) de desporto foi pouco mais do que aleatória, talvez mais ligada à sensibilidade dos autores do que a uma lógica proveniente de uma análise profunda e pormenorizada da nossa área de pensamento e de ação. Igualmente a

responsabilidade pelo desenvolvimento dos temas tem que ser imputada em exclusivo aos autores. As posições assumidas são pessoais, não retratando obrigatoriamente as posições das instituições a que pertencem nem, tão pouco, das instituições que editam a presente obra.

Foi intenção dos autores, no momento de escolher os diferentes temas, de abarcar os grandes domínios por onde a nossa profissão se estende, nomeadamente o desporto de elevado nível, a problemática da Escola, o mundo das academias e afins, o desporto para Pessoas com deficiência(s), não esquecendo ainda a formação de profissionais de Educação Física e as questões ligadas à pesquisa no nosso campo de ação. Assim, a explanação das nossas ideias sobre ética, partindo de temas atuais do nosso quotidiano, é elaborada no contexto de práticas profissionais e não na legítima abstração filosófica. Gostaríamos de possuir o poder argumentativo para discutir a ética do desporto a um nível superior, ao nível da referida abstração filosófica, mas as nossas insuficiências são notórias e gritantes, pelo que foi nossa opção situar esta reflexão num patamar inferior, e assim mais acessível para nós mesmos.

Nesta segunda edição incluímos um novo tema, este verdadeiramente ético, o do Desporto e dignidade da vida humana. Constitui-se no oitavo e último tema, por onde todos os outros se poderão referenciar. Aliás, é nossa convicção que este último assunto é o culminar de todos os temas anteriores.

Como advertência, impõe-se afirmar que este pequeno livro não se constitui num qualquer trabalho científico, nem está escrito como tal, assumindo-se apenas como algumas reflexões dos autores sobre temas atuais do desporto. Foi nossa intenção ilustrar os assuntos com muitas notas de rodapé, isto é, de pequenas notas explicativas dos nossos pensamentos, possibilitando ao Leitor dois tipos de leitura: uma mais rápida e seguida, e uma outra mais lenta, com paragens para consultar as referidas notas, e assim com a possibilidade de um maior aprofundamento e de um julgamento mais fundamentado das posições assumidas.

As referências bibliográficas são apresentadas nas notas de rodapé, sendo que na primeira vez que determinada obra (livro, artigo ou outro) é citada, aparecem na respetiva nota todas as indicações necessárias para a sua identificação. Caso essa obra volte a ser utilizada, remeteremos o Leitor para a sua primeira referência.

Nos casos em que um autor é citado apenas através de uma obra somente haverá uma nota de rodapé para o/a indicar. Assim, aliviaremos o livro de pequenas formalidades exigidas a um trabalho acadêmico, mas que se tornam desnecessárias nesta ocasião de divulgação despretensiosa do nosso pensamento. Contudo, qualquer Leitor que assim o deseje tem a possibilidade de identificar todas as obras compulsadas e de localizar nelas todas as transcrições efetuadas. Nesse aspeto podemos garantir o rigor (quase) total. O rigor do conteúdo fica, naturalmente, no juízo de cada um.

Muita da bibliografia consultada é de origem portuguesa pelo simples facto de o autor ser português e lá trabalhar, e da autora ter desenvolvido nesse país os seus estudos conducentes ao grau de Doutora em Ciências do Desporto. Porém, na maior parte dos casos, os livros indicados são de uso corrente no Brasil e muitas vezes com títulos análogos.

Nota final: Alguns dos textos constantes deste livro já foram ou irão ser publicados pelos autores em revistas ou em outras publicações. No entanto, todos eles foram revistos e adequados a fim de se tornarem coerentes entre si e à temática específica do corrente livro. Os autores tiveram o cuidado de indicar escrupulosamente esses textos, identificando a publicação de onde foram retirados, mesmo que tenham sofrido profundas alterações.

Uma posição teórica

Por força das nossas profissões frequentamos regularmente congressos nacionais e, um pouco por todo o mundo, internacionais, encontros, seminários ou afins onde as questões relacionadas com a ética fazem a sua aparição. Contudo, nem sempre o conceito (ou conceitos) surgem com clareza e de forma inequívoca, parecendo que os conferencistas partem do princípio que todos os presentes sabem, sem qualquer vacilo, o que significa ética, qual sua articulação com moral, deontologia e mesmo, por que não, com estética.

Por vezes, durante esses eventos nota-se que filósofos de grande nível intelectual que frequentam, por convite, o mundo da Educação Física, não conseguem fazer passar convenientemente as suas mensagens. Por um lado, falam com uma linguagem e com um aprofundamento teórico tais, que não estão ao alcance de não especialistas. Por outro lado, por vezes desconhecem quase por completo a atividade sobre a qual querem falar, embora possamos crer que este segundo aspeto não é por si só decisivo. Para além disso, as questões éticas não são ainda assunto corrente na formação em Educação Física, pelo que nem sempre os participantes têm sensibilidade para os compreender com a devida profundidade.⁶

No campo oposto temos profissionais de Educação Física que querem falar de ética, mas sem possuírem as bases conceptuais mínimas que permitam estabelecer um discurso capaz de concretizar a ponte entre a filosofia e o desporto, como acontece com os autores desta publicação, pelo que as aproximações, mesmo que tímidas, são importantes e desejáveis.

A ética é um importante valor dos nossos tempos, como aliás nos é apontado por inúmeros autores. É a ética da política ou dos negócios. É a ética do ambiente - a ecologia - ou a ética profissional. É a ética de tudo e até mesmo do desporto. Mas a ética é uma palavra esquiva a definições.⁷ Alguns falam de uma ética natural, como

⁶ Estas dificuldades não são exclusivas da Educação Física. O mesmo acontece em outras áreas. Na Educação Física essas dificuldades não acontecem apenas com a temática da ética, mas com outras. A diferença situa-se na curta existência desta reflexão no nosso meio profissional, o que contrasta com outros saberes há muito incorporados e consolidados.

⁷ Gilles Lipovetsky considera ser a ética uma “palavra de geometria variável”, não sendo pacífica a sua definição ou o seu campo de intervenção. *O crepúsculo do dever: a ética indolor dos novos tempos democráticos*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1994.

se houvesse no homem uma capacidade inata de distinguir o bem do mal.⁸ Outros procuram na norma jurídica o fundamento da ética social, o que para nós se afigura numa clara inversão das coisas. Por exemplo, o recém-publicado no *Código Brasileiro de Justiça Desportiva: comentários e legislação*, aparece o subtítulo a expressão *em defesa da ética e da qualidade do esporte*.⁹ Sem dúvida que a legislação poderá ser o garante de uma ética, como poderá ser a perpetuação da não ética, dado que nem tudo que é legal, isto é, que se encontra plasmado na lei, é aceitável nos planos ético ou moral. Outros, ainda, percebem a ética e a moral como sinónimos, não admitindo a possibilidade de poderem ser conceitos complementares, mas com algum grau de independência.

A ética do desporto inscreve-se assim num domínio muito mais vasto, o da ética enquanto ramo da filosofia, tornando-se necessário “escutar” os pensamentos dos grandes filósofos, mesmo os do passado, para que possamos ser eficazes na nossa área de intervenção.

A discussão da ética do desporto não pode ficar apenas referenciada ao senso comum¹⁰ nem sustentada em banalidades. Necessita de uma fundamentação muito mais exigente e sistemática.

Autores como Platão, Aristóteles, Espinoza, Kant, Heidegger ou tantos outros que por agora nos abstermos de enunciar, não nos podem ser indiferentes quando o assunto em pauta se relaciona com a ética. Só saber de desporto não basta para se discutir ética desportiva, como não conhecer verdadeiramente as grandes categorias do desporto, embora se saiba muito de ética, não é suficiente para se falar, com conhecimento de causa, desse mesmo assunto ou tema. Mas como somos nós que convocamos a ética para o desporto, teremos que fazer um esforço para nos aproximar dos filósofos. Só assim é que cresceremos como educadores. Não podemos esquecer o facto dos ofícios ligados à nossa profissão estão quase sempre

⁸ Romano Guardini tem um extraordinário livro sobre Ética, de onde temos retirado alguns pensamentos. Infelizmente as Ciências do Desporto ainda não estão muito habituadas a discutir a sua prática a este nível que, na nossa opinião, é um dos mais elevados. *Ética - lecciones en la Universidad de Múnich*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1999.

⁹ *Código brasileiro de justiça desportiva: comentários e legislação. Em defesa da ética e da qualidade do esporte*. Brasília: Ministério do Esporte, 2004.

¹⁰ Consideramos o senso comum como uma importante fonte de conhecimento, mas que não pode ser exclusiva quando se tratam determinados assuntos. O senso comum pode servir como o conhecimento que desencadeia uma reflexão, mas não a sustentação dessa mesma atitude reflexiva.

relacionados com a atitude de ser professor, isto é, de ser educador, pelo que as questões relacionadas com a ética deverão assumir uma importância vital.

Temos consciência que um profissional de Educação Física não tem que dominar as grandes visões filosóficas da ética, mas não poderá ter pretensões em querer falar deste tema ignorando por completo os clássicos da filosofia. Poderá não ser um especialista nestes assuntos, mas não pode ser um estranho relativamente a esses temas ou autores. A sua relação com as pessoas assim o exige.

Retomando a relação entre ética e moral, talvez seja útil lembrar Platão quando, de alguma forma, nos ensina a distinguir aquilo que faz parte do plano do ideal, a ética, e aquilo que a cada momento pode ser realizado pelo homem concreto e historicamente situado, a moral. Conhecemos outras posições teóricas sobre esta relação, que aliás até poderemos considerá-la como percorrendo a história da filosofia, mas entendem os autores ser útil lembrar Platão quando queremos tentar operacionalizar os conceitos ética e moral. Com efeito, este filósofo em alguns dos seus escritos, caso de *A República*,¹¹ debate longamente a questão da justiça, diferenciando aquilo que pode ser convertido pela palavra ética daquilo traduzida pela ideia de moral.

Assim, ética é algo que se situa no campo do ideal, enquanto moral poderá ser aquilo que se situa no campo do possível. A aspiração do homem deve ser no sentido ascendente, isto é, no caminho da ética, embora sabendo que esse valor não é alcançável. No fim de contas o homem deverá recusar a simples moral para tentar encontrar-se com a ética, ou seja, com os valores ideais. Tarefa ciclópica, sem dúvida, mas que deverá regular o nosso pensamento e a nossa ação.

Desta forma, falar de ética e sua relação com moral impele-nos para que falemos de valores. A axiologia é um ramo da filosofia que não pode ficar longe de nós, devendo ser convocado aquando das nossas reflexões sobre o desporto.

Porém, vivemos num mundo onde persiste uma enorme desorientação axiológica. O relativismo axiológico é hoje em dia uma moda que reputamos de perigosa.¹²

¹¹ Ver *A República*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, [original escrito nos séculos V/IV a.C. Edição consultada de 1990].

¹² Pela oportunidade, impõe-se resgatar a expressão pronunciada pelo então Cardeal Joseph Ratzinger, momentos antes do início do Conclave que o elegeu como Papa Bento XVI (18 de abril de

Estamos numa sociedade onde por vezes parece que vale tudo,¹³ onde cada um constrói o seu quadro pessoal de valores, mesmo que esse quadro se encontre em perfeita contradição com aquele outro típico da nossa matriz cultural. Parece que nesta sociedade hodierna os valores considerados universais, e que de alguma forma Kant anunciou de maneira indiscutível, estão totalmente afastados do nosso pensamento, das nossas práticas ou das nossas reflexões mais profundas.

Mas é neste relativismo, mesmo que tenhamos sérias dúvidas sobre a sua validade, que temos que viver ou sobreviver. Acontecimentos recentes obrigaram a repensar alguns temas que andavam um pouco esquecidos, ou envoltos em nevoeiros estranhos.

Reflitamos um pouco sobre os atentados de 11 de setembro de 2001 (Nova Iorque), de 11 de março de 2004 (Madrid) e, infelizmente, naqueles que diariamente se sucedem no atual conflito instalado no Iraque.

Em maio de 2002, poucos meses depois dos trágicos acontecimentos de Nova Iorque, Washington e Pensilvânia, um dos autores deste pequeno livro proferiu uma conferência em Espanha num congresso internacional de filosofia que discutia, entre outras coisas, questões da violência na perspectiva ética.

Então, teve a oportunidade de mostrar duas fotografias, que retratavam o momento que antecedeu o embate e o próprio embate do segundo avião nas Torres Gémeas de Nova Iorque. Na altura perguntou aos presentes, todas pessoas ligadas à filosofia: estaremos perante uma manifestação de violência? A resposta dada foi a óbvia, que sim, que era uma situação de violência brutal. Então, qual provocação, pediu-lhes que se colocassem no lugar do piloto daquele avião que, em nome de valores, em nome de uma ética, até oferece a própria vida. Será que para o piloto aquela atitude foi de uma violência sem ética ou foi para concretizar os mais elevados valores éticos que uma pessoa pode ter? O piloto ali era mais que ele próprio. Era, na sua visão, um instrumento dos valores que, pretensamente, enformaram a sua existência. Enfim, aquele piloto cumpriu o papel de uma ferramenta de uma certa divindade, que a utilizou para impor a sua justiça à humanidade.

2005), que vivemos numa espécie de “ditadura do relativismo”. Independentemente das opções religiosas de cada um, cremos na justeza do enunciado.

¹³ A expressão “é proibido proibir” emerge do maio de 1968.

Logo depois destas provocações, passou no écran a última frase pronunciada pelo piloto que, à sua maneira, invocava o seu Deus para o ajudar.¹⁴ De seguida projetou a frase do final do discurso do então Presidente dos Estados Unidos da América, George Bush, quando declarou guerra ao Afeganistão: “E que Deus nos ajude!”, tendo concluído o seu raciocínio, perguntando aos presentes: por que razão o primeiro é um terrorista e o segundo um candidato ao Prémio Nobel da Paz?

Recentemente, em outubro de 2004, a revista médica norte-americana, *Lancet*, publicou um artigo que apontava para 100.000 vítimas civis no Iraque desde que começou a Segunda Guerra do Golfo. São vítimas em nome da paz. Quantos crimes não foram até agora cometidos em nome de Deus, da fé, da liberdade ou de outros valores supremos? E tudo em nome da ética.

A nossa intenção, ao relembrar a tal conferência proferida em Espanha, é apenas de situar a nossa reflexão sobre o tema da ética.

Vivemos, como já apontámos, num mundo onde impera uma certa dissolução das regras, mesmo dos valores, onde cada um constrói o seu quadro axiológico pessoal, obrigando depois que todos os outros o respeitem.

Este relativismo axiológico é hoje, repetimos, uma moda que encerra vários perigos. Quando o assunto diz respeito a pessoas nem tudo pode valer. Os “onzes” de setembro e de março provaram ao mundo exatamente até onde algumas pessoas podem ir em nome da sua ética.

No caso dos atentados nos Estados Unidos e na conseqüente resposta, violência e não-violência, ou se quisermos, ética e não ética, estão separadas apenas pela nossa visão de pessoa humana, de mundo e das coisas. Enfim, parece que ética e não ética estão separadas pela nossa cosmovisão. Que ténue é a linha que pode separar o bem do mal!

Mas antes de continuar, importa relembrar e aprofundar como é que compreendemos a ética e como é que esta se articula com a moral.

Para muitos autores, ética e moral significam o mesmo,¹⁵ sendo que uma das palavras vem do grego e a outra, a moral, do latim.

¹⁴ A frase pronunciada foi *Allahu akbar*, que transcrita para o português, é do tipo “Deus é grande”.

¹⁵ Por exemplo, Heron Beresford, no seu artigo intitulado “Valores éticos e morais no Sistema CONFEF/CREFs: contextualização, conceituação e implicação científica”, alude a esta coincidência de

É uma perspectiva possível, mas preferimos empregar aquela outra que nos leva até Platão. Como já vimos, para este pensador há duas palavras que se articulam entre si. Uma, que pode ser entendida como o atual conceito de ética, diz respeito aos valores ideais, enquanto uma outra palavra, idêntica à nossa moral, alude à capacidade do homem se aproximar mais ou menos dos valores ideais.¹⁶ Com um exemplo tudo fica mais claro.

A ideia de justiça é uma ideia que perpassa todo o homem e todos os tempos. É um ideal humano inerente à nossa condição. É, nesta perspectiva platônica, um valor ético. Mas, enquanto em Portugal o mais hediondo crime tem como pena máxima 25 anos de cadeia, no Brasil o mesmo crime terá como pena 30 anos. E em alguns estados dos Estados Unidos esse crime seria punido com a pena de morte. Tudo em nome do ideal ético da justiça! Nem todos poderão estar certos

Repare-se que qualquer um destes países pretende fazer justiça, mas qual das três penas está mais próxima do ideal de justiça: 25 anos? 30? Ou a morte?

Ética pode ser o valor ideal regulador e a moral os comportamentos concretos em busca do referido valor ideal, condicionada que está pelos contextos espaciais e temporais que enformam determinada cultura.

Exposta que está a nossa infundada concepção teórica, fica evidente que os grandes valores do desporto (qual ética) terão que ser apresentados para que depois possamos analisar as práticas quotidianas (qual moral) à luz dos grandes princípios orientadores da atividade desportiva.

Por isso, quando alguém se propõe falar de ética do desporto tem que ter consciência de que está a falar dos grandes valores, talvez utópicos, que orientam uma dada comunidade de pessoas e de instituições. Sem estabelecer isso, dificilmente poderemos ter um discurso eficaz, para mais quando o nosso assunto é a pessoa humana.

significados. In João Batista Tojal (org.), Lamartine P. Da Costa (ed.) e Heron Beresford (ed.). *Ética profissional na Educação Física*. Rio de Janeiro: Shape, 2004, pp. 45-61.

¹⁶ Manuel Ferreira Patrício é claro quando escreve: “o vocábulo **ética** deve ser reservado para o reino dos valores éticos, incluindo os princípios, as categorias e as normas. O vocábulo **moral** deve ser reservado para o comportamento concreto e a vivência que os homens têm dos valores éticos. Esta distinção permite uma maior clareza da análise, evitando confusões entre o ideal ético e o real ético”. *Lições de axiologia educacional*. Lisboa: Universidade Aberta, 1993, p. 157.

Exponhamos, então, com brevidade alguns dos grandes valores contidos no desporto.

(Alguns) Valores do desporto

Não nos custa aceitar a posição de Ana Marques¹⁷ para quem os valores se apresentam com dois níveis de abstração, sendo que o primeiro nível é referente aos ideais que servem de critério de apreciação, e o segundo nível que se refere à sua manifestação nos seres, nas condutas ou até mesmo nos objetos que exprimem esses valores de forma concreta ou simbólica.

Valor pode ser entendido como uma maneira de ser ou de agir que uma pessoa ou instituição reconhece como ideal, podendo ser ainda percebido como um princípio de julgamento das pessoas e das coisas, dos comportamentos ou das ideias que exprimem o que realmente importa.

Os valores, ou as grandes ordens de valores, não sendo intemporais, não sofrem grandes modificações através dos tempos, alterando apenas as suas posições relativas na hierarquia axiológica. O estudo das diferentes hierarquias de valores ajuda-nos a compreender as sociedades. Estas, deste modo, dão-se a conhecer por aquilo que consideram valer mais. Se o valor em si pode estar para lá do tempo e do espaço, a sua importância relativa é temporal e topográfica. Se há sociedades que se orientam mais por valores materialistas, fruto de determinada conceção moderna de vida, outras orientam-se por uma certa divinização do quotidiano, sendo possível existirem em simultâneo.

Sem esgotar a temática podemos apresentar o seguinte quadro hierárquico de valores:

- Valores vitais ou económicos;
- Valores práticos, ou de utilidade;
- Valores hedonísticos, ou de prazer;
- Valores estéticos, ou de beleza;
- Valores lógicos, ou da verdade;
- Valores éticos, ou do bem; e

¹⁷Ana Marques. Verbetes “Valor”. In *Dicionário de sociologia*. Porto: Porto Editora, 2002, pp. 398-399.

- Valores religiosos, ou do sagrado ou do divino.¹⁸

Vejamos o seguinte exemplo relativamente à comida.

Comer é a realização de um valor vital. Se não comer, a vida entra em colapso. Os animais “vivem” muito do seu dia em busca da realização deste valor.

Determinada pessoa sabe cozinhar, isto é, concretiza um valor prático. Tem que comer e sabe cozinhar. Muitos de nós gostamos de comer – valor hedonístico. Para além da necessidade intrínseca aos seres vivos de terem que comer, podemos sentir muito prazer naquilo ou na forma como comemos.

Diz o povo que muitas pessoas comem com olhos. Os hotéis de luxo são especialistas em transformar uma simples refeição numa atraente manifestação estética.

Cada vez mais se fala de uma alimentação balanceada, isto é, saber comer bem.

Ninguém come com as mãos, havendo todo uma série de procedimentos, de regras e de boas maneiras para realizarmos o tal valor vital. Entramos, grosso modo, no domínio dos valores éticos.

Finalmente, há muitas pessoas que em nome da religião não comem durante determinado tempo. Por exemplo, durante o Ramadão os muçulmanos apenas podem ingerir alimentos durante uma bem determinada parte do dia. Noutros povos há alimentos proibidos pela própria religião, podendo alguém morrer de fome e ao lado haver alimentos disponíveis.

Como se pode depreender por esta hierarquia de valores, a comida, a simples comida, poderá ser objetivada de formas bem diferentes. Entre a simples realização de um valor vital até à experiência transcendental, tudo poderá ser vivido por alguém através dos alimentos.

Como nos assevera o Professor Manuel Ferreira Patrício, todo o homem vive todos os valores, mas não os vive com a mesma intensidade nem eles ocupam o mesmo lugar na vida de cada um. Dizemos ainda que ao longo do tempo a pessoa vai reconfigurando a vida em função dos valores, acentuando mais uns num dado momento ou outros noutra idade, condição ou posição.

Pensem agora rapidamente no desporto.

¹⁸ Para a elaboração deste quadro seguimos de bastante perto o pensamento de Manuel Ferreira Patrício, especialmente através da obra já indicada.

Este não é muito diferente da comida. Uma prática desportiva poderá ser desenvolvida também em nome de cada um dos valores atrás enunciados. É tudo uma questão de vontade pessoal, de moda, de interpretação ou, qual fatalismo, de imposição.¹⁹

Podemos divinizar uma prática desportiva ou estarmos totalmente dependentes no ponto de vista económico dessa mesma prática. Isto é, o desporto não se concretiza num determinado valor, mas no ser humano, que vive em e por todos estes valores. Vivemos em pleno em uma época marcada por numerosas mudanças que anunciam o fim de um tempo. Para Raux²⁰ este fim desdobra-se em três componentes essenciais da nossa existência: a das certezas, a das ilusões e dos determinismos.

Aqueles grandes eixos que orientaram a vida no passado recente estão a ser colocados em causa, conduzindo o homem para uma espécie de beco existencial, de onde é difícil sair sem angústias ou desesperos. Na verdade, ainda no dizer de Raux, o futuro é algo profundamente carregado de incertezas, o que levou Karl Popper²¹ a afirmar que o futuro está em aberto

A quantidade de ocorrências significativas, tais como a generalização da AIDS, o colapso do império soviético, as catástrofes nucleares que vão acontecendo um pouco por todo o lado, os atentados e as guerras constantes ou o desaparecimento de importantes empresas mundiais, fazem crer ao homem que a única certeza que pode possuir é, qual paradoxo, a própria incerteza.

A previsibilidade dos acontecimentos, passe o irónico da afirmação, só é conseguida *a posteriori*, isto é, ninguém consegue fazer mais previsões do que quer que seja. O Muro de Berlim começou a ser derrubado a 9 de novembro de 1989. Desconfiamos que na véspera desse dia ninguém, mas mesmo ninguém, ousaria afirmar que no dia

¹⁹ Não nos podemos esquecer da utilização do desporto para fins nacionalistas ou para fins rácicos, como aconteceu na Alemanha nazi ou na “antiga” África do Sul. Infelizmente até os Jogos Olímpicos já serviram para a afirmação racial e nacionalista e não nos referimos apenas aos Jogos de Berlim, disputados em 1936. Bem mais próximos de nós, ainda que de forma encapotada, tais manifestações já ocorreram. Pequim, 2008, pode ser um exemplo.

²⁰ Jean-François Raux. “Elogio da filosofia para construir um mundo melhor”. In *A sociedade em busca de valores*. Lisboa: Instituto Piaget, 1996, pp. 11-21.

²¹ A este respeito recomendamos vivamente os seguintes livros: Karl Popper e Konrad Lorenz: *O futuro está aberto*. Lisboa: Ed. Fragmentos, 1990; Karl Popper. *O universo aberto*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992; Idem. *Em busca de um mundo melhor*. Lisboa: Editora Fragmentos, 1992.

seguinte o referido Muro cairia. As variáveis da nossa sociedade são insondáveis, pelo que qualquer exercício de previsão está fadado ao fracasso.

Nestes últimos anos ocorreram mudanças tão profundas e geograficamente tão amplas, como em nenhum outro tempo histórico. Nunca uma evolução foi globalmente tão sentida como aquela que agora ocorre. A famosa imagem que um simples bater de asas de uma borboleta em Hong-Kong provoca um furacão em Nova Iorque não é tão despropositada como isso. O mundo encolheu-se, estando duas cidades situadas nos antípodas à distância de um simples “clique” de uma tecla do computador, numa clara anulação do espaço terrestre, constituindo este facto como um dos mais relevantes do nosso mundo, condicionando-o de sobremaneira em várias das suas dimensões.

É evidente que muitas vezes gostamos de criticar a globalização resultante do referido “clique”, mas temos que concordar que há grandes benefícios resultantes desta metafórica aldeia global. A autêntica rede mundial de solidariedade que se estabeleceu em torno da catástrofe do sudoeste asiático de 26 de dezembro de 2004, só foi possível por estarmos num mundo tendencialmente globalizado. Numa outra época tal sentimento solidário, também fruto da emoção provocada pelas imagens horríveis em tempo real, não seria possível de se concretizar.²²

Mais do que nunca, a percepção que os astronautas têm da Terra parece tornar-se realidade: continentes imensos, apenas separados por meros acidentes naturais – nada de fronteiras ou divisões artificiais.

Aparentemente a pangeia, isto é, o continente único existente há muitos milhões de anos, parece que se está a reconstituir. As fronteiras físicas entre os diferentes países não são mais do que vagas recordações. A lógica que presidiu à génese dos países tende a modificar-se. Se até à queda do Muro de Berlim as fronteiras poderiam ser de natureza ideológica, após esse acontecimento evoluíram para uma natureza próxima da económica. Veja-se o caso do Euro, a moeda europeia que faz frente ao dólar norte-americano. As fronteiras dos países europeus, marcadas que

²² A *Internet* assumiu um papel determinante para localizar muitas pessoas desaparecidas pela onda gigante resultante do violento sismo. Há um caso impressionante relatado pelas agências noticiosas: uma menina escandinava pôde ser identificada pelos seus familiares no seu país em apenas uma hora, tempo que mediou entre a retirada das águas do oceano Índico e o reconhecimento familiar através de uma fotografia inserida num site sobre a tragédia. Os seus pais, com quem ela estava na Ásia, pereceram na catástrofe.

foram à custa de muito sangue e sofrimento, desapareceram em nome de uma moeda.

É neste cenário axiológico que o nosso tempo se insere, havendo, naturalmente, palavras que o marcam de forma indelével. Rapidamente associamos determinadas palavras, ou pequenas expressões, a um período histórico. É o *renascimento* ou *idade média*. É a *revolução industrial* ou a *sociedade da informação*. É a *tradição* ou a *modernidade*. E nesta última associa-se uma outra palavra: *mudança*.

Sem dúvida que estamos marcados por este conceito, onde tudo, mas mesmo tudo, tem que mudar para se manter atual. É o caso da moda, da arte, da música, da política, mesmo do conhecimento e da educação ou das práticas físico-desportivas (ver as novéis academias, onde a cada dia surgem velhas atividades disfarçadas com novos nomes), enfim, tudo tem que ser constantemente reformulado para que possa assegurar a sua continuidade. A palavra “permanência” desapareceu do dicionário, sendo que a nossa visão do mundo, a cosmovisão, é construída na constante mudança, mesmo da própria hierarquia axiológica.

Gilles Lipovetsky não resiste à tentação de caracterizar a nossa sociedade como sendo um autêntico *Império do efémero*,²³ tal é a precariedade de tudo aquilo que nos rodeia. Também o sociólogo Michel Maffesoli alude ao *Eterno instante*²⁴, no fim de contas a declarar que a sociedade a cada momento está concatenada à eterna mudança.

É evidente que este valor invocado pela ideia de mudança não é de agora, como nos mostra o grande épico português, Luís Vaz de Camões (séc. XVI), nomeadamente quando canta:

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,

Muda-se o ser, muda-se a confiança;

Todo o mundo é composto de mudança,

Tomando sempre novas qualidades.

²³ Gilles Lipovetsky. *O império do efémero*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1989.

²⁴ Michel Maffesoli. *O eterno instante. O retorno do trágico nas sociedades pós-modernas*. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

Mas hoje o sentido da mudança assume contornos impossíveis de perspetivar há apenas algumas décadas. Cada geração é contemporânea de, pelo menos, uma grande revolução do pensamento. Foi assim nos anos 60, com o simples aparecimento da pílula contracetiva, que revolucionou todo um conceito de moral; foi o maio de 1968, com a total dissolução de uma ordem social; foi ainda o desembarque lunar, que nos mostrou quão pequenos somos face ao universo;²⁵ foi o desenvolvimento da informática iniciado nos anos 70, que determinou uma nova forma de pensar e de estar no mundo, especialmente a partir dos finais da década de 80; foi a *Internet* dos anos 90, a estrada do futuro,²⁶ que já é a estrada do presente, enfim, tudo acontecimentos que determinaram uma nova forma de nos situarmos perante o mundo, em clara rutura com as sociedades tradicionais, onde a uma geração outra se seguia realizando praticamente as mesmas tarefas, os mesmos rituais, com o mesmo *modus operandi*, sem graves crises existenciais motivadas pela inadaptação, nem com um significativo número de excluídos por incapacidade de acompanharem o decurso dos tempos.²⁷

Vivemos num mundo que se organiza por uma outra visão, isto é, por uma outra cosmovisão, que nos faz compreender os acontecimentos e o próprio homem, de uma forma diversa àquela que ocorreu ao longo dos séculos. Ao que parece, nunca o ser humano viveu a vida a tal velocidade ou presenciou tantos acontecimentos notáveis em tão pequeno lapso de tempo.

A toda esta forma de viver a vida associou-se uma nova palavra: consumismo. O *prêt-à-porter* não diz respeito apenas à moda do vestuário, mas a todas as dimensões da vida. O consumismo não é para dar resposta às necessidades das pessoas, mas para inventar novas formas de desejo numa tremenda espiral sem fim.

²⁵ *Um pequeno passo para mim e um grande salto para a humanidade* (frase pronunciada por Niel Armstrong no momento em que dava o primeiro passo na lua, tornando-se assim no primeiro homem a pisar o satélite terrestre).

²⁶ Bill Gates. *A estrada do futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

²⁷ Note-se que os tempos são paradoxais. Se nunca como agora a informação foi o *leitmotiv* do desenvolvimento, importa frisar que, segundo dados da UNESCO, mais de metade da população mundial não tem ainda acesso a um simples telefone direto. Sem dúvida que o desenvolvimento global é realizado a diferentes velocidades, mesmo quando analisamos um só país. Boaventura Sousa Santos afirma que é possível encontrar em Portugal vários níveis de desenvolvimento que remetem o país para uma sociedade moderna ou pós-moderna. Temos do Brasil uma visão idêntica, talvez ainda mais marcada, como cada um poderá constatar quando se comparado algumas regiões do Sul e do Sudeste com outras do Norte e do Nordeste, no que respeita ao estado de desenvolvimento económico, tecnológico, social, educacional e outros.

É também o caso do próprio conhecimento que se altera com uma velocidade estonteante, qual vertigem dos novos tempos. Tomemos como exemplo a biologia médica. Sabe-se que 25% daquilo que é ensinado aos alunos de Medicina, ao fim de 5 anos já está desatualizado. Isto é, num curso de 5 ou de 6 anos de duração muito daquilo que é aprendido nos dois primeiros anos já pouco valor científico terá quando o aluno receber o seu diploma de graduação.

Para além do saber ser cada vez mais efémero, outro aspeto importa realçar, qual seja, a multiplicação de áreas de conhecimento. Com efeito, o homem tem sido repartido, exigência da modernidade, em muitas centenas de áreas de estudo diferenciadas, podendo perder-se a real dimensão do ser humano. Não pode haver um homem disto, um outro daquilo e assim até, quase, ao infinito. Não podemos continuar a transformarmo-nos em especialistas de coisa alguma. Por este andar chegaremos ao absurdo de sabermos tudo sobre nada.²⁸

Atentemos agora, através da lente teórica explanada, na nossa área de intervenção, o desporto.

O desporto é uma reprodução da sociedade, assumindo-se como um autêntico microcosmo desta, e, portanto, tem vindo a adaptar-se aos novos valores emergentes através do decorrer dos tempos. As denominadas pós-modernidade²⁹ e/ou contemporaneidade,³⁰ apresentam-nos uma gama de novos desportos que nascem, fortalecem-se, consolidam-se ou passam de acordo com o surgimento de novos valores ou com a sua mudança hierárquica.

²⁸ É evidente que também não concordamos com visões ditas pluridisciplinares onde se sabe nada sobre tudo. Tanto uma visão como a outra estão, no nosso entendimento, equivocadas. Por exemplo, a tradição universitária é a disciplina que deve ser devidamente aprofundada e a transdisciplinaridade, que prevê que cada um consiga olhar para a sua realidade para além das próprias disciplinas. Não negamos o elevado valor da multi ou da interdisciplinaridade, mas preferimos aprofundar a disciplina e promover, com outros, a referida transdisciplinaridade.

²⁹ Segundo Ítalo Gastaldi, os principais traços da pós-modernidade são:- desconfiança na razão; - desaparecimento de dogmas, convicções e princípios fixos; - fragmentação das cosmovisões, através da abolição dos grandes relatos; - dissolução do sentido da história, levando a uma visão fragmentada da realidade; - pluralidade ideológico-cultural e uma forte dose de ecletismo religioso; - distância, em vez de conflito, entre as gerações; crise ética, traduzida em aumento do hedonismo narcisista e uma flexibilização geral dos costumes; - ateísmo, fragmentação das religiões tradicionais e emergência de formas difusas de religiosidade. *Educar e evangelizar na pós-modernidade*. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1994.

³⁰ Sabemos que as palavras ou expressões propostas para designar a sociedade em que vivemos não são totalmente coincidentes, mas neste trabalho não faz sentido um nível de aprofundamento demasiado complexo. Porém, os autores assumem estas incorreções terminológicas.

Nas últimas duas décadas somos espectadores do surgimento de novas atividades físicas que se transformaram em modalidades desportivas, tais como *skate*, *surf*, voleibol e futebol de praia, escaladas, ginástica aeróbia e tantas outras. Estes novos desportos fazem parte da vida dos nossos jovens porque estão mais de acordo com seus novos valores, tais como o gosto pela aventura e pelo risco, agilidade, desafios, *shows* ou espetáculos, precisão, aparência física, etc. Temos plena consciência de que os desportos convencionais também têm capacidade para reproduzirem estes valores, mas os nossos jovens buscam uma nova leitura, uma nova roupagem, enfim, estão sujeitos ao consumismo que marca o nosso tempo.

Podemos perceber que o desporto vem acompanhando estas mudanças à medida que se diversifica a sua prática, seja ao aceitar a inclusão de novas modalidades, seja nas adaptações acontecidas nos desportos tradicionais. Mesmo os desportos mais “clássicos” preocupam-se em ter uma imagem moderna e atual. Se tomarmos como exemplo o atletismo vamos encontrar atletas com roupas e acessórios personalizados, que muitas vezes nos lembram verdadeiros modelos. Os desportos coletivos alteram com frequência suas regras para atender melhor o público, reduzindo tempos, aumentando as dificuldades, incluindo apresentações artísticas nos intervalos, mudando os tradicionais uniformes para roupas coloridas e com um *design* que valoriza o corpo do(a)s atletas.

Mas se por um lado o desporto incorporou muito bem estes avanços da modernidade/pós-modernidade, a disciplina escolar Educação Física parece estar à margem deste processo. Ao longo das mesmas duas décadas, temos verificado no Brasil um claro aumento da evasão das aulas Educação Física, seja no ensino público ou privado. A Educação Física insiste em submeter-se em exclusivo às práticas desportivas tradicionais, não admitindo a possibilidade de que os seus programas curriculares estão ultrapassados e que não atingem os interesses dos nossos jovens, numa clara desadequação entre o que existe na sociedade e o que por si é oferecido. Os programas apresentam, quando muito, os desportos mais populares, sem considerarem as novas práticas que expressam com rigor estes novos valores sociais. A prática é oferecida de forma antiquada, quando não é mesmo negada ou substituída por outras atividades num discurso verdadeiramente antidesportivo. Infelizmente temos até constatado uma certa esquiva de muitos profissionais de

Educação Física das suas funções de educadores, esquecendo o importante papel que esta disciplina poderá ter para a construção de um modo de vida saudável, criando hábitos de prática física regular, causando curiosidade, gerando expectativas e desafios.

A educação, de uma maneira geral, parece não acompanhar as mudanças hierárquicas de valores, vendo-as como elementos secundários, desconsiderando seus efeitos e causas. Podemos acompanhar este distanciamento da escola relativamente aos anseios dos nossos jovens, mesmo naquilo que à estrutura física diz respeito. Os prédios escolares são austeros, sombrios, sem espaços de convivência, cada vez mais distantes dos ambientes coloridos, alegres e acolhedores do *shopping*, das academias ou dos clubes. Como podemos querer atrair e motivar nossos alunos para a escola se cada vez mais esta se distancia dos seus valores? Como podemos educar sem antes encantar? Como podemos criar o princípio da descoberta e da conquista, quando negamos o novo?

A natureza deste trabalho não permite que sejamos demasiado extensivos no que respeita à apresentação dos diferentes assuntos aqui escolhidos. Ao longo do livro, aquando do desenvolvimento dos diferentes temas escolhidos, teremos o ensejo de aprofundar alguns dos grandes valores que enformam a nossa existência, pelo que neste momento iremos apenas deitar o nosso olhar a um valor que nos dias que correm se assume com uma importância extrema: a estética.

A estética como um valor na sociedade e no desporto³¹

Estética como valor

A palavra estética é originária do grego, *aisthesis*, significando perceção ou sensação. Segundo Hegel,³² só em meados do século XVIII, através de A. Baumgarten (1714-1762), é que esta palavra entrou no vocabulário moderno, querendo significar a ciência das sensações. É evidente que não cabe discutir no presente trabalho se a estética é mesmo uma ciência, e por isso submetida aos cânones e critérios da

³¹ O texto completo a respeito deste tema pode ser encontrado em Rui Garcia e Kátia Lemos. "A estética como um valor na Educação Física". *Rev. Paul. Educ. Fis., São Paulo*, 17(1): 32-40, jan./jun. 2003.

³² G. W. F. Hegel. *Estética*. Lisboa: Guimarães Editores, 1995 (1ª edição 1835).

racionalidade cognitivo-instrumental, ou se se legitima através de uma outra racionalidade que não esta. Aqui, neste trabalho e baseados nos autores citados, estética será entendida como a reflexão filosófica sobre a beleza e a arte, e como um significativo valor humano.

Para Manuel Ferreira Patrício a estética é a disciplina que tem como objeto formal a reflexão sobre a beleza, sendo que esta ocupa hoje um lugar cimeiro no quadro axiológico da sociedade onde nos inserimos, de tal forma que levou Delfim Santos³³ a considerar que o belo não é um conceito nem uma ideia: é um valor e, portanto, residente na esfera emocional do homem.

É, talvez, repousado nesta afirmação de belo como valor, que vários autores³⁴ consideram que uma moral humanista se deve pautar pelo Bom e pelo Belo, pelo que a busca da excelência humana deve também orientar-se por estes importantes valores.

As palavras belo, beleza e estética, quando percebidas através desta visão humanista, não mais poderão ser consideradas como elementos simbólicos da futilidade ou da frivolidade dos nossos tempos, mas encaradas como valores existenciais, pelo que deverão ocupar o seu devido lugar no processo educativo, não podendo a Escola em nenhum dos seus ciclos ou níveis de ensino nem, tão pouco, as outras profissões associadas à Educação Física alhearem-se destes valores. Acreditamos na educação em valores, pelo que estes terão que ser considerados na sua plenitude.

Platão, na sua obra de referência, *A República*, alude à necessidade da harmonia entre a alma e o corpo - o seu aspeto externo - enfatizando a beleza corporal, sendo que o belo e o bom, no século V a.C., traduziam o ideal de perfeição física e moral.³⁵ A grandeza humana tinha assim um suporte físico pleno de harmonia estética, como, aliás, a estatuária grega evidencia com todo o seu esplendor. É de salientar que o nu

³³ Delfim Santos. *Obras completas: Da filosofia – do Homem* (vol. II). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982.

³⁴ Por exemplo, António Teixeira Fernandes. *Para uma sociologia da cultura*. Porto: Campo das Letras, 1999; Manuel Ferreira Patrício. *Op. Cit.*

³⁵ O adjetivo grego *kalos* «belo» tem frequentemente um valor ético, como nos adverte Maria Teresa Schiappa de Azevedo, aquando da sua tradução do grego do livro de Platão, *Fédon*. Coimbra: Livraria Minerva, 1998, p. 171.

artístico grego, ainda hoje referência estética, foi inspirado pelos corpos dos atletas de então.

Leonardo da Vinci não se cansava de aludir à beleza da natureza, quer na sua proporção quer na sua essência, embora tenhamos a consciência que Hegel não considerava a natureza na perspectiva estética. Para ele, estética é a transcendência da natureza, isto é, a obra humana situada para lá do natural.

Alain Touraine,³⁶ na sua análise à modernidade, entende a evolução do pensamento como uma passagem da razão de Deus para a razão do estado, e desta para uma razão estética, assumindo esta última um papel preponderante no pensamento contemporâneo. A este respeito, Gilles Lipovetsky não hesita em considerar o imperativo narcísico como glorificado pela nossa cultura, nem Alain Touraine em elevar os deuses do prazer ao altar-mor do panteão do nosso tempo.

A beleza deve traduzir-se assim em uma preocupação educativa, sendo necessária para o correto desenvolvimento da personalidade dos jovens de hoje, pelo que importa tratá-la na totalidade das suas componentes, quais sejam, centradas na fruição, na criação e mesmo na sua reflexão, como muito bem nos acautela Manuel Ferreira Patrício.

Estética e sociedade

A estética, em especial a corporal, aparece como um valor de extrema importância nesta nossa sociedade, considerada por Marc Augé³⁷ como sendo da imagem. Entendemos legítima a abordagem pela estética do corpo humano, mesmo na linha da transcendência da matéria enunciada por Hegel, para quem as obras de arte não são produtos naturais, mas produtos humanos, em virtude de considerarmos o corpo humano como uma verdadeira construção cultural, sendo comparável a um pedaço de madeira que cada um esculpe de acordo com a sua própria vontade e satisfazendo os mais variados projetos individuais.

³⁶ Alain Touraine. *Crítica da modernidade*. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

³⁷ Marc Augé. *Pour une anthropologie des mondes contemporains*. Paris: Aubier, 1994.

A ideia da “morfogénese cultural” do corpo humano³⁸ mostra-nos que cada vez mais a própria forma corporal está umbilicalmente submetida à cultura, sendo, por isso, em grande parte um produto do espírito e não simplesmente o resultado da natureza. Romano Guardini alude que uma obra de arte é uma criação cultural, na qual o ser humano supera a própria natureza, acrescentando-lhe algo, sendo que essa realização pressupõe liberdade, a partir da qual se situa perante o mundo em que atua.

Sendo o corpo humano, como já indicamos, uma construção, é justo referenciá-lo como uma verdadeira obra de arte, como uma imagem produzida pela cultura, como algo mobilizável pelos diferentes ambientes socioculturais e não como um simples produto da biologia ou da natureza.

A imagem que o nosso tempo “elegeu” como a ideal, aproxima-se bastante daquela evidenciada pelos jovens, de onde resulta o imperativo ético de *mantém-te jovem o mais tempo possível*. No entanto, este imperativo não perspetiva a totalidade dos valores associados à juventude, mas apenas aqueles referentes ao aspeto exterior, à imagem que se projeta para a sociedade. Mais importante que as virtudes/defeitos da juventude, são as impressões corporais transmitidas para o exterior, onde o *ser* é nitidamente subjugado ao *parecer*. Não se *é* jovem, mas tenta-se *parecer* jovem.

A imagem, ou se quisermos ser mais rigorosos, os contornos corporais postos em evidência pela imagem, tornam-se preponderantes nesta nossa sociedade contemporânea, nomeadamente nos meios urbanos ocidentalizados, onde se institucionalizou toda uma cultura, mesmo um negócio, em torno deste relevante valor.

O homem tem a consciência que é um ser finito e essa consciência cada vez mais é-nos proporcionado pelo corpo. Com efeito, o tempo *somatiza-se*, modificando de tal forma os nossos corpos que basta a imagem destes para que consigamos perceber a idade do outro. Na busca da eternidade, o homem moderno tudo faz para que o corpo não evidencie as indeléveis marcas do tempo, tentando assim iludir aquilo que é inexorável e, até hoje, invencível.

³⁸ O conceito de morfogénese cultural do corpo humano encontra-se em Rui Garcia. “Da desportivização à somatização da sociedade”. In J. Bento, R. Garcia & A. Graça, *Contextos da pedagogia do desporto*. Lisboa: Livros Horizonte, 1999, pp. 113-163.

Cresce o número daquelas pessoas que não querem ser vistas com determinado invólucro exterior, reflexo do tempo, mas com um outro, mesmo que o interior seja completamente diferente. Querem ser vistas sem o tempo, cristalizados num momento efémero, mas socialmente confortável, ou seja, querem permanecer jovens. O corpo associado a estas idades é aquele onde tudo parece ser harmonia, onde a beleza se irradia com mais evidência, onde se atinge melhor a ilusão da ideia de perfeição humana. É ainda o corpo com que muitos de nós gostaríamos de perpetuar para a eternidade.

Para que tal aconteça é necessário construir uma imagem esteticamente agradável, valendo tudo, mesmo o desporto, assumindo este um importante papel para a consecução deste processo de simulação.

Estética e desporto

Um profissional de Educação Física atua com pessoas que vivem num local bem preciso e num tempo definido com rigor. O nosso tempo é este, que se rege por valores estabelecidos, pelo que a ação deste profissional terá que se desenrolar no contexto aqui exposto.

A estética é um valor a que se dá uma importância muito grande, pelo que é intolerável que não se a considere com o devido respeito.

A estetização da sociedade é uma evidência que muitas vezes, erradamente, é confundida com narcisismo. O culto do corpo, quando não uma obsessão, deve ser respeitado e o desporto tem conseguido com equilíbrio assegurar a cada um a real possibilidade de viver este valor. O desporto, como já tivemos ocasião de frisar, multiplicou-se e começou a considerar também práticas onde a estética surge sem receios ou com falsos pudores.

As novas modalidades e a evolução daquelas mais clássicas concorrem no sentido da sua estetização, como se poderá observar através de alguns exemplos.

Pensemos nas atividades desportivas disputadas nas praias.

Em primeiro lugar, impõe-se afirmar que a ida do desporto para a praia deveu-se à necessidade de este se encontrar com as pessoas e não de ficar à espera que estas se deslocassem para os seus locais tradicionais de prática.

Em segundo lugar, na praia há toda uma exaltação do corpo humano, que assim foi aproveitada pelo desporto para chegar a núcleos mais vastos da população.

Em terceiro lugar, importa afirmar que em certa medida o modelo do desporto na praia passou a ser hegemónico, uma vez que o desporto que ocorre nos espaços clássicos incorporou alguns dos seus aspetos mais característicos, como foi o caso da indumentária do(a)s praticantes.³⁹

A estética não pode ser considerada como um valor subalterno ou de menor dignidade, mas como uma experiência do belo e do bom. Aliás, estética e ética não se anulam mutuamente como, aliás, a metafórica criação do mundo nos ensina. Com efeito, Deus quando criou o mundo e todas as suas coisas (exceto o homem, que não é uma coisa) *viu que era bom*⁴⁰ Não viu apenas que era belo mas que era bom, incluindo, estamos certos, a categoria da beleza.

Por isso não é justo criticar a dimensão estética do desporto. A estética é um tema ético de desporto. Aqui arriscamos a retirar a palavra quase, apenas lamentando não termos o engenho e a arte para elucidarmos os Leitores sobre a extraordinária importância que tem a estética para as pessoas.

³⁹ Conhecemos as pressões exercidas pela Federação Internacional de Voleibol no sentido de alterar o equipamento das jogadoras de voleibol *indoor*, tentando igualizá-lo àquele utilizado no voleibol de praia, o que revela a importância deste último modelo de desporto.

⁴⁰ Como seria de calcular, estamos a referenciar, de forma livre, o Antigo Testamento, mais propriamente o primeiro dos cinco livros que formam o Pentateuco, *Génesis*, ou a narrativa da criação.

Tema 1 – Doping

O *doping* é apresentado como sendo o maior flagelo do desporto no nosso tempo. Por vezes cria-se a ideia de que todos os atletas estão dopados e que a excelência desportiva só é conseguida à custa de drogas.⁴¹ Outros pensam que os treinadores não passam de intermediários de drogas e que os atletas só o são porque as consomem. Enfim, é retirada toda a beleza ao desporto, criando-se a ideia que os atletas são vilões e o desporto uma verdadeira *máfia*, ao nível daquela imortalizada por Marlon Brando no filme *O Padrinho*.

Se o *doping* é uma atitude que poderemos considerar como inadequada em relação aos elevados valores éticos do desporto, também a nossa indiferença a estes ataques não é uma atitude que se recomende. Um profissional de Educação Física comprometido com a sua profissão não pode contribuir para a continuação desta falácia.

Pensemos, então, na droga no desporto, sem confundir as letras. Infelizmente por vezes surgem afirmações desgarradas ou discursos elaborados no nosso seio onde se substitui a letra *n* pela letra *d* da expressão *droga no desporto*. Esses, embora possam pensar que estão a realizar uma importante tarefa, nada mais fazem do que destruir a reputação de uma das mais brilhantes e justas atividades humanas, qual seja, o desporto.

Analisemos, então, o tema do *doping* no desporto.

O desporto moderno, embora herdeiro de uma tradição antiquíssima e com fundamentos que assentam na própria existência humana, e por conseguinte considerados como fundamentos antropológicos, tem as suas raízes mais superficiais na idade moderna, ou seja, é fruto da revolução intelectual francesa⁴² do século XVIII e tornado visível pela lógica da revolução industrial do século XIX.

Precisamente o século XIX pode ser considerado como o século do(s) materialismo(s), pelo que é de aceitar que muitas das atividades humanas se tivessem tornado interessantes do ponto de vista mercantil. O desporto,

⁴¹ Embora tenhamos a noção que *doping* e droga não sejam exatamente a mesma coisa, por vezes estas palavras poderão ser utilizadas com sentidos semelhantes.

⁴² Para Dietrich Schwanitz, esta revolução fez nascer um Novo Mundo, cujo programa consistia em substituir a religião pela ciência e a fé pela razão. *Cultura. Tudo o que é preciso saber*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2004, pp. 147-149.

naturalmente, não fugiu a esta lógica compressora e assistiu à sua mercantilização, tornando-se em mais um produto com determinado valor económico e não apenas concretização de um simples ideal romântico. Este ideal, mais tarde imortalizado pelo Barão Pierre de Coubertin,⁴³ tem sido o grande pilar que sustenta a pureza do desporto e que ainda hoje é considerado como sendo seu o discurso ético.

Assim, paulatina, mas de maneira consequente, o rendimento físico transformou-se num valor económico, podendo cada um atingir fins económicos através desse desempenho motor.

Por outro lado, a mobilidade social resultante do desporto também surgiu no horizonte dos atletas, constituindo-se o próprio desporto como um meio privilegiado para o reconhecimento público e para alteração do estatuto social de todos aqueles que realizavam ou realizam determinadas proezas atléticas. São públicas as notícias jornalísticas sobre a importância do desporto para a mobilidade social dos atletas, quer em países considerados capitalistas quer em países designados como socialistas, o que prova o carácter não ideológico do desporto.

No fim de contas, ressaltando-se as devidas proporções, a sociedade moderna, também através do desporto, relançava a ideia do super-homem, ideia esta tão do agrado de F. Nietzsche, que por vezes é entendida como um apelo a um homem sem limites.

Não há muito tempo, outubro de 1997, num seminário internacional de Atletismo realizado sobre os auspícios da IAAF (Federação Internacional de Atletismo Amador) e que teve lugar na capital da Hungria, Budapeste, foi defendida a tese que o homem não tem limites, havendo sempre recordes para se bater e mais velocidade para se atingir. Esta infeliz conclusão remete-nos para o arrepiante, mas ao mesmo tempo profético, questionamento de Karl Kraus,⁴⁴ “de que serve a velocidade, se pelo caminho se lhe vaza o cérebro?”. Curiosamente no referido seminário que aludiu ao fim dos limites humanos, foram reveladas novas formas, algumas revolucionárias, de combate ao *doping*, o que demonstra que, afinal, o desporto tem limites, sendo um deles, porventura o fundamental, a ética.

⁴³ De certa forma, a *Ode ao desporto* escrita pelo fundador dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, canta romanticamente os superiores valores do desporto.

⁴⁴ Filósofo alemão que viveu de 1781 até 1832, discípulo de Fichte e Schelling.

No que diz respeito ao conhecimento, concebeu-se que o homem conseguiria, pela razão, alcançar toda a verdade, naquilo que foi designado como o *Demónio de Laplace*.⁴⁵ Para tal bastaria estudar, uma vez que todo o conhecimento estaria ao seu alcance. Um simples exemplo facilita a compreensão deste *Demónio*: imaginemos um homem que sem viciar os dados consegue saber que faces dos dados irão sair, calculando instantaneamente para isso a altura e velocidade de saída, o atrito do ar e da superfície da mesa e todas as outras variáveis físicas aqui não consideradas. Agora multipliquemos este “simples” exemplo por todos aqueles que possamos imaginar e teremos em traços largos as características do cientista que a modernidade pensava que poderia criar.⁴⁶ Felizmente que este *Demónio* não passa de um delírio, sendo pouco provável que alguma vez consiga ver a luz do dia.

Intimamente associada a esta ideia do fim dos limites no conhecimento, surge o conceito de progresso ilimitado. Em tudo, mas mesmo em tudo, o homem não tinha que se submeter a limites, podendo falar-se, embora com determinadas reservas, de um homem sem ética.⁴⁷

Foi durante o tempo destes devaneios que o desporto moderno se concretizou. Foi por esta visão que o desporto se desenvolveu ao longo de várias gerações. Foi neste ambiente axiológico que o desporto aportou no nosso tempo. Foi neste contexto que se desenvolvem as suas estruturas fundamentais, tais como o Comité Olímpico, as Federações e Confederações desportivas, pelo que pensar num desporto eivado de *doping* não seria de todo descabido. O ambiente externo ser-lhe-ia favorável, mas isso não aconteceu! O *doping* foi sempre um fenómeno periférico e bem localizado, sem uma expressão relevante, exceto para aqueles que preferem apenas ver a árvore seca no seio de uma floresta imensamente verdejante.

Costumamos, aquando do nosso mister, comparar o desporto a um oásis existente num gigantesco deserto. Como sabem, num oásis também há areia, mas aquilo que transforma o deserto em oásis é a água e são as palmeiras. É evidente que continua

⁴⁵ No fim de contas, um homem que tudo soubesse equivaler-se-ia a Deus.

⁴⁶ Ainda é frequente ouvir dizer que um professor de Educação Física tem que dominar com profundidade fisiologia, biomecânica, psicologia, sociologia, pedagogia, enfim, cada um teria que ser um autêntico *Demónio de Laplace*.

⁴⁷ Não custa aceitar a ética como a colocação de limites ao ser humano. Nesta perspetiva, uma sociedade sem limites é uma sociedade que não está sujeita a valores éticos, ou seja, numa visão simples, uma sociedade desprovida dos mais profundos valores humanos.

a haver areia, mas não é isso que faz distinguir aquela porção de terra da restante. O que é verdadeiramente significativo e que diferencia os espaços é tudo aquilo que está para além da areia.

No desporto também há aspetos menos positivos, mas aquilo que o distingue do resto da sociedade são exatamente os seus aspetos mais característicos. Fazer crer que o desporto é *doping* ou corrupção é ver somente a areia do oásis, sem olhar para o essencial.

O desporto cumpre uma importante função utópica. A *utopia*, extraordinariamente desenvolvida pelo inglês Thomas More⁴⁸ no livro com esse mesmo nome, tem sido e continuará a ser um dos principais vetores que orienta a vida da nossa sociedade ocidental. No fim de contas, o sentido da democracia é o sentido da ilha da Utopia de More, uma ilha onde a igualdade era vivida, onde não havia oprimidos nem opressores, onde não existiam conflitos sociais nem geracionais. A ideia é bonita, podendo, inclusive, ser herdeira de uma tradição antiquíssima, da Grécia Clássica. Aí, a tendência era essa cantada pela *Utopia*, mas para que houvesse homens verdadeiramente livres havia milhares de escravos para realizarem as tarefas mais mezinhas do quotidiano. Os Hilotas e, de certa maneira também, os Periecos, satisfaziam as exigências sociais para que uma minoria fosse livre. Essa minoria dedicava-se às mais variadas atividades, mesmo àquelas de caráter lúdico.

Ora, o desporto moderno pretende exatamente a construção de uma “sociedade lúdica”, onde os princípios da igualdade de oportunidades e do livre desafio se assumam como os únicos princípios aceitáveis. Porém, sabemos que essa igualdade nem sempre é conseguida, sendo algumas vezes camuflada sob diversas capas. No entanto não podemos negar que é muito mais procurada do que na generalidade de outras artes. No desporto o *doping* é duramente combatido. Contudo, temos que o admitir, tem sido uma luta desigual entre os diferentes países. Enquanto os atletas de inúmeros países têm que “jogar limpos” outros, porque os meios tecnológicos dos seus países permitem tal possibilidade, poderão estar sempre à frente da tecnologia da luta *antidoping*.

⁴⁸ Thomas More nasceu em Londres em 1478 e foi executado por ordem do Rei Henrique VIII em 1535, tendo sido canonizado em 1935. O livro *Utopia* é um romance político-social.

Mas a ideia que prevalece é a igualdade entre os concorrentes e a negação do artificial para obter a melhoria dos resultados. Em quantas outras atividades humanas tal é conseguido? Será que os grandes artistas do mundo do espetáculo, os cantores, os pianistas não tomam drogas - mesmo aquelas consideradas duras - para melhorar os seus desempenhos artísticos? E que dizer dos escritores que, em momentos de grande inspiração, tudo fazem para escrever, escrever, escrever nem que para isso tenham que tomar drogas para se manterem despertos? E os estudantes? Quantas vezes não tomam ou tomaram um ou outro medicamento para assim poderem aumentar artificialmente o tempo de estudo?

Estamos perante perguntas retóricas, mas que poderão enquadrar a justeza do desporto, pois apenas nesta atividade humana é que há um efetivo controlo dessas drogas, conferindo a este uma condição única de verdade. Esta é que é uma das funções utópicas que o desporto possui. É a verdadeira vitrine da sociedade que aparentemente perseguimos, a sociedade justa onde o mérito é conseguido pelo próprio esforço e não fruto de fatores adicionais eticamente reprováveis.

Por outro lado, mas não um lado despiciendo, não compreendemos a razão pela qual o ónus da dopagem recaia sobre o desporto ou sobre determinado desportista, e não sobre aquela pessoa ou entidade que investiga, realiza, fornece e aplica a droga ao atleta. Só grandes especialistas do mundo das ciências biomédicas é que têm capacidade para procederem à dopagem dos atletas. As drogas que existem no desporto são sempre de última geração, não estando ao alcance de qualquer um o seu fabrico, manipulação e ocultação. É por isso que os países tecnologicamente mais evoluídos também estão à frente na elaboração das drogas existentes no meio desportivo. Mas a culpa, depois, recai unicamente em pessoas que muitas vezes nem sequer têm noção daquilo que lhes é aplicado. Por vezes confunde-se o estatuto de vítima com o de "réu".

Não queremos defender os prevaricadores, mas também não queremos ser injustos por omissão relativamente àqueles que promovem o *doping*. Se o rendimento desportivo se mercantilizou, também as grandes indústrias farmacêuticas vivem de produtos que nem sempre são lícitos no campo do desporto.

Não há muito tempo uma ginasta europeia perdeu a sua medalha de ouro por ter sido apanhada nas malhas do controlo *antidoping*. O produto encontrado, composto

por uma substância proibida, mas de uso corrente na medicina, que foi tomado por essas razões e devidamente receitado por um médico, inibe a coordenação motora. Como é que uma substância com estas características pode ser considerada como *doping* na ginástica artística feminina? Mas foi, sem compaixão, tida como tal.

Também não há muito tempo num atleta saltador em altura foi detetada uma droga social, neste caso cocaína, que nada tem de benéfico para a performance desportiva em causa. Mesmo assim, sem qualquer discussão, esse atleta foi severamente castigado.⁴⁹

Para além destes exemplos factuais há um outro aspeto que convém realçar: ninguém, seja a que país pertença, está imune às sanções desportivas. Pode ser cidadão do país mais poderoso do planeta que as sanções se aplicam da mesma forma, tal como temos assistido nos últimos tempos com, por exemplos, elementos da seleção de atletismo dos Estados Unidos da América do Norte.

Que outra atividade humana conseguiria ter força moral para proceder desta forma? Arriscamos a seguinte resposta: nenhuma! Para isto basta pensar, por exemplo, no Protocolo de Quioto, em que o país atrás mencionado, simplesmente afirma que o não vai cumprir e ninguém tem capacidade para o obrigar a assumir esse acordo mundial. No desporto ninguém poderá assumir uma atitude semelhante. Seria de imediato irradiado da prática desportiva.

Por isso é que nas atividades desportivas o *doping*, a violência e a fraude são facilmente detetáveis, pois o desporto, ao cantar a moral, torna visíveis os comportamentos – poucos – que lhe são estranhos. Esta é a grande força do desporto e, na nossa visão, apenas pessoas orientadas pela mesquinhez, mesmo intelectual, é que conseguem ver outra coisa que não o caminho para a sociedade utópica.

A droga é condenada pela sociedade, mas o *doping* é mais condenado pelo desporto. Como evidência do exposto vemos que se discute com bastante mais facilidade o uso em liberdade de drogas na sociedade do que a utilização de *doping* no desporto. Nunca como agora houve tanta liberdade para o consumo de drogas nem, qual

⁴⁹ Estes exemplos são retirados da imprensa e por isso aqui apresentados com as devidas reservas. No entanto importa esclarecer que conhecemos casos semelhantes, mas que apenas não tiveram qualquer apontamento jornalístico.

paradoxo, tanta repressão contra o uso de *doping* no desporto. Que lição de moral dá o desporto ao mundo. Veja-se ainda que uma das formas mais comuns para evitar que os jovens caiam na marginalidade e no consumo de drogas é promover a prática desportiva. Temos exemplos já estudados com alguma profundidade que mostram que tal é possível e tem sido realizado.

Na visão platónica, a moral no desporto parece assim estar mais próxima do ideal ético do que a moral da sociedade. Parece que esta é mais um subproduto do desporto e não a moral desportiva consequência de uma moral englobante.⁵⁰

Se a utilização de qualquer forma ilícita para conseguir o rendimento é condenável na perspetiva ética, ao profissional de Educação Física também deve estar interdito o uso de substâncias dopantes no decurso da sua atividade em academias ou afins.

O *doping*, no fim de contas, é algo que muitas vezes se inscreve no universo das normas jurídicas. Por tal, quando se fala em *doping*, torna-se necessário haver um processo de validação desse juízo. Neste caso esse processo está edificado sobre a forma de leis ou regulamentos, emitidos por organismos internacionais, nomeadamente Federações ou Comitês. Enquanto determinadas condutas poderão ter um juízo subjetivo face mesmo às tradições locais, as normativas sobre o *doping* são esclarecedoras e indiscutíveis, exceto se a argumentação for de ordem jurídica, mesmo que seja eventualmente “imoral”.

Estamos face a um valor ético – igualdade entre os praticantes – balizado por uma norma jurídica – regulamentos federativos. Assim, encontramos-nos perante um valor mensurável, pelo que poderá ser um número a afirmar a “eticidade”, a moralidade de um comportamento ou de uma conduta.

Seguindo esta linha de pensamento compreendemos por que é que por vezes uma concentração de determinada substância de x não é tolerada, sendo considerada como *doping*, enquanto a concentração de y não é tida como tal. Essa linha, ténue por natureza, existe no desporto de elevado nível sendo completamente inexistente em outros locais onde a atuação do profissional se faz sentir. Porém, esse facto não

⁵⁰ Sem rigor filosófico atrevemo-nos a afirmar que a moral kantiana, inspirada que está na ideia do dever, impregna o desporto, enquanto que a moral mais de tipo prazerosa, tendencialmente sem limites, se faz sentir mais na sociedade em geral.

legítima que se possam utilizar substâncias ilícitas no desporto nesses locais só porque nada está regulamentado.

É nossa firme convicção que o modelo desportivo tido como oficial deve reger a nossa conduta profissional, mesmo quando atuamos em outros ambientes. Não podemos ser sensíveis ao uso de, por exemplo, esteroides anabolizantes no desporto de alto rendimento e fecharmos os olhos ao seu consumo nas academias onde se cultua o corpo. Não pode haver um código ético do profissional para um campo de atuação e um outro, mais permissivo, para outro local onde se exerce o ofício da Educação Física.

Aliás, o CONFEF, e muito bem, aponta, no seu Código de Ética, nomeadamente no artigo 4º, alínea I, “o respeito à vida, à dignidade (...)”. Não há, não pode haver no horizonte do nosso profissional, dois modelos de vida nem de dignidade humana, pelo que aquilo que está superiormente legislado para o desporto de elevado nível deverá servir de farol para as outras atividades, ainda não tão rigorosas no que respeita aos aspetos relacionados com o consumo de substâncias dopantes.

Temos a plena consciência que nas academias e em outros locais similares a questão das drogas é extremamente complexa, dado que os modelos de prática das atividades físicas existentes são muito diversos. Mas o profissional nunca poderá ser conivente com práticas que coloquem em causa o exposto na alínea I do 5º Artigo do Código de Ética: “comprometimento com a preservação da saúde do indivíduo e da coletividade (...)”. Se as leis contra a dopagem do desporto são normativas pela vida, é por esses princípios que deveremos reger sempre as nossas outras atividades, mesmo que existam omissões nas leis que as regulamentam.

Uma conduta orientada pelos superiores valores éticos deve ser atributo de todos os profissionais onde quer que atuem como verdadeiros profissionais de Educação Física.

Mais uma vez o desporto, em especial aquele modelo invocado pelos Jogos Olímpicos, nos mostra quão adiantado está relativamente à moral social. Tomara nós que todas as atividades do nosso universo profissional se regessem pelas leis do desporto do mais elevado nível competitivo. Mas não. Só o desporto de elevado nível é que se preocupa e tem capacidade para promover, dentro do possível, a justiça, a igualdade e pureza de comportamentos. É por isso que se tornam

incompreensíveis os ataques que por vezes assistimos por parte de profissionais de Educação Física ao desporto.

Finalmente, e entrando num campo deveras pantanoso, impõe-se uma palavra de respeito relativamente àquelas pessoas que em nome do *ego-building*⁵¹ consomem produtos prejudiciais à vida.

O Artigo 4º, alínea III, o Código de Ética afirma a “ausência de discriminação ou preconceito de qualquer natureza”, pelo que o praticante de atividades de academia que ingere determinadas substâncias químicas (autênticas bombas anabólicas) terá que ser respeitado e compreendido. Repare-se que a ingestão consciente de uma droga deste tipo é uma opção pessoal, cabendo ao bom profissional não ser conivente com essa decisão, devendo aconselhar o cliente⁵² da academia a respeitar os ritmos naturais do seu corpo, mas, tal como aponta o articulado enunciado, não discriminar a pessoa.

Muitas vezes os comportamentos desviantes⁵³ têm origens multicausais, não sendo correto nem desejável votar essas pessoas ao ostracismo. Tentar uma diminuição do consumo de drogas nessas pessoas pode ser uma tarefa tão estimulante e eticamente tão importante como conduzir um grupo de atletas ao rendimento de mais elevado nível por caminhos contrários à utilização do *doping* desportivo.

Ética e tolerância podem ser palavras conjugadas em conjunto. Ética e convivência, ética e discriminação ou ética e ausência são palavras que não se ligam mutuamente. O desporto há muito que convocou a ciência e a tecnologia para o seu seio. Não é de agora esta relação mútua, como muito bem se poderá perceber através de simples exemplos. Entre outras áreas científicas, a biomecânica, a fisiologia e, mais recentemente, a informática estão no desporto, ajudando-o a resolver os seus problemas, projetando-o para outras dimensões. Os aparatos tecnológicos envolvidos são cada vez mais sofisticados, sendo difícil conceber hoje o desporto,

⁵¹ Gilles Lipovetsky prefere utilizar a expressão *ego-building* do que a habitual expressão *body-building*, deslocando assim a construção do corpo para o ego. *O Crepúsculo do dever*.

⁵² Neste caso preferimos utilizar a designação de cliente da academia e não de beneficiário, para que assim possamos distinguir a pessoa que procura o profissional (o tal beneficiário) daquele que apenas procura um espaço físico (o cliente da academia) para atingir os objetivos pretendidos, sem prestar muita atenção ao professor. Esse é o cliente de uma empresa, alugando um espaço durante algum tempo, mas não solicitando os préstimos profissionais de um especialista em Educação Física.

⁵³ Embora saibamos a forte conotação destes comportamentos com o ilícito, não receamos o emprego da palavra da família de desvio para o qualificar.

mesmo aquele de grandes massas, sem determinados aparelhos, máquinas ou instrumentos. Cada vez mais nas convenções de Educação Física⁵⁴ aparecem empresas a vender tecnologia sofisticada para a prática desportiva a preços relativamente baixos, o que significa que existem grandes produções, ou seja, um grande consumo destes bens utilitários.

Mas, como em tudo na vida, há sempre faces ocultas que não se querem desvelar. A tecnologia, para além de tudo aquilo que tem de positivo, por vezes coloca ao homem problemas éticos que depois não é capaz de resolver.

A biotecnologia, a engenharia genética, terapia genética, manipulação genética ou qualquer outra área de interface científica bem recente, permitiram que o ser humano tivesse acesso a dimensões da vida até aqui interditas. A própria criação deixou de ser algo para além da compreensão humana para se transformar num ato que pode ser mobilizado pela nossa vontade. Aquilo que apenas há alguns anos faria parte da ficção científica é hoje realidade. A clonagem, a replicação de células em laboratório e outras técnicas afins, fazem parte do nosso vocabulário diário, banalizando o ato mais transcendente, que é a própria criação da vida. Se antes criar era um desígnio divino e corrigir uma capacidade humana,⁵⁵ hoje parece que o homem também quer assumir o papel de criador de vida.

Naturalmente que houve, e há, pessoas que exploraram o desporto para desenvolverem estas novas tecnologias, aplicando-as a desportistas, podendo criar autênticos atletas em laboratórios, quiçá o sonho do nazismo,⁵⁶ num claro “aperfeiçoamento da raça”^{57 58} sem violar uma única norma jurídica referente ao

⁵⁴ Um exemplo possível entre tantos outros são os congressos anuais de Educação Física organizados sob a égide da FIEP em Foz do Iguaçu.

⁵⁵ Veja-se o Dr. Ivo Pitanguy, cujos atos médicos pretendem, entre outras coisas, corrigir aquilo que foi criado.

⁵⁶ Provavelmente assistimos agora à reabilitação da ideia de super-homem proposta por Nietzsche e que, de forma inapropriada foi invocada pelo regime fascista alemão.

⁵⁷ É evidente que a expressão supra está entre aspas, dado que entre nós só existe uma única raça, a humana. Se entre os homens e muitos animais as diferenças no ADN podem ser inferiores a um mísero 1%, entre cada homem as diferenças serão nulas, não sendo por isso legítimo falar em raças humanas, mas apenas em diversidade cultural.

⁵⁸ Gilberto Freyre, nas suas obras magistrais que o imortalizaram, mostrou que este “aperfeiçoamento racial” não é de agora. A diferença situa-se na tecnologia ao dispor do homem e não apenas na cor da pele dos progenitores.

doping. Para Mirelle Delamas-Marty,⁵⁹ a grande novidade da tecnologia recentemente desenvolvida é a de possibilitar a modificação da espécie humana sem atentar contra o direito à vida.

Creemos que ainda não há uma discussão profunda e fundamentada sobre esta possibilidade de construção laboratorial de atletas, hipótese esta inscrita nas preocupações de Delmas-Marty. Provavelmente é possível construir um superatleta em laboratório sem contrariar o exposto na legislação sobre *doping*. Se a ciência permite estes avanços tecnológicos, caberá a alguém uma vigilância ética sobre o processo e sobre o produto resultante do génio humano.

Dalai-Lama, independentemente de qualquer outro juízo que possamos fazer em relação à sua doutrina religiosa, é muito feliz quando afirma que se o cientista vir que a investigação em que está envolvido é suscetível de prejudicar os outros, devido ao sentimento de responsabilidade, deverá desistir dela.⁶⁰ É por esta razão que o juízo ético consubstanciado na questão “até onde é que posso, até onde é que nós podemos ir”⁶¹ é de extrema complexidade neste nosso mundo onde os avanços técnicos parecem resolver todos os sonhos mais ousados, convidando-nos a cometer todos os devaneios, num genuíno *eros científico* que nos poderá levar à incapacidade de domínio dos próprios produtos do génio humano, abrindo de par em par a *Caixa de Pandora* da nossa existência. A biotecnologia aplicada ao desporto poderá ser uma das chaves para abrir essa mítica caixa, com todos os riscos inerentes a essa decisão.

Queremos concluir este tema (quase ético) de desporto afirmando que há valores humanos que são, têm que ser, indiscutíveis. A vida humana, desde o momento da sua criação até à dignidade da morte, é um deles. Se o chamado *doping genético*⁶² interfere seriamente com a vida, então deverá ser repudiado como se repudia qualquer produto farmacêutico que induz ao êxito sem o trabalho.

⁵⁹ “O direito é universalizável?”. In Jean-Pierre Changeux (org.). *Uma mesma ética para todos?* Lisboa: Instituto Piaget, 1999, pp. 139-158.

⁶⁰ Sua Santidade o Dalai –Lama. *Ética para um novo milénio*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000, p. 104.

⁶¹ Encontramos uma excelente discussão sobre este juízo ético em Jean-Paul Resweber. *A filosofia dos valores*. Coimbra: Almedina, 2002, pp. 100-102.

⁶² Recentemente, agosto de 2004, a revista *Scientific American* (versão brasileira), publicou um interessante artigo intitulado precisamente “Doping genético: pode mudar a natureza do desporto”, de autoria de H. Lee Sweeney.

Tema 2 - Desporto para Pessoas com deficiência(s)⁶³

Nos últimos tempos assistiu-se a uma pluralização do desporto, quer no concernente à natureza das suas práticas quer no que respeita às pessoas nele envolvido. No fim de contas, o desporto concretizou o ideal para a educação preconizado no século XVIII por Comenius⁶⁴ e imortalizado pelas palavras **Todos – Tudo – Sempre – Todas**.

Perguntava, então, Comenius:

- *Quem na educação?* **Todos**;
- *Para aprender o quê?* **Tudo**;
- *Quando?* **Sempre**; e
- *De que forma?* **Todas**.

Estamos cientes que aquilo que está subjacente a estas quatro simples palavras se constitui em uma das mais belas obras de pedagogia escritas até hoje. O ideal educativo proposto por Comenius, passados que estão mais de 350 anos após a sua enunciação, está ainda muito longe de ser concretizado, o que mostra como é difícil lidar com aquilo que é tão simples.⁶⁵

Qual profecia, o atual desporto, antecipando-se mesmo à educação – o que demonstra a sua extraordinária importância simbólica –, consegue projetar-se para todas as idades e para todas as condições humanas. Também neste campo o desporto, enquanto campo do simbólico, tem a capacidade de se adiantar relativamente à sociedade, mostrando o sentido que esta deverá seguir, assumindo-se, qual mito, como exemplo primordial da nossa existência.⁶⁶

⁶³ Utilizamos esta e não outra qualquer expressão por duas grandes razões. A primeira, de fundo, é porque entendemos que não há pessoas deficientes, mas apenas pessoas que tem uma ou mais deficiências. A pessoa, naquilo que esta palavra encerra de mais profundo, nunca é deficiente. A deficiência manifesta-se em determinada condição, mas não na pessoa humana. A segunda razão, mais institucional, prende-se ao facto de hoje os organismos internacionais utilizarem a expressão supra e não qualquer outra.

⁶⁴ Este autor escreveu um livro intitulado *Didática magna*, obra monumental terminada em 1752. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian [Edição consultada de 1996].

⁶⁵ Hoje há muitas pessoas no mundo da Educação Física que afirmam seguir o veio das *ciências da complexidade*, quando nós nem sequer somos capazes de realizarmos o percurso das coisas simples.

⁶⁶ Importa frisar que em maio 2009, segundo números oficiais divulgados pelos respetivos *sites*, a FIFA (Federação Internacional de Futebol) era composta por 208 países, o COI (Comité Olímpico

Com efeito, nos últimos anos o desporto reencontrou⁶⁷ o homem em toda a sua plenitude temporal, havendo reais possibilidades deste praticar a sua atividade de preferência desde a mais tenra idade até ao ocaso da vida. O desporto também abriu as portas às Pessoas com deficiência(s), mostrando que é uma atividade que não se restringe a pessoas com determinadas características típicas de um qualquer super-homem, mas aberta a todas as condições humanas. O desporto não mais diz respeito apenas a jovens superdotados, mas à pessoa humana, naquilo que esta expressão tem de mais amplo e profundo. E a Pessoa com deficiência(s) é, obviamente, um ser humano pelo que nem sequer é eticamente correto questionar a sua prática quotidiana nos recintos desportivos. O que fundamenta o desporto não é uma determinada condição física ou motora, mental ou sensorial⁶⁸ mas a condição de se ser humano.

Humana como é, a Pessoa com alguma deficiência tem também o direito de se transcender, entre outras, por via do desporto. E tem-no feito regularmente, servindo muitas vezes de modelo para a sociedade. Mas é legítimo perguntar: quem decide o limite do rendimento e o grau de superação a impor a pessoas que nem sempre conseguem verbalizar ou comunicar o seu estado?

A resposta à questão retórica agora colocada não pode ser clara, nem simples nem rápida. É obscura, pois estamos a decidir em função de um quadro axiológico que pode escapar totalmente ao entendimento dessa pessoa. É complexa, pois as variáveis em jogo são muitas, especialmente quando em causa estão anormalidades do foro neurológico, área esta, sem dúvida, uma das mais intrigantes da atual medicina.⁶⁹ É lenta, pois a velocidade da resposta depende em muito das

Internacional) por 205 países, enquanto que a ONU (Organização das Nações Unidas) compreendia apenas 192. Os países reúnem-se mais em torno do desporto do que nas Nações Unidas. O simbólico do desporto antecipa qualquer realidade política.

⁶⁷ Platão, já no longínquo século IV a.C., aludia à necessidade de os “velhos” fazerem ginástica, como está muito bem expresso em *A República*, Livro V, 452b. É óbvio que Platão não foi, nem poderia ser, um teórico das Ciências do Desporto, mas o pensamento europeu, e com ele as referidas Ciências, devem muito a esse notável autor clássico. *Op. Cit.*

⁶⁸ Sem qualquer intenção de entrar em áreas específicas consideramos a existência de quatro grandes áreas de deficiência: física ou motora, sensorial, mental e deficiências múltiplas.

⁶⁹ O neurologista português António Damásio, uma autoridade mundial no campo das emoções e autor de dois livros de referência na área, elevou sem dúvida a discussão da neurologia para campos da filosofia. Aliás a nóvel ciência mito-neurologia mostra-nos bem a complexidade e as dificuldades de entendimento das doenças do foro neurológico. Ver António Damásio. *O erro de Descartes: emoção, razão e cérebro humano*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1995. *O sentimento de si: o corpo, a*

expectativas já criadas em torno deste tema, e ao que sabemos a discussão ético-moral do desporto para estas populações é muito recente e ainda incipiente.⁷⁰

Infelizmente, e queremos afirmar a nossa admiração, quando eventualmente se discutem questões éticas relativas ao desporto para Pessoas com deficiência(s), aquilo que é carregado para a discussão diz respeito ao dinheiro que aparece ou não dos diferentes governos ou de outros níveis de decisão, relativizando essas verbas ao número de medalhas conquistadas em competições internacionais pelos atletas com deficiência(s) com aquelas ganhas por atletas “normais”. Que grande equívoco! Não está em causa o mérito de quem quer que seja, nem o nível competitivo de qualquer atleta, mas a simplicidade dos argumentos apresentados. O dinheiro é resultado de uma conceção de desporto baseada no espetáculo, e cada vez mais no espetáculo televisivo. O dinheiro não é a causa fundante, mas, tão apenas, o efeito do próprio espetáculo. Aí, o atleta com deficiência(s) estará sempre em total desvantagem. A imagem corporal da Pessoa com deficiência(s) torna difícil a sua transformação em herói desportivo, naquele herói que procuramos imitar no modo de vestir, de agir, de falar ou, mais profundamente, de ser.⁷¹ A dimensão ética deste desporto, isto é, os seus valores mais importantes, terá que ser de uma outra natureza, distinta da mesquinhez da contabilidade medalhística. Quer queiramos quer não, a visibilidade de uma medalha olímpica é bem diferente daquela proporcionada por uma medalha “paraolímpica”, embora ambas assentes na grande qualidade, dedicação e empenho dos seus donos.

A dimensão ética para este desporto ou para estes atletas, tem que ser encarada de um outro modo, quiçá superior.

Em primeiro lugar, conseguir que todos tenham o real direito de poderem praticar desporto. Se o desporto se fundamenta antropologicamente, então é justo que

emoção e a neurobiologia da consciência. Lisboa: Publicações Europa-América, 2000. *Ao encontro de Espinoza*. Lisboa: Publicações Europa-América, 2004.

⁷⁰ Se os Congressos, Seminários ou eventos afins sobre ética na Educação Física ainda são raros, a discussão a este respeito nas atividades físicas para pessoas com deficiência(s) é ainda menor, quase inexistente.

⁷¹ A este respeito ver J. A. Moura e Castro e Rui Garcia. “O desporto, a performance e a estética do corpo diferente”. In António Marques, António Prista e Alfredo Faria Júnior (Eds.). *Atas do V Congresso de Educação Física e Ciências do Desporto dos Países de Língua Portuguesa*. FCDEF, Univ. do Porto e FCEFD, Univ. Pedagógica de Maputo, 1999, volume 1, 203-213.

todas, mas mesmo todas as pessoas possam viver esses valores mais profundos que legitimam uma atividade milenar e universal.

Em segundo lugar, diversificar ao máximo a oferta desportiva. É fundamental que, sem complexos, se possibilite uma prática desportiva diferenciada. As academias foram “inventadas” para os cidadãos e as Pessoas com deficiência(s) são, obviamente, seres com cidadania. Se há resistências a que “um deficiente”, isto é, alguém longe dos padrões estéticos vigentes, frequente uma academia da moda, procedamos ao contrário: abramos os nossos centros de reabilitação à população em geral. Provoquemos encontros entre pessoas diversas para que inequivocamente se perceba que aquela Pessoa não é deficiente, mas alguém que apenas tem determinada(s) deficiência(s). Não é uma pessoa deficiente, mas uma pessoa com tudo aquilo invocado por esta palavra. Não é a deficiência que a caracteriza, mas sim o ser pessoa.

Neste momento é mais que justo ouvirmos novamente as palavras esclarecidas de Dalai-Lama, nomeadamente quando, em relação às pessoas com deficiência, grita bem alto: “Vocês são seres humanos e podem fazer algo de válido da vossa vida”,⁷² rejeitando discursos carregados de falsidades e de uma caridade dúbia.

Sabemos que isto é de difícil aceitação, mas pode ser feito, como já vimos fazer.

Em terceiro lugar, é indispensável que responsabilizemos os treinadores pelo nível de rendimento e nível de superação a procurar no desporto para estas pessoas. Aqui é fundamental uma maior cumplicidade entre o atleta, o treinador, o psicólogo, o médico especialista, os pais ou outros familiares, para determinar os limites. E a ética é, tem que ser, o regulador desses limites.

Em forma de um humilde credo ético, podemos enunciar aquilo em que acreditamos, mesmo que não tenhamos capacidade para explorar com a devida atenção cada uma das afirmações.

- Cremos não ser ético criar situações humilhantes para a pessoa. E quantas vezes é que isso não acontece?

⁷² Sua Santidade o Dalai-Lama. *Conselhos do coração*. Porto: Edições Asa, 2004, p. 47.

- Cremos não ser ético desrespeitar um valor do desporto: o equilíbrio entre adversários. E quantas vezes isso não acontece só para se afirmar que competiram uns tantos atletas a mais do que no ano passado ou que se conquistaram tantas medalhas?
- Cremos não ser ético colocar níveis de dificuldade só para ver até onde o atleta, sem consciência da situação, pode ir, correndo o sério risco de se lesionar ou de agravar o seu problema de fundo. Também já assistimos a estas situações.
- Cremos não ser ético não fazer respeitar as regras desportivas só pelo facto de estarmos perante pessoas com deficiências. E quantas vezes é que isso não ocorre?
- Cremos não ser ético aproveitar a natural, embora condenável, piedade para com o atleta com deficiência para daí tirar proveitos próprios.
- Por fim, cremos não ser ético não pensar nestas coisas, fazendo de conta que nos nossos países ou nas nossas regiões tal não acontece. Não querer ver é bem mais grave do que não poder ver.

Ao invés,

- Cremos ser ético lutar com todas as forças, para que amanhã mais pessoas tenham o real direito de praticar o desporto do seu mais agrado ou necessidade.
- Cremos ser ético possibilitar a todos a consecução dos valores humanistas inerentes ao desporto. A busca do rendimento, de se aproximar do limite de superação, são valores a desenvolver com estas pessoas, porque são valores humanos.
- Cremos ser ético responsabilizar quem de direito, o estado, a família, o clube ou centro, o treinador, o médico, etc., se tal rendimento máximo possível não for atingido. Traduz tal facto que alguém não possibilitou a plena realização humana a uma pessoa.

Em resumo, o desporto para pessoas com deficiência(s) terá que se reger exatamente pelo mesmo princípio daquele desporto pensado para a população em geral, ou seja, deverá ser edificado pelos superiores princípios da ética.

Um outro problema que se coloca quando discutimos desporto ou qualquer outra atividade para Pessoas com deficiência(s), diz respeito à nossa incapacidade para estabelecer categorias conceptuais próprias, querendo analisar esta população através das categorias com que normalmente analisamos a sociedade em geral.

Sem querermos aprofundar o tema, mas apenas com a intenção de levantar algumas questões, podemos apresentar o exemplo do tempo livre para Pessoas com deficiência(s).

A primeira questão diz respeito à definição do próprio conceito de tempo. Santo Agostinho, já nos longínquos séculos IV e V,⁷³ dizia que sabia o que era o tempo, mas se alguém lhe perguntasse o que era não seria capaz de responder.⁷⁴ Não cremos que alguém consiga pensar melhor do que este famoso Santo, pelo que a dúvida persiste: o que é o tempo?

Se reduzirmos o tempo à sua dimensão cronológica, a resposta poderá ser fácil, mas, proporcionalmente, a angústia existencial amplia-se. Einstein, com a sua teoria da relatividade, ilustrou genialmente que o tempo não pode ser apenas algo mensurável pelo relógio. Prosaicamente podemos pensar que estar sentado um segundo em cima de um fogão ligado parece uma eternidade. Estar uma hora com a(o) namorada(o) parece um instante. Eternidade para ilustrar o instante de um segundo, e instante para qualificar 3600 segundos. São os paradoxos do tempo linear ou mecânico. Ora, a vida humana não se rege apenas por este tempo pobre de sentido.⁷⁵ A vida é muito valiosa para que se submeta a esta ditadura.

O tempo mecânico, aquele tempo medido pelos relógios, não pode ser nem deixar de ser livre, pois este conceito assume-se como sendo um sentido humano atribuído à nossa existência. O tempo, *per se*, pouco ou nada é, só sendo relevante quando possuidor de um sentido atribuído e vivido pelo homem. O tempo não é nem deixa de ser livre. A pessoa é que o é ou não para o viver.

⁷³ Santo Agostinho viveu entre os anos 354 e 430 da nossa Era.

⁷⁴ Ver *Confissões*. São Paulo: Edições Claret, Livro 11º, capítulo XIV [Edição consulta de 2002].

⁷⁵ A este respeito o livro intitulado *A linguagem silenciosa*, de Edward Hall, possibilita um aprofundamento sobre o sentido humano que o tempo tem. Lisboa: Relógio d'Água, 1992.

É evidente que não cabe aqui discutir com profundidade o valor do tempo por várias razões: a primeira pela nossa incompetência filosófica e a segunda por não ser isso que esperam ler neste pequeno livro. Mas fica expressa a ideia que as questões são muito mais profundas do que aquilo que a simplicidade das palavras quer dizer, e não pensar nestas coisas é já pensar mal.

A segunda palavra da expressão em discussão diz respeito à liberdade, conferindo assim uma qualidade intrínseca a esta decisiva dimensão das nossas vidas, formando a expressão tantas vezes repetidas de “tempo livre”.

Se “tempo” é um conceito fugidio, “livre” não o é menos. Sobre isto podemos já propor as seguintes perguntas:

- Como é que o tempo pode ser livre?
- E livre de quê?

A estas duas perguntas poderemos ainda juntar uma outra, mais complicada, qual seja,

- Que é ser livre?

Se para a discussão sobre o tempo tivemos que nos socorrer de Santo Agostinho, para indagar o que é a liberdade teremos que buscar nos filósofos que estudaram esta dimensão humana, contributos para a sua compreensão. Kierkegaard⁷⁶ e Jean-Paul Sartre⁷⁷ são dois bons exemplos.

Muitos outros autores nos poderiam ajudar a compreender a essência da liberdade e o trágico destino humano que é, para muitos, a morte. Ninguém está livre de morrer. Sócrates ouviu do juiz a seguinte frase: *Está condenado à morte!* Ao que ele terá respondido: *E o senhor também. É tudo uma questão de tempo!*

Como é que se pode ser livre se o nosso destino já está há muito traçado? Que é isso de tempo livre se vivemos por um lapso determinado de tempo, sendo impossível

⁷⁶ Sören Kierkegaard (1813-1855), dinamarquês, desenvolve o conceito de angústia, atrelando-o à superior ideia de liberdade.

⁷⁷ O livro *A náusea* serviu como ponto de reflexão sobre o conceito de liberdade proposto por este autor.

fugir a essa condição? O que é isso de tempo livre se vivemos irremediavelmente nesta sociedade, neste exato momento?

Pois é! As dificuldades são mais que muitas e a impossibilidade de resposta é bastante mais que evidente do que a certeza da mesma.

Por tudo isto atentemos naquilo que já conseguimos desvendar.

Em primeiro lugar é extremamente complicado definir o conceito de tempo. Por outro lado, acabamos de verificar que liberdade é outra palavra que não se deixa prender a definições simples e imediatas.

O que é, então, tempo livre?

Para Sócrates, e vamos citar, “estritamente vinculado com o conceito (...) de liberdade está o conceito de autarquia, quer dizer, de autonomia”.⁷⁸ E à autonomia junta a palavra felicidade. Ser livre é, então, ser feliz.

Assim, e como corolário desta argumentação, tempo livre é aquele tempo em que verdadeiramente somos felizes,⁷⁹ seja no trabalho, seja no não trabalho. Tempo livre, então, não é o tempo livre de trabalho, mas um tempo em que cada um é feliz. Podemos ser livres no trabalho, no lazer, na doença, na morte, na deficiência. Não é uma condição da vida que qualifica o tempo, mas o sentido mais profundo que lhe colocamos.

O tempo livre é, tem que ser, um momento propício à criatividade. Só quem é livre é que pode ser criador.⁸⁰ O corpo, isto é, o elemento somático da Pessoa, pode estar preso ou limitado de alguma forma, mas o pensamento pode muito bem vogar nas asas da liberdade. Não é apenas uma eficiência motora, sensorial ou mental que nos possibilita a liberdade, mas algo mais. Esse algo mais é, como temos vindo a defender, a PESSOA.⁸¹

Então, aquando das reflexões sobre este grande grupo de pessoas, e tomemos atenção que ninguém está livre de poder vir a ser uma pessoa com qualquer

⁷⁸ Esta frase de Sócrates encontra-se em Giovanni Reale e Dario Antiseri. *Historia del pensamiento filosófico y científico*. Barcelona: Editorial Herder, 1995, volume 1, p. 90.

⁷⁹ Provavelmente teremos que recuperar o conceito de felicidade para discutirmos, com profundidade, o nosso tempo. Assim, Aristóteles (384-322 a.C.) terá que ser (re)lembrado, em especial a sua conceção de felicidade como fim supremo do homem.

⁸⁰ Impõe-se frisar que não nos referimos apenas à liberdade física. Um prisioneiro, embora não tendo liberdade, pode ser muito mais livre do que pessoas que têm liberdade, mas na realidade não são livres. Ser e ter são dois verbos, cujos sentidos podem fatalmente divergir.

⁸¹ Sobre a Pessoa recomendamos a leitura da obra do francês Emmanuel Mounier (1905-1950).

deficiência grave, torna-se uma exigência (quase ética) analisar as práticas desportivas dessa população à luz de conceitos particulares e não daqueles típicos da sociedade em geral.

Pessoa com deficiência, risco e desporto

Uma característica das sociedades contemporâneas é, sem sombra de dúvida, o risco. Vivemos num ambiente marcado por uma forte ideia de risco, mas, ao mesmo tempo, mascarado pela ideia de confiança. Este binómio, risco/confiança, marca a nossa sociedade, com especial ênfase no mundo urbano.

Como exemplo, talvez ingénuo, mas, a nosso ver exemplificativo da nossa condição contemporânea, quando num cruzamento de qualquer rua da nossa cidade está o sinal verde ligado, nós confiamos que para a outra rua está acesa a luz vermelha e passamos sem sequer olharmos para o lado. Temos uma confiança absoluta na técnica, tornando-nos em verdadeiros autómatos reativos, sem consciência que o abismo poderá estar à simples distância de um passo.

As vidas comportam riscos só pelo facto de serem vidas e por tal sujeitas à entropia, que tem como limite a morte.

As Pessoas com deficiência(s) estão sujeitas a riscos acrescidos e muitas vezes não os podem conjugar com o sentimento de confiança atrás aludido. A organização social foi pensada para as pessoas tidas como normais (conferir, por exemplo, as dificuldades que os cegos ou os cadeirantes têm para se deslocarem nas nossas ruas), pelo que aos riscos universais dos seres humanos temos que adicionar os riscos inerentes à condição de se ter uma deficiência numa sociedade pensada, em exclusivo, para quem é “normal”.

O desporto também integrou o risco no seu ideário, fazendo parte efetiva das suas práticas, especialmente nas atividades batizadas como radicais. A busca da adrenalina não é mais do que consubstanciar a ideia do risco na prática desportiva, de tentar aproximar-se da experiência limite, indubitavelmente uma aproximação à morte, de viver momentos de êxtase, onde o sofrimento se confunde com o prazer. A vertigem da velocidade ou a conquista do desconhecido são duas facetas de muitas novas modalidades desportivas.

A Pessoa com deficiência(s) também pode viver estas contingências, mas existe uma outra dimensão associada ao risco que não se coloca à população em geral. Referimo-nos ao risco de uma prática desportiva vulgar quando associada a determinadas patologias.

Atentemos para um caso concreto.⁸² Uma determinada pessoa, mulher com cerca de 30 anos de idade, com formação universitária, com uma patologia de natureza neurológica, nadadora de elevado nível para a sua classe de deficiência, sabe que o treino intenso necessário para manter o seu elevado estatuto desportivo pode acelerar a sua doença, podendo conduzi-la mais rapidamente ao ponto de não retorno, colocando em risco a própria vida. Que fazer?

Estamos a falar de alguém adulto, com uma boa formação científica e humana, responsável, com total autonomia de pensamento e de ação e não de uma criança ou jovem, sem autonomia e sem capacidade de compreender o cenário da sua existência. Se estivéssemos perante esta segunda pessoa, a resposta seria tão óbvia que nem merecia que se gastasse uma linha a apresentá-la. Mas não, trata-se de alguém que sabe o que tem, sabe o que quer e sabe quais as consequências resultantes do seu querer.

Não vamos antecipar respostas nem tomarmos o lugar da referida pessoa. Vamos apenas refletir sobre aquilo que nos é apresentado.

Quando um piloto de fórmula 1 descreve uma curva de um qualquer circuito a mais de 200 quilómetros por hora corre o sério risco de estar a efetuar o seu último ato de vida. Mas não é por isso que deixa de o fazer, nem quando conhece os inúmeros exemplos de colegas de profissão que faleceram exatamente nessas condições. A morte é desafiada inúmeras vezes e temos que tomar a consciência que cada a momento cresce o número de práticas desportivas onde se lidam com situações análogas àquela apresentada.

Assim, face a estes exemplos que se multiplicam diariamente, somos tentados a pensar que a *nossa* nadadora faz muito bem em continuar a treinar. Mas há aqui um pequeno viés que importa explicitar: o piloto é treinado para superar a dificuldade,

⁸² Este caso faz parte de um estudo que foi desenvolvido, na qualidade de orientador científico de uma dissertação de mestrado, por um dos autores da presente obra. Por razões óbvias não podemos ser mais objetivos na identificação da pessoa em causa.

estando ao seu alcance a capacidade de ultrapassar o risco, enquanto no que concerne à nadadora tal não acontece, dado que é a própria prática que lhe coloca o risco. Não há maneira de transpor o problema. O piloto pode conduzir o automóvel evitando o risco, ao passo que à nadadora lhe é vedada tal possibilidade. Não há a possibilidade de deixar de acontecer o mal. Está sempre presente, ou seja, é uma certeza.

Este é um dos lados do problema. O outro lado diz respeito à vontade da própria pessoa, à possibilidade de concretização dos seus sonhos mais íntimos, à capacidade de superação e de transcendência, mesmo que isso acarrete um agravamento da doença que tem.

Tem uma doença que lhe limita a existência e quer ter um nível de performance desportiva que implica uma acentuação dessa doença, mas, ao mesmo tempo lhe possibilita a concretização de um projeto de vida.

O risco constante na prática física inscreve-se no universo do risco que é viver,⁸³ pelo que o exemplo apresentado deve ser aprofundado até ao limite possível de discussão. É fácil surgir alguém com um discurso moralista, quiçá politicamente correto, afirmando os perigos da competição ou argumentos afins, tentando confundir os ouvintes com determinada retórica. Porém, podemos estar perante dilemas impossíveis de contornar e a compreensão do outro torna-se algo de primordial importância.

A vida assume-se como um valor indiscutível, mas não é um dado abstrato surgido do nada. A vida é algo tangível, inerente a alguém com rosto, com personalidade própria, com determinada identidade, pelo que a discussão do dilema apresentado deverá ser feita nesse âmbito.

Será a opção consciente da nadadora muito diferente das opções diárias que tomamos? As doenças metabólicas tão comuns neste tempo e nesta nossa sociedade não são também provocadas por opções conscientes de cada um? Quantas vezes não é a própria família a indutora desses comportamentos de risco?

⁸³ Platão enunciava que o risco era belo. Ver nota n.º 35.

Então, por que é que em alguns casos o risco é algo de aceitável e em outros casos, onde até se pode monitorizar o próprio risco, é considerado demoníaco? Só por ser desporto?

Quantas pessoas é que não atingiram um estado de felicidade através do desporto, mesmo que isso possa acarretar alguns custos? O que seriam dessas pessoas se não fosse o desporto? Seriam mais felizes? Temos profundas dúvidas sobre isso.

Voltemos a pensar na *nossa* nadadora. Imaginemos que não tinha nenhuma prática desportiva. O que seria a vida dela? Seria mais uma sedentária e por isso sujeita a todos os problemas decorrentes dessa condição. Sim, porque não haveria meio-termo. A excelência intrínseca da pessoa não se coadunaria com uma prática desportiva que não aquela que foi desenvolvida. Admitimos que o problema de saúde dessa pessoa pode acentuar-se pela prática, mas, estamos certos, que a não prática agravaria ainda mais a sua condição de pessoa livre.

É útil reafirmar que o treino não a vai matar e que a nadadora tem pleno conhecimento dos riscos envolvidos. Provavelmente (usamos esta palavra para não arriscarmos duas outras, quais sejam, de certeza) a consciência do risco por parte da referida senhora é muito maior do que aquela que cada um de nós tem quando percorre o caminho de casa para o emprego.

A vida tolera uma determinada vertigem. O desporto assume-se como um modo de viver essa vertigem, esse devaneio ou delírio que nos conduz ao sonho. Mas entre tantas formas de atingir esse propósito, o desporto é aquele que mais benefícios traz para a pessoa.

A discussão ética no desporto não pode ficar indiferente a estes temas que na aparência não têm dignidade para serem trazidos para esta discussão. A nossa conceção de ética impele-nos para que falemos sobre estes pequenos assuntos, uma vez que é com eles que nós lidamos habitualmente no nosso mundo profissional.

A Pessoa com deficiência(s) encontra muitas barreiras para se poder afirmar. As piores, como já insinuámos, não são as arquitetónicas, mas outras bem mais subtis que com ou sem consciência colocamos à frente das pessoas.

A Pessoa com deficiência(s) tem de superar a barreira imposta por alguma condição corporal. Compete a nós, profissionais de Educação Física, conduzi-la ao esforço que, como iremos ver num outro tema, está fora de moda. É muito mais fácil e apetecível

ficar em casa aguardando a caridade, mas, como nos lembra Aristóteles, também as coisas nobres e boas da vida só são conquistadas pelos que agem com retidão e, acrescenta ainda este eterno pensador, as coisas boas se tornam ainda melhores quando difíceis, pelo que o comportamento da *nossa* nadadora e de quem a acompanha se encontra pautado pelos superiores valores éticos da vida humana.

Breve apontamento final

O tema (quase ético) de desporto aqui desenvolvido, respeitante à Pessoa com deficiência(s), poderia ser repetido praticamente com as mesmas palavras para outros núcleos populacionais, mormente para pessoas idosas ou para enfermos que não caibam na visão institucional do grupo aqui estudado.

Estamos certos que há algumas diferenças entre todas estas pessoas, mas também termos a certeza que todas elas sofrem determinadas vicissitudes por causa da sua condição de “peso social”.

A situação de enfermidade, como nos lembra o teólogo italiano Carlo Rocchetta,⁸⁴ representa um dos mais interpelantes “porquês” da consciência humana. O homem, continua o autor, sabe que foi criado para a felicidade; a enfermidade e a dor põe-no exatamente na condição oposta. Qualquer uma das populações referidas, populações essas por vezes apresentadas como sendo especiais, vive o drama de perceber o sentido trágico da vida, estando o corpo incapacitado para assumir o lugar de intercâmbio e de relação com os demais elementos da sociedade.

Embora por razões diferentes, mas convergentes no que tange aos seus efeitos, a Pessoa com deficiência(s), o velho ou o doente têm dificuldade de se relacionarem com o outro, parecendo que este outro cada vez se afasta mais do seu eu, não sendo compreendido em virtude da sua situação de provável sofrimento perante o mundo. Não duvidamos que estas experiências são lugares de aproximação do limite humano, onde a nossa condição de ser frágil e precário emerge com uma força inaudita, abrindo muitas vezes caminho para a consciência da morte e para a sacramental pergunta “o que faço aqui?”.

⁸⁴ Carlo Rocchetta é autor de um livro extraordinário sobre o corpo humano que deveria ser de leitura obrigatória para todos aqueles profissionais de Educação Física (e não só) que gostam de pensar sobre o significado humano do corpo. *Hacia una teología de la corporeidad*. Madrid: Ediciones Paulinas, 1993, p. 260.

Trabalhar com Pessoas com deficiência(s) ou com as outras enunciadas é de uma riqueza extraordinária, pois muitas vezes podemos reconfigurar os nossos valores perante aquelas pessoas que se sentiram na necessidade de olhar a vida de uma forma completamente diferente daquela a que estavam habilitados para fazer.

O desporto para estas pessoas cumpre, assim, um papel fundamental para a sociedade em geral, não apenas pelos benefícios diretos para os praticantes, mas também pelo facto de cada um se assumir como um exemplo para os outros. *Se aquele deficiente conseguiu eu também tenho que conseguir*, é uma frase que ouvimos a um jovem quando assistia a uma competição integrado no movimento *Special Olympics*.

Tema 3 – Violência

Quando ouvimos falar sobre ética no desporto é vulgar ouvir libelos acusatórios a todos aqueles que, por algumas vezes ou em determinadas situações, provocaram atos conotados com a violência. Faz-se crer que a violência é algo que tem que estar totalmente afastado da prática desportiva, como se na condição humana ela não existisse.

É na plena consciência que a violência – em qualquer uma das suas manifestações – faz parte da história da humanidade que não nos move nenhum complexo abordar o desporto como uma manifestação pensada de violência. Não é, de modo algum, um assunto novo nem, tão pouco, é um tema polémico. A bibliografia aborda o desporto na perspetiva da violência, quer aquela que acontece no recinto desportivo, como no estádio de futebol, quer a outra que se desenrola em seu redor, seja nas arquibancadas ou mesmo nas ruas.

Também é significativa a produção científica sobre o desporto como um fenómeno de violência simbólica, assumindo a prática desportiva o papel de ritual.⁸⁵ A leitura simbólica do desporto leva a nossa interpretação para o campo da violência ritual. Aliás a imprensa desportiva mundial faz constantemente eco desta perspetiva antropológica do desporto nos seus relatos sobre, por exemplo, o futebol. Com efeito palavras ou expressões como “ataque” e “defesa”, “a equipa x massacrou os adversários”, dão-nos uma ideia da vastidão desta problemática.

Também não será por acaso que um conhecido e respeitado técnico britânico de futebol, Bobby Robson, fala da importância que o *instinct killer* tem para uma equipa. Refere-se, obviamente, ao futebol, à procura da vitória, ao não perdoar um golo, a não brincar durante o jogo.

Por outro lado, por exemplo no Brasil e em Portugal, há uma identificação dos espectadores a seres mitológicos ou a animais existentes, como à ‘raposa’ (Cruzeiro Desporto Clube), ao ‘urubu’ (Flamengo), ao ‘dragão’ (Futebol Clube do Porto) ou à ‘águia’ (Sport Lisboa e Benfica) entre muitos outros casos possíveis. Nota-se uma

⁸⁵ Entendemos ritual, na perspetiva do historiador das religiões Mircea Eliade, como sendo a forma de tornar presente um mito, ou seja, a história sagrada de um povo. Ritual é assim o ato de tornar presente o momento da criação (ver, por exemplo, Mircea Eliade. *Le sacré et le profane*. Paris: Éditions Gallimard, 1965).

clara identificação dos grupos a animais poderosos ou predadores, identificação consciente da importância que tem a força para a força de um símbolo. Uma equipa que se reveja numa pomba evidenciaria, talvez, um grande espírito desportivo, ético, de paz mas afastado da luta, da vitória.⁸⁶

A questão da violência no desporto, em particular no futebol, poderá ter outras origens e ser sujeita a outras análises. O problema social, o desemprego, a constante diminuição da importância dos valores morais, a demografia, a falta de espaços lúdicos, o tradicionalismo da sociedade, crises de identidade são alguns tópicos avançados pela bibliografia para a explicação do *hooliganismo*, que é típico da Inglaterra dos nossos dias.

Mas a violência que queremos abordar neste momento ultrapassa um pouco estas análises extremamente revelantes, mas, cremos, incompletas.

A “civilidade”, ao longo da existência do homem, conseguiu-se através de práticas que a pouco e pouco se tornaram normativas comportamentais. Não importa entrar em muitos detalhes, mas Norbert Elias⁸⁷ expõe esta ideia com uma imensa clareza.

Um dos aspetos que reputamos de maior relevância neste processo diz respeito à violência, à sua função e ao seu uso nas sociedades.

Se num passado intemporal a violência não era exclusiva de alguém em particular, a pouco e pouco, no processo civilizacional, o seu uso começou a ser restringido. Ninguém, atualmente, concebe ver o Papa a ir combater de metralhadora em punho em qualquer guerra, mesmo naquelas que são “santas”. Na Idade Média o Papa Pio II, num apelo dramático aos nobres afirmou: “estamos resolvidos a marchar nós mesmos à frente da cruzada. Não tornaremos a dizer aos príncipes: Ide! Mas sim: Vinde”.⁸⁸

O Papa não mandou ninguém ir para a guerra! Ele já lá estava. O clero participava ativamente na guerra. Matar, por vezes, nada tinha de pecaminoso.

Lentamente a guerra, e de um modo geral toda a violência na sociedade, começou a ser da exclusiva competência do estado. Atualmente só o estado é que tem o direito

⁸⁶ Ver Rui Garcia. “Desporto, violência e espírito desportivo: uma provocação”. *Dom Fafes – Revista Cultural*, 1998, IV (4): 75-79.

⁸⁷ Ver Norbert Elias. *O processo civilizacional* (volumes 1 e 2). Lisboa: Publicações Europa-América, 1989.

⁸⁸ Ver J. Chantrel. *História popular dos Papas*. Guimarães: Livraria Internacional, 1877.

de utilizar formas de violência física, condenando-se todos os outros que a manifestam. As armas de guerra são exclusivas das Forças Armadas e das Polícias, estando totalmente interditas a civis. A guerra civil é o ponto máximo da barbárie humana. Por exemplo, Espanha sabe bem o que é uma guerra civil. Os seus horrores estão retratados em *Guernica*. Pior não há. É eticamente inconcebível. A primeira tarefa para restabelecer qualquer processo de paz é desarmar os civis, fazendo retornar ao estado as armas de guerra.

Mas o desporto é o outro polo da violência. Um murro, mesmo ligeiro, dado na face de qualquer cidadão é passível de uma ação em tribunal. Um murro dado por um pugilista, mesmo que resulte na morte do adversário, é saudado com uma medalha, com um título. Não é crível que um futebolista que seja agredido por um seu colega de profissão durante um jogo, tenha qualquer punição para além daquelas previstas no próprio regulamento das federações.

Note-se que já não estamos a discutir violência simbólica, mas violência permitida numa sociedade em nítida contradição. O desporto, que é entendido como um exemplo de paz e de concórdia entre os povos, é, a par das forças armadas, o único local de violência institucionalizada entre homens, permitida e bem-recebida.

Poderá ser dito, em abono do desporto, que é uma violência perfeitamente regulamentada e estabilizada. Mas na guerra também não há regulamentos, como por exemplo a Convenção de Genebra? Não há também direitos para os prisioneiros? Serão esses direitos e convenções respeitados? Olhemos para Guantamano.⁸⁹ Bastará, por tudo isto, o critério da regulamentação para sustentar a pureza do desporto?

Reflitamos agora sobre o papel dos espectadores dos jogos desportivos e que sentem um enorme prazer em assistir a esses fenómenos de violência. Será que o espectador que assiste a um combate de pugilismo se diferencia assim tanto daqueles outros que assistiam às lutas nas arenas romanas, aos torneios medievais, ou que se deleitavam a ver as fogueiras da inquisição?

⁸⁹ Local onde ainda está instalada uma prisão para os prisioneiros alegadamente talibãs, capturados pelos Estados Unidos da América do Norte durante a guerra contra o Afeganistão. Nem sempre os vencedores respeitam os mais elementares direitos humanos dos vencidos.

De lutas simbólicas situamos a discussão na violência institucional, assunto este que não tem grande tratamento na bibliografia desportiva.

Torna-se então legítimo equacionar se o desporto é mesmo uma manifestação simbólica de violência ou, em contrapartida, se é apenas um local privilegiado de manifestação de uma violência que se quer dizer simbólica, mas o não é.

Precisado este ponto prévio, poderemos, então, analisar algumas das práticas desportivas através de um novo marco teórico, podendo desde já entrever algumas linhas de força:

- *O desporto é uma forma socialmente aceitável de violência*

Embora tenhamos já argumentado o suficiente para a demonstração deste pensamento, podemos, sem outro comentário, transcrever uma curta passagem do livro de Elias já referido: “Assim, a belicosidade e a agressividade encontram na competição desportiva uma manifestação socialmente autorizada, que consiste sobretudo no «assistir» (a combates de boxe, por exemplo) e na identificação fantasista com uns poucos a quem, para descarga desses afetos, é concedida uma margem de ação limitada e regulamentada com exatidão” (p. 237);

- *O desporto está desfasado em relação ao nível de “civildade” existente na sociedade*

Cada civilização possui determinado padrão aceitável de agressividade e de violência. Contudo não pensemos que a intensidade dessa agressividade é a mesma em todas as culturas, porque ela varia de país para país. Mas essas diferenças entre os povos atuais são mínimas quando comparadas com outras épocas históricas. No presente estado socio-histórico-cultural a violência existente e permitida no desporto, pelo menos em algumas práticas, é um contrassenso. Este nível de violência seria aceitável numa outra época, numa outra situação.

Analisemos novamente esta questão por intermédio de Norbert Elias. A afirmação da superioridade física era uma característica das sociedades passadas, afirmação essa fortemente controlada nos tempos atuais. O desporto, quer o individual quer o coletivo, pretende atingir tal afirmação. Há alegria e benefícios no sofrimento do outro e ninguém é proscrito ou levado ao ostracismo social por esse motivo.

Assim, assistimos a um claro desajustamento entre o nível de “civilidade” da nossa sociedade e alguma prática desportiva. A própria guerra atual reflete este novo estado da sociedade. Ela não se decide pela capacidade física, mas por questão da *intelligenza* de cada país. Só no desporto é que a superioridade de um em relação ao outro é assumida e expressa por determinantes físicas;

- *O desporto é o substituto das guerras tribais*

Esta terceira tese (talvez seja mais correto epistemologicamente afirmá-la como hipótese) leva-nos a refletir sobre realidades atuais e estabelecer paralelos com o passado.

É bem sabido que durante a Idade Média⁹⁰ os costumes eram violentos. A História relata-nos inúmeras guerras, lutas entre clãs, desencontros entre oficiais do mesmo ofício, contendias entre famílias, torneios que pouco se distinguem das lutas reais.

Mesmo hoje, nos países que por qualquer motivo possuem ainda organizações sociais análogas àquelas sociedades feudais, se nota a existência destes níveis de violência. A manifestação dos impulsos é mais livre, mais direta e mais aberta do que nas sociedades que já ultrapassaram essa organização.

Aliás, dentro destas sociedades mais de acordo com os padrões atuais, nota-se ainda a existência de franjas que cultivam a violência descontrolada. É o caso de algumas “famílias” que se constituem em torno de um líder, normalmente o elemento mais velho ou mais carismático, construindo um império baseado em relações violentas, espalhando terror entre os cidadãos, “dedicando-se” a lutar contra outras famílias no sentido de engrandecerem os seus territórios de ação.

É impensável conceber práticas desportivas entre estes grupos rivais, nestas sociedades de tipo medieval⁹¹ que vivem em permanente estado de conflito.

A evolução das civilizações permitiu-nos que em plena “guerra-fria”, a então União Soviética competisse no terreiro desportivo com os Estados Unidos.⁹² É verdade que

⁹⁰ Obviamente que nos referimos à Europa. Não faz muito sentido falar da Idade Média brasileira, uma vez que as grandes divisões históricas têm como referência o velho continente.

⁹¹ Ainda recentemente, finais dos anos 90 do século XX, houve um jogo de rãguebi na antiga Jugoslávia entre soldados da Força de Paz com soldados de uma das facções em conflito, jogo esse que terminou antes do final do tempo regulamentar por se ter instalado uma autêntica guerra campal entre os “jogadores”.

sim, mas também é verdade que essas competições eram vistas como uma forma de sublimação das lutas políticas na impossibilidade ética de um outro tipo de guerra que tantas vezes esteve para acontecer. O *Campo de Marte* foi substituído pelo estádio. O general pelo treinador. Os soldados pelos atletas. Os heróis da guerra pelos campeões. O inimigo pelo adversário. A arma pela bola.

As substituições poderiam continuar quase infinitamente, mas fiquemos só por mais uma: as tribos foram substituídas pelos clubes. Cada um representa um bairro, uma cidade, uma região ou mesmo um país. Têm uma lógica interna baseada em valores próprios, cultivam determinada filosofia, possuem os seus símbolos, os seus rituais⁹³ e as suas cores, tendo ainda os seus seguidores. O desporto, através de algumas das suas práticas, práticas essas das mais mediatizadas, pode ser então o equivalente das lutas tribais⁹⁴ de outros tempos ou de núcleos restritos do tempo atual. E aqui ainda há um outro pormenor. É mais fácil mudar de nacionalidade, de religião, de partido político que mudar de clube. Esse é para todo o sempre;

- *A condição 'desporto' legitima a violência à natureza*⁹⁵

Ao longo dos tempos temos vindo a assistir a um decréscimo do nível da violência nas atividades lúdicas do homem. Norbert Elias e Eric Dunning⁹⁶ avançam uma teoria explicativa deste facto, sendo o desporto a expressão atual dessa transformação da agressividade.

Os autores apresentam um exemplo muito interessante, dizendo respeito à caça da raposa na Inglaterra. Se em tempos era o nobre que matava o animal, a pouco e pouco deixou a tarefa de matar, pouco edificante à medida que o “civismo” se

⁹² Por vezes estas contendidas desportivas entre países resvalaram para a violência real, como foi o caso do jogo de polo-aquático entre a União Soviética e a Hungria durante os Jogos Olímpicos de Melbourne no ano de 1956, pouco tempo depois da invasão a Budapeste pelas forças do Pacto de Varsóvia.

⁹³ É bem conhecida a saudação da seleção neozelandesa de rãguebi, autêntico ritual guerreiro do povo Maori.

⁹⁴ Ver, por exemplo, o livro de Desmond Morris, *A tribo do futebol*, onde o autor analisa exaustivamente o futebol através de uma configuração eminentemente tribal. Lisboa: Publicações Europa-América, 1981.

⁹⁵ Antes mesmo de iniciar este ponto importa lembrar que a sociedade atual, sociedade esta proveniente da revolução informacional, tem preocupações ecológicas, tentando violentar cada vez menos a natureza, violência esta que foi crescente até aos nossos dias. Neste sentido o aumento da “civilidade” tendo como critério a diminuição da violência, só agora chegou às relações homem/natureza.

⁹⁶ Ver Norbert Elias e Eric Dunning. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

impunha, para os servos e depois para os cães, limitando-se à excitação que lhe dava a própria busca da raposa. Matar transformou-se assim num ato pouco edificante e reprovável no *ludus* do homem moderno. Mas há exceções. Por exemplo, a caça desportiva mantém os mesmos padrões do antigamente. Só a excitação proporcionada pela busca não basta. Impõe-se, ainda, o prazer de destruir, de matar, ato predatório esse que não se inscreve em qualquer lógica instintiva de sobrevivência mas unicamente na expressão de um qualquer *tanatos*⁹⁷ não ultrapassado.

Sabemos que há tentativas muito sérias de substituir a ave por um prato, a lebre por uma máquina, o alvo de forma humana por um círculo ou uma oval. Mas a caça real, isto é o **ato de matar**, ainda não encontrou uma forma definitiva e aceitável por todos. Matar continua a ser um objetivo perseguido em nome do prazer.

É evidente que este prazer desportivo pela morte não é comparável àquele outro em atividades que não caem na lógica desportiva. Podemos apresentar como exemplo a tourada, em especial aquela desenvolvida em terras de Espanha, onde a morte é parte integrante do espetáculo.⁹⁸ Aqui, na nossa visão, a barbárie é algo de extraordinário, uma vez que esse ato é classificado e qualificado pelo público. Uma “boa” morte tem um prémio e a morte “má” tem outro ou não é mesmo premiada.⁹⁹ Atenda-se que tourada não é desporto mas sim uma arte. Até mesmo na arte há resquícios da violência primordial que deveria estar abolida na nossa sociedade.

Temos por isso que relativizar o grau de legitimação da violência no desporto e entendê-la enquanto inscrita em fenómenos mais vastos. Não temos qualquer dúvida em afirmar que o desporto moderno, mesmo com o uso legitimado da violência, comparado com os prazeres visuais de uma tourada ou de alguns rituais

⁹⁷ Freud, no seu ensaio escrito em 1920 *Para Além do Princípio do Prazer*, introduz a hipótese de que poderiam existir não uma, mas duas pulsões: a pulsão da vida (*Eros*) e a pulsão da morte (*Tanatos*). Para Freud todo o futuro do mundo parece ligado à luta eterna da pulsão de vida e da pulsão da morte, de *Eros* e de *Tanatos*. Em termos etimológicos *Tanatos*, palavra grega, é o elemento de composição culta que traduz a ideia de «morte».

⁹⁸ Ver José Ortega y Gasset. *Sobre a caça e touros*. Lisboa: Edições Cotovia, 1989.

⁹⁹ É de lembrar que um toureiro, após matar o touro é premiado com apêndices do animal (orelhas e rabo), podendo ainda ser em levado em ombros para fora da arena, que curiosamente é de areia tal como os circos romanos. O sangue neste tipo de chão torna-se menos perceptível do que em outros materiais.

que subsistem por esse mundo fora,¹⁰⁰ é uma realização moderada da transformação das tendências agressivas e sádicas do homem.

A morte do animal às mãos de um 'caçador desportivo' inscreve-se numa perspetiva muito ampla que importa equacionar. O homem julga ter o direito de intervir na própria natureza, pensamento este proveniente do projeto do iluminismo do século XVII e XVIII e ampliado pela revolução industrial dos séculos XIX e XX. Este homem tem uma visão do mundo em que ele é o centro, estando num plano superior, pelo que considera que tudo que existe à face da terra está ao seu serviço e sujeito ao seu livre arbítrio. Para nosso conforto existencial afirmamos que sempre foi assim, que é um determinismo divino, que está legitimado pela Palavra.

Consciente ou não, muito daquilo que fazemos inscreve-se nesta lógica apetecida, mas perigosa, aliás como acontece em todos os apetites desmedidos. O homem não se deve supor para além da natureza, intervindo nela destruindo-a. Há equilíbrios a manter.

O desporto moderno, em algumas das suas manifestações, ainda não encontrou esse ponto de harmonia. Violenta, através da poluição, a natureza provocando mortes várias, destruindo a harmonia natural existente. Só o desporto é que consegue justificar práticas motorizadas em lençóis de água doce, como é o caso da motonáutica nas barragens. Existem hoje toneladas de material poluente nas encostas do Himalaia restos de expedições "desportivas" ao Monte Evereste, ou nos desertos africanos, fruto das provas automobilísticas do tipo Dakar, que em 2009 se deslocou para a América do Sul por motivos de segurança.

Estas violências à vida ou a outros níveis da natureza persistem no desporto e só são socialmente aceitáveis porque se apresentam como atividades desportivas.

Para terminar este tema (quase ético) de desporto, importa frisar que mais importante que concluir é abrir novos caminhos para o futuro. Pensamos que há um défice de reflexão sobre a pessoa que pratica desporto. A investigação tem-se preocupado mais com o aspeto exterior do desporto – as suas práticas – e menos com o seu praticante, invariavelmente a pessoa humana. E quando falamos da

¹⁰⁰ Em algumas regiões asiáticas perduram as lutas entre animais, como por exemplo a luta de galos, de bovídeos, de grilos ou de cães, lutas essas presenciadas por uma assistência numerosa e entusiástica.

pessoa humana impõe-se que abramos um capítulo, um enorme capítulo sobre a ética.

A visão que aqui apresentámos diz mais respeito à pessoa do que à “coisa extensa”, isto é, àquilo que é visual, físico e sensível.

A violência na sociedade e a violência que há no desporto terão de ser analisadas também nesta dupla perspectiva: na sua expressão externa e na sua concepção essencial, que nem sempre são pontos de vista coincidentes.

Nunca é de mais lembrar que a mitologia nos dá inúmeros exemplos da violência primordial, por onde o homem foi gerado. Essa violência é lembrada regularmente pelos rituais. Estes, não poucas vezes, são extremamente violentos, em especial os rituais de puberdade que se realizam um pouco por todo o mundo, por vezes de forma camuflada e por outras vezes de maneira bem visível. Com efeito, um ritual comporta várias fases. Se a última fase é a da exaltação provocada pela ultrapassagem das provas, a segunda fase caracteriza-se por ser violenta. Porém, é uma violência que comporta um dado sentido e não desprovida de significado humano, mesmo ontológico, remetendo o homem para os seus primórdios, para as suas origens mais sagradas.

O desporto é um desses rituais que se fundamenta e nos dá a conhecer essa violência primordial. Pensar num homem sem violência e, como consequência, num desporto sem algum grau de violência é um equívoco. Contudo não podemos confundir esta violência mítico-ritual do desporto, com aquela que acontece em volta do desporto. Esta última terá eventualmente outras causas, outros autores e outra lógica. É outra violência que não se fundamenta nesta visão mítico-ritual do desporto. Se o pensamento mítico, qual linguagem religiosa, poderá estar imbuída de uma mensagem verdadeiramente ética, já a violência gratuita que se desenrola em torno do desporto, não poderá ser aceite, muito menos estimulada ou confundida com os nobres valores que enformam uma das mais extraordinárias atividades humanas.

Tema 4 - Ecologia¹⁰¹

Ecologia: um problema para o desporto

A ideia da ecologia tem recebido contributos notáveis quer por parte de filósofos quer de homens das denominadas ciências exatas,¹⁰² principalmente desde do início da década de oitenta do século passado. Como em qualquer outro ramo do pensamento há sempre idealistas, utópicos, fundamentalistas que por vezes mais do que promover um sentimento justo provocam contradições naqueles, muitos, que julgam a ciência.

Com efeito, uma das grandes questões da atualidade diz respeito à ecologia, à relação do homem com o meio que o envolve, com a natureza. Esta questão assume-se no tempo atual como determinante para o nosso viver, influenciando-o diretamente sendo uma das maiores preocupações globais, tornando-se necessário encontrar uma nova visão antropológica em que predomine a harmonia (re)conquistada entre o homem e o cosmos.

O desporto, “atento” que está aos grandes problemas atuais, não poderia ficar indiferente ao pensamento ecológico, no fim de contas uma questão ética, tentando aí uma fundamentação, ou, se preferirmos, uma legitimação do seu discurso. Aliás pensamos ser uma exigência atual refletir o desporto através deste novo quadro axiológico, sendo nossa obrigação incorporar no nosso ideário, nas nossas preocupações quotidianas a ecologia, mas retirando dela preconceitos ou fundamentalismos. Assim torna-se legítimo que queiramos compreender a sociedade [ecológica] através das inúmeras práticas da Educação Física. O caminho para atingir tal desiderato pode ser longo e estar semeado de escolhos, mas não pensar nessa questão é já estar a trilhar caminhos duvidosos.

¹⁰¹ O desenvolvimento deste tema está bastante próximo do capítulo “Desporto e ecologia” do livro de Rui Garcia, *Antropologia do esporte*. Rio de Janeiro: Shape, 2007. Há algumas alterações ligeiras relativamente ao texto original.

¹⁰² Utilizamos aqui a expressão ciências exatas apenas por comodismo. Com efeito, a atual discussão sobre o conhecimento diz-nos que apenas existe conhecimento produzido com rigor ou sem rigor. Toda a ciência é exata se for construída com rigor. Assim, a dicotomia entre ciências exatas e não exatas deverá dizer apenas respeito ao rigor da sua construção e nunca para servir como linha divisória entre diferentes saberes ou disciplinas.

A FIEP¹⁰³ já invocou a *Agenda 21*¹⁰⁴ para o seu ideário, o que demonstra que as questões socio ambientais não nos são indiferentes.

Contudo, a Educação Física, talvez pela salutar pluralidade de saberes que convoca, ainda é permeável a discursos novos e atraentes, mesmo que possamos entrever nesses percursos retóricos uma total inconsequência para a sua afirmação.

O discurso ecológico para o desporto sem dúvida que é *atual*. Face aos tempos que decorrem é também *coerente* que se tente legitimar pela ecologia a prática desportiva. Esse discurso existe. Porém a questão fundamental coloca-se sobre a sua *relevância*.

Num rápido olhar pela bibliografia verificamos que há um crescendo de publicações, quer em forma de livros, de revistas ou de artigos, sobre as relações de desporto com a ecologia.¹⁰⁵ Aliás o contrário é que seria caso para admiração.

Por outro lado, é visível uma nítida aproximação das pessoas pelos ambientes “naturais”, da fuga do ambiente urbano, o incremento de atividades de ar livre, de atividades que se regem mais pelo “relógio natural” do que pelo mecânico. As ondas do mar, as marés, as estações do ano, os ventos, etc., são as principais condicionantes de inúmeras práticas desportivas que têm vindo aumentar significativamente nos últimos anos.

Entendemos que os fundamentos axiológicos da nossa sociedade encontram nas novas práticas desportivas - de tipo ecológico - uma das suas expressões mais visíveis e de mais fácil perceção por parte da nossa população, pelo que se torna um imperativo ético considerar a ecologia como um problema atual, mesmo no que diz respeito ao desporto.

Apresentado que está o tema, importa agora justificar a inclusão da relação desporto/ecologia na problemática de uma ética do desporto.

O homem é um ser situado, quer no tempo quer no espaço. Como nos advertiu Ortega y Gasset, o homem é com as suas circunstâncias, mas se não salvarmos as

¹⁰³ Fédération Internationale d'Éducation Physique, a mais antiga organização mundial de Educação Física ainda em atividade.

¹⁰⁴ A *Agenda 21* é um documento proveniente das Nações Unidas, que pretende um compromisso político ao mais alto nível no que diz respeito a desenvolvimento e cooperação ambiental.

¹⁰⁵ O Doutor Lamartine Pereira da Costa é, sem a mínima sombra de dúvida, um dos maiores expoentes mundiais do estudo da relação do desporto com a ecologia. De sua edição salientamos o livro *Meio ambiente e desporto*. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto, 1997 (edição bilingue, português e inglês).

circunstâncias não nos salvaremos. O ambiente, ou passe a expressão, o ambiente natural, é uma das suas circunstâncias, pelo que se torna imperioso pensar naquilo que nos é exterior. Desta forma compreendemos que há necessidade de analisar o homem nesta última condição, a do *ser situado*, não podendo um discurso sobre o corpo, particularmente em movimento, abstrair-se dessa condição.

Se admitirmos que as dimensões fundamentais do homem enquanto *sujeito* são o mundo, a sociedade e o próprio *self* (Eu), a construção de uma antropologia de cariz filosófico começa pelo Eu, não um Eu isolado, mas expressão da presença do mundo, da sociedade e do corpo. Por esta ótica o homem vive numa permanente dialética do interior-exterior. Compreender o homem, enquanto *ser situado*, passa, então, pela compreensão da sua exterioridade, da *natureza*.

Neste contexto, a palavra *natureza* ultrapassa a dimensão de algo indiferente ao homem assumindo, em primeiro lugar, a condição de algo pensado e representado como a realidade exterior, na medida que é submetida às normas da racionalização, exprimindo-se em teorias, leis, modelos e conceitos. *Natureza*, então, constitui-se como “domínio de uma forma de presença humana no mundo”,¹⁰⁶ caindo naturalmente a sua discussão no âmbito de uma antropologia filosófica geral e, no caso particular, da do desporto, uma vez que o nosso próprio corpo é parte integrante da *natureza*.

Como muito bem nos lembra Lenoble,¹⁰⁷ o homem transporta consigo as suas necessidades e os seus desejos. Na própria natureza se projetam essas necessidades e esses desejos mais profundos, pelo que ela própria estará condenada a viver o drama humano. E o desconhecimento, expressão da nossa finitude, constitui-se como um drama do homem.

Na ânsia de ultrapassar o desconhecimento aparece invariavelmente o *saber*. Este, nesta sociedade, pode ser definido por três pares de asserções:

- **Procurar para saber;**
- **saber para prever;** e
- **prever para intervir.**

¹⁰⁶ Henrique Vaz. *Antropologia filosófica*. São Paulo: Edições Loyola, 1993, p. 26.

¹⁰⁷ Robert Lenoble. *História da ideia de natureza*. Lisboa: Edições 70, 1990.

Na tentativa de a conhecer o homem interveio na natureza, causando desequilíbrios que estão à vista de todos.

Estes distúrbios não se visualizam apenas através dos fumos produzidos pelas fábricas, pelo chamado “efeito de estufa” ou pelo “buraco de ozono”. Também se expressam por corpos disformes, quer de praticantes de *sumo*, onde há uma anulação total das formas corporais, como pelo *body-building*, onde se assiste a uma acentuação exagerada dessas mesmas linhas corporais. Temos que ficar cientes que tanto no caso do “buraco de ozono” como nos casos “desportivos” documentados há um desrespeito pelo mundo exterior, um verdadeiro atentado ecológico. Temos que compreender que ecologia não se esgota na água dos rios, nas zonas verdes, mas que o homem, mesmo o desportista, é um elemento dessa natureza, pelo que a ecologia no desporto começa pelo próprio corpo. Também na nossa relação com o corpo deveremos pensar e agir com ética.

Na consciência dos perigos da nossa intervenção no mundo surgem a pouco e pouco movimentos vanguardistas que procuram restabelecer o equilíbrio ambiental. Contudo, associados a estes movimentos aparecem outros com posições mais fundamentalistas que desejam um regresso do homem a um tempo idílico, onde a natureza é entendida como uma categoria residual omni-englobante, um mundo primordial sem “predadores” nem “predados”, uma natureza em perfeita harmonia, mas sem homens.

A ideia deste mundo é uma ideia ingénua porque tal mundo não pode existir mais. Desde que o *primeiro homem* pôs o pé na terra, não mais se pôde falar de natureza *natural*, mas sim de uma natureza socializada ou humanizada.

Finalmente, a natureza perde totalmente o seu carácter de independência em relação ao homem, assumindo-se definitivamente como um seu produto, uma preocupação socio antropológica.

A condução deste tema para uma ética desportiva passa, então, pelo entendimento de alguns aspetos basilares. Um desses aspetos diz respeito à conceitualização da natureza, que entendemos ser algo produzido e representado por nós próprios (desde o antropomorfismo infantil, onde “uma nuvem me persegue” até à contestada anulação do acaso na sua constituição). Outro aspeto que importa

realçar diz respeito à compreensão que o corpo é parte integrante da natureza, da nossa natureza, pelo que importará equacionar qual a nossa natureza, emergindo, mais uma vez, a cultura como o aspeto determinante do nosso discurso.

Ética e ecologia: a mesma questão

Com a modernidade surgem uma série de instituições de que destacamos o industrialismo. Impõe-se afirmar que o conceito de industrialização não se limita às cidades com as suas grandes fábricas, mas também ao campo, onde a lógica da indústria já se faz sentir com enorme premência. Com o advento da **industrialização** aparecem naturalmente os movimentos ecológicos que poderemos integrá-los como sendo os **movimentos de contracultura**. Estes movimentos buscam uma **maior segurança** para o planeta, caracterizando-se pela defesa da **humanização da tecnologia**.

Esta defesa do planeta e das pessoas insere-se num ideal que tem sobressaído neste nosso mundo em constante mutação: a ética. Em função deste novo valor redefinem-se conceitos, aparecem novas expressões, enfim tudo é questionado. A própria ética é questionada. Longe vai já a ética difundida pela filosofia da antiguidade grega e por Immanuel Kant.

Durante muitos séculos a ética esteve sempre ligada à religião, a uma perspetiva teocêntrica. Contudo no século XVII, o século das luzes, iniciou-se um processo de secularização da moral, remetendo para a condição humana o centro dos valores. Com a ética constitui-se uma nova organização social e política, baseada em princípios simples e aparentemente incontestáveis, encarnando o novo valor absoluto dos tempos modernos: o Homem. A ética não está (somente) em Deus, mas existe no próprio homem, podendo-se falar de uma ética antropológica, uma ética centrada em cada um de nós.¹⁰⁸

A autonomia moderna da ética, ou pelo menos de determinada visão da ética, considera o homem como valor central, onde cada um de nós tem a dupla obrigação de respeitar a humanidade que há em si e não agir contra a finalidade da natureza

¹⁰⁸ Queremos alertar os nossos Leitores que a questão da fundamentação da ética não é tão simples como aqui apresentamos. Provavelmente o homem não poderá ser o fundamento da ética. Esta discussão é apaixonante, mas levar-nos-ia para campos inacessíveis ao nosso grau de compreensão da ética.

É talvez com o advento desta nova moral estritamente humana-racional, que a nossa sociedade se tenha preocupado com a “moralização dos costumes”. É a bioética, a ética dos negócios, a ética das relações pessoais e sociais, a ética desportiva, a ética do ambiente, que dá pelo nome de ecologia. Estamos assim perante uma nova visão da natureza, defronte a uma perspetiva ética daquilo que durante séculos serviu apenas para ser delapidado.

Tudo é questionado por este novo valor da nossa existência. Até o indiscutível binómio direito/dever é colocado em xeque pela ecologia. Com efeito cada vez mais percecionamos o direito à natureza a pessoas que ainda nem sequer nasceram e que por isso não têm ainda qualquer dever perante a sociedade. A ecologia, agora chegada à Educação Física, inscreve-se assim numa perspetiva muito mais vasta que dá pelo nome de ética. Pretende-se uma nova relação com a natureza, numa coexistência que se quer pacífica.

Contudo a ética, como já tivemos ocasião de mostrar, é um conceito de geometria variável, um conceito assimétrico.

Também no desporto notamos um conceito assimétrico de ética, mesmo em níveis muito baixos de discussão. Sem dúvida que aquilo que os jogadores da minha equipa fizeram aos adversários durante o jogo foram meros acidentes inevitáveis enquanto os da outra equipa se portaram como autênticos selvagens. Anjos e bárbaros coexistem no mesmo jogo só não havendo concordância de parte a parte quanto à atribuição dos adjetivos...

Por outro lado, assistimos a assimetrias notáveis entre a direção de um discurso e a sua prática. Na ânsia crescente de procurar aquilo que resta da natureza, o homem encontrou nos “novos desportos” um meio de satisfação. Mas ao fazê-lo invariavelmente contribuiu para aumentar a pressão humana em locais que se mantiveram afastados e por isso “ecologicamente limpos”. Dessa busca resulta uma urbanização da natureza. São caminhos que se abrem; são carros que se deslocam; são restos da civilização que se espalham amiúde.

Que dizer da BTT ou mais ainda do *Enduro* que na procura da natureza a polui, a violenta? E dos desportos náuticos motorizados que deixam rastros de óleo nos lençóis de água? E a escalada por paredes íngremes que faz troar os montes,

afastando dos ninhos as aves? Também no desporto as crescentes necessidades humanas são satisfeitas através da exploração industrial da natureza.

A ética, e com ela a ecologia mesmo nas suas assimetrias, são assim as expressões de uma nova cultura que queremos para o futuro. Mas a ética que aqui enunciamos não se refere unicamente àquela situada no mundo das ideias em evidente assimetria com práticas que de ecológicas têm apenas a conotação. Ética aqui é entendida como a “modelação” de pensamentos e de práticas verdadeiramente úteis para as populações, com determinado significado e socialmente aceites.

Natureza e natureza humana

É do senso comum a distinção nítida entre o natural (tido como o mundo físico, biológico) e a cultura. A interação entre estes dois mundos é ainda, para muitos, um conceito de difícil compreensão o que ocasiona perspectivas um tanto ou quanto redutoras.

Motivado pela (quase) incapacidade conceptual de uma justa divisão entre palavras do nosso léxico comum, surgem dificuldades acrescidas na comunicação de ideias acerca da natureza e do homem. Para compreender essa dificuldade basta apresentar a expressão 'estudos ambientais'. De imediato pensamos em estudos sobre a natureza que nos rodeia, sendo poucos os que alcançam a pluralidade de áreas abrangidas por esta expressão. A habitação, as condições de higiene, o tamanho, a área e as características dos edifícios onde vivemos, a acessibilidade às fontes dos bens, ideias e serviços entre um sem número de outros aspetos, são temas perseguidos por estes estudos denominados de ambientais. Também as tradições e os costumes das diversas comunidades são assunto abrangidos por estes estudos.

Natureza e homem são conceitos difíceis de compartimentar, tornando-se necessário clarificar alguns aspetos para que possa existir empatia comunicativa.

A simplicidade desta diferenciação entre a cultura e natureza causa diversos problemas onde o fundamentalismo ecológico encontrou bases para um discurso legitimador. Esse fundamentalismo perdura, pois baseia-se numa dicotomia que é artificial, uma vez que ele mesmo é produto da própria cultura. Por outro lado, as ações humanas realizadas no passado alteraram todo o conjunto do mundo, a tal

ponto que se torna possível afirmar que o ambiente natural que habitamos é substancialmente uma criação humana.

A cultura primitiva, bastante mais sábia do que aquilo que se poderá pensar, revela nos seus mitos a inter-relação entre a esfera do natural e do cultural. Os “antigos”, com um pensamento assente na mitologia, fundamentaram e legitimaram um verdadeiro discurso ecológico moderno, onde a ideia de natureza não aparece como polo oposto à cultura. Interagem, condicionando-se mutuamente, como podemos constatar através de inúmeros rituais. Também a reprodução (leia-se casamento ou acasalamento) pode ser vista como um bom exemplo da interação de um instinto (componente biológico) e uma matriz sociocultural. O campo económico, político, jurídico e religioso, bem como preconceitos raciais e outros, condicionam esse instinto, sujeitando-o a regras, cujos exemplos se repetem quase até ao infinito.

O homem não pode ser definido apenas como sendo um animal revestido de cultura. O homem, mesmo afastado das nossas sociedades, está para além do animal. São diferentes. O homem pode nascer sem cultura, mas parece ser dotado naturalmente de razão.

A questão da natureza humana é um vasto campo de reflexão e de interesses particulares. É também uma questão política. Por vezes é necessário não reconhecer **humanidade** em alguns povos para que melhor se submetam ao *outro*. O reconhecimento da condição humana pressupõe direitos (desde os materiais até aos divinos, como o direito à vida e à liberdade). É conveniente assim uma perceção enviesada de natureza/cultura para evitar esses mesmos direitos. Muitos povos de África e da América do Sul foram vítimas desse estratagema europeu.

Toda esta discussão antropológica (por vezes de índole metafísica) serve para demonstrar que é insustentável conceber o homem natural como um ser sem cultura, uma vez que é possível mostrar que faz parte do nosso património biológico a capacidade para utilizar a cultura, quer como comunicação, quer como instrumento de pensamento.

Cultura e natureza no homem são duas faces da mesma moeda. Conceber uma sem a outra componente é insustentável, pelo que o discurso ecológico, mesmo no desporto, não pode reduzir-se ao mundo físico-biológico, mas inscrever-se também

na cultura. Em nome da ética, naquilo que esta palavra tem de mais profundo, não podemos continuar a confundir as coisas.

Cultura e natureza humana

Karl Popper,¹⁰⁹ numa breve história da vida, relata a dependência da natureza para a origem do reino vegetal. Sem a atmosfera nada seria possível. O reino animal torna-se possível porque existem plantas. Sem elas não haveria cadeia trófica. Sobre a criação do homem diz o autor que “nós criámo-nos a nós mesmos através da linguagem especificamente humana” (p. 12).

Entendemos que o homem é mais que um mamífero e o grande pecado redutor foi afirmar que no fundo o homem não era mais que um mamífero.

Também Norbert Elias¹¹⁰ reconhece que os seres humanos embora “de ascendência animal, não são, simplesmente, animais tal como qualquer outro animal, e que o processo evolutivo contínuo produziu, sob a forma dos seres humanos, algo de novo e único” (p. 33).

Einstein¹¹¹ também faz notar que a existência humana se afasta da natureza. Num ensaio escrito em 1937 afirma que a cultura faz com que os nossos atos atendam cada vez menos às meras necessidades imediatas dos nossos instintos. Estes põem o pensamento em ação e o pensamento provoca ações intermediárias, visando a satisfação, ou não, dos próprios instintos.

Ora, em todos há um traço comum que se constitui como um relativo afastamento do homem em relação à natureza. A sua criação, bem como a sua regulação através dos instintos, sofreu uma espécie de aculturação, ideia esta que pode ser corroborada por inúmeros exemplos (diversos rituais, especialmente os de puberdade, fornecem indícios para a fundamentação desta posição teórica).

A submissão do biológico à cultura acontece desde os povos mais primitivos, submissão essa que as tradições mítico-religiosas fazem eco. São por demais conhecidas as narrações sobre o início dos tempos onde há uma intervenção de um

¹⁰⁹ Karl Popper. *Em busca de um mundo melhor*.

¹¹⁰ Norbert Elias. *Teoria simbólica*. Oeiras: Celta Editora, 1994.

¹¹¹ Albert Einstein. “Moral e emoções”. In *Escritos da maturidade*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, pp. 19-24 (1ª edição 1937).

ser através da palavra. É esta que tudo cria. Ora, a linguagem constitui-se como o verdadeiro desencadeador da existência humana, e a palavra é um facto cultural.

O próprio Norbert Elias¹¹² chega a afirmar que conceber um ser humano sem linguagem é o mesmo que dizer que seria um ser sem conhecimento e sem razão. É a linguagem que transforma algo em ser racional. Pelo menos é através da linguagem que se expressa de forma mais evidente a racionalidade. Se evidencia essa transformação, então esse novo ente não é o mesmo que o anterior. É outro. E foi a cultura que determinou a nova essência. Assim a natureza humana não é somente física, mas, acima de tudo, cultural. Merleau-Ponty,¹¹³ na mesma linha de pensamento, considera que o homem não se diferencia do animal pela adição da razão ao corpo físico. O homem é muito mais do que essa simples operação quantitativa.

Também aqui será justo recordar o sociólogo Norbert Elias quando afirma que as grandes mudanças nas sociedades animais têm uma fundamentação biológica, nos genes, enquanto nas sociedades humanas uma grande mudança social pode ocorrer sem qualquer mudança biológica. O homem medieval é o mesmo que o do renascimento e, sem dúvida alguma, o renascimento produziu uma nova organização social. O homem de agora vive numa sociedade totalmente diferente de então. No entanto não são visíveis diferenças biológicas, mas apenas culturais.

Contudo inúmeras vezes fundamentamos os nossos pensamentos em princípios organizadores de outros tempos, de outras sociedades. O fundamentalismo ecológico remete-nos para o tempo de antes do próprio homem.

Desta forma, a ideia ecológica da reaproximação do homem com a natureza é uma ideia ingénua. Ingénua porque o homem desde sempre se preocupou em se afastar dela, enquanto algo exterior a si próprio. Podemos ir ainda mais longe afirmando que o lento processo de hominização foi, exatamente, o afastamento em relação ao ambiente dito natural. A educação e o treino desportivo não são mais do que tentativas para acelerar a *nossa* natureza.

¹¹² Norbert Elias. *Teoria simbólica*.

¹¹³ Maurice Merleau-Ponty. *La nature*. Paris: Éditions du Seuil, 1995.

Temos dados concretos, recolhidos na imensidão da floresta amazónica,¹¹⁴ que corroboram este modo de pensar. O nascimento e a morte, momentos que balizam a nossa existência biológica, estão sujeitos a rituais complexos para dar ou retirar *ser* a um corpo. A puberdade, isto é, o momento em que os jovens e as jovens ficam aptos a procriar, só é assumida após um ritual. O corpo biológico não é livre de seguir o seu decurso natural, por vezes desviado, mas há uma séria e constante tentativa para a sua domesticação. A natureza é selvática, indómita e perigosa, pelo que se torna imperioso submetê-la à “vontade” do homem, isto é, à cultura.

Acerca desta temática não tenhamos ilusões, pensando que basta proclamar o regresso do homem à natureza (que, cremos, não seria um regresso, mas um ingresso) que ele irá acontecer. A natureza oposta à cultura não é por si só a nossa *natureza*. A cultura também o é. Assim para uma visão ecológica é fundamental que percebamos qual é a nossa cultura. Neste ponto de vista as “práticas alternativas” no movimento humano são um campo deveras importante para nós que investigamos o desporto. As ciências socio antropológicas do desporto têm assim um campo de investigação infundável, legítimo e autónomo.

Assim, conscientes que uma visão antagónica entre cultura e natureza não é sustentável, poderemos entrever a direção do discurso ecológico no desporto. Também aqui confrontar uma e outra realidade se torna conceptualmente impossível.

Desporto na sociedade ecológica

O biólogo Henri Atlan¹¹⁵ lembra que a “nossa necessidade de explicação e de ordem unificadora só parece satisfazer-se inteiramente se incluir não apenas as perceções que temos do nosso meio envolvente através dos nossos sentidos mas também as perceções que temos de nós próprios nos nossos comportamentos, num leque de todas as características físicas, biológicas, sociais... e éticas” (p. 265). Estudar o corpo, corpo esse que *faz* desporto, passa pela sua abordagem ética e, consequentemente, ecológica.

¹¹⁴ Durante vários anos um dos autores deste livro percorreu parte da imensidão amazónica, tentando descortinar elementos decisivos para a compreensão do desporto.

¹¹⁵ Henry Atlan. *Com razão ou sem ela. Inter-crítica da ciência com o mito*. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

A discussão sobre o nosso corpo foi perpassada por falsos argumentos que durante muito tempo ofuscaram a verdadeira identidade do próprio corpo. É dito comumente que o corpo é a inscrição do homem no mundo natural. Partindo desta premissa, que para nós não é totalmente verdadeira, muitas ideias, hipóteses e, quiçá, teorias, se desenvolveram e se afirmaram.

O corpo não existe fora de um contexto natural e é ele próprio resultante de uma cultura. Se outrora a utilização do corpo era regulada por doutrinas divinas, atualmente à questão “até onde se pode dispor do próprio corpo” ninguém ousa responder. Já Espinoza, filósofo holandês do século XVII, dizia que ninguém conseguiu determinar aquilo de que o corpo é capaz.

A Auto preservação aparece-nos como o primeiro e o mais importante dos deveres do homem consigo próprio, isto porque se ainda temos deveres para com os outros, temos ainda mais para conosco. Se o imperativo cristão de amar o próximo como a nós próprios está correto, então pensar em nós próprios, corpo obviamente incluído, é uma exigência a que ninguém se deverá furtar.

No entanto, no horizonte perfilam-se duas atitudes antagónicas em relação ao corpo. Uma é “despenalizar” o seu uso, assumindo-se o suicídio como o ponto *ómega* dessa transformação do corpo em mero instrumento da nossa vontade. A outra atitude, pelo contrário nega a agonia, o sofrimento. Aliás, na sua vastíssima obra, Norbert Elias, como já documentámos, vê a evolução da sociedade e do desporto exatamente como resultado de um processo civilizacional, onde o sofrimento a pouco e pouco desaparece nas relações entre os homens.

Por um lado, a civilização (e com ela o desporto, como uma sua forma simbólica) desenvolve-se fruto de um controlo social da violência e por outro, o desporto (e com ele a sociedade) necessita da agonia para se desenvolver. A busca dos limites do corpo-máquina pressupõe a sua utilização como um mero instrumento. *Âgon*, ou seja, um dos ideais louvados pelos hinos ao desporto - o ideal agónico - é sofrimento, é dor, enfim, é agonia.

O desporto desenvolve-se assim numa contradição aparente. Nega a dor e dá-se a conhecer pelo sofrimento. Limita-se e procura os limites do corpo. Referencia-se num discurso virtuoso terminando em práticas violentas.

A questão do jogo e sua relação com o desporto, recebeu com o sociólogo Norbert Elias um contributo inegável. Se o inquietante livro escrito em conjunto com Eric Dunning, *A Busca da Excitação*, tem merecido o uso, e talvez o abuso por parte de estudiosos do fenómeno desportivo, já outras obras de valor inegável têm permanecido na penumbra, mas nem por isso são menos interessantes. Um caso é o livro *Teoria Simbólica* onde o autor diferencia magnificamente o jogo animal do jogo humano.

Sem dúvida que ao compreendermos a essência do jogo humano e sua relação com o jogo animal compreendemos a essência do homem. O jogo animal está inscrito nos seus genes enquanto o jogo humano é regulado pela cultura. Pode moldar uma vontade inata, uma necessidade primária ou ser a expressão de um instinto, mas foi individualmente adquirido pela aprendizagem.

O movimento humano, onde destacamos o jogo, pode estar biologicamente próximo do movimento dos outros animais, mas afasta-se irremediavelmente deste em virtude da sua natureza expressiva.

O movimento humano reflete a natureza deste: é efetuado por um corpo biológico moldado pela cultura, sendo a expressão dessa mesma cultura. O jogo e o desporto consubstanciam assim a dimensão cultural de uma sociedade.

Este movimento é resultado de uma aprendizagem e de um crescimento não-genético, de um crescimento que não está inscrito em nenhum código genético ou de um crescimento mais dependente na seleção baseada na crítica racional do que da seleção natural.

O jogo humano acompanha bem a essência do homem. Pode ter um antecedente biológico, mas pretende afastar-se dele. Para isso inventaram-se regras, elegeram-se comportamentos, produziram-se técnicas.

É este jogo que nos interessa equacionar em termos de futuro. O homem atual, ao contrário dos animais, não tem necessidade de correr, de lutar ou de saltar como antigamente. Mas o homem quer correr, quer saltar, quer lutar e quer, com isso, jogar. Desta contradição entre a sociedade e o desenvolvimento humano “nasceu” o desporto. Mas este correr, este saltar, este lutar e este jogar afastaram-se irremediavelmente dos animais. Há regras que limitam os instintos.

O desporto é assim uma espécie de aculturação dos instintos. Deste modo o desporto não pode esquecer, na sua fundamentação, aquilo que efetivamente é: **uma manifestação cultural.**

Ecologia no desporto passa também pela manutenção das tradições locais, criando identidades culturais, obstando por isso a uma certa tendência globalizante tão em voga no tempo presente.

Neste tempo de novidades é impossível ser original sem se apoiar na tradição. Se temos obrigações éticas para preservar o rio, a floresta, os animais, somos ainda mais obrigados a preservar as tradições culturais, onde se inclui o património lúdico-ritual das populações autóctones.

Lipovetsky¹¹⁶ afirma que os grandes sistemas ideológicos, com uma cultura fundada na eventualidade, na cientificidade instantânea e nas novidades, contribuíram para desenvolver uma nova relação dos indivíduos com o saber. Aquilo que nos orienta, mesmo no desporto, depende cada vez menos de saberes tradicionais, da cultura local, e cada vez mais de elementos captados nos *mass media*.

São novas práticas corporais, conceitos de saúde, outras leituras, outro tipo de necessidades (normalmente “desnecessárias”) e mesmo outro tipo de alimentação, provocando desequilíbrios notáveis como aqueles descritos por Torkildsen.¹¹⁷ Este autor relata que a substituição da tradição alimentar e o desenvolvimento da famosa cadeia McDonald's na Tailândia provocou o aparecimento de novas doenças como a hipertensão, diabetes, doenças cardíacas, etc., até então desconhecidas com o atual grau de extensão.

A um saber fechado, mas dominado pelo tradicional passou-se, muitas vezes irrefletidamente, para uma cultura de massa, muito mais alargada, mas essencialmente frágil e flutuante. Da tradição passou-se para a modernidade num apressado processo socio-histórico e por isso originando inseguranças.

O muito divulgado conceito atual de pós-modernidade equaciona, entre outros aspetos, uma nova relação de cada um na sociedade. A uma ideia de coletivo atualmente contrapõe-se uma de individualidade hedonista na busca de uma melhor qualidade de vida, através de novos estilos, onde a reabilitação das tradições locais e

¹¹⁶ Gilles Lipovetsky. *A era do vazio*. Lisboa: Relógio d'Água, 1989.

¹¹⁷ Georges Torkilsen. *Leisure and recreation*. London: E. & FN Spon, 1994.

regionais surgem como formas importantes de realização pessoal. O recém-publicado *Atlas do esporte no Brasil*, obra monumental editada por Lamartine Pereira da Costa,¹¹⁸ começa exatamente por abordar jogos antiquíssimos, intitulado esse ponto do trabalho como raízes. Provavelmente muitos dos atuais jogos mergulham as suas mais profundas raízes nessas atividades ancestrais.

O desporto, se quer acompanhar esta nova forma de estar no mundo não pode perder de vista, sem, no entanto, se *babelizar*, as diversas identidades tradicionais. A uma biodiversidade nós adicionamos a ideia de antro-po-diversidade, assumindo-se assim a tradição como uma **determinante cultural do desporto**.

Para lá da tradição como garante cultural do desporto, torna-se importante verificar o seu grau de proximidade com os movimentos culturais vigentes, percebendo desta forma a adequação das práticas com a nova hierarquia axiológica.

Assim, se atentarmos às novas modalidades desportivas e que se encontram em franco desenvolvimento, facilmente descortinamos nelas uma característica comum: são atividades deslizantes. É o *surf*, o *windsurf* e o *body-board*. É o *parapente*, a *asa delta* e o *esqui aéreo*. É o *skate*, os *patins em linha* e o *BTT*. Enfim, o objetivo parece ser antes de tudo ir ao encontro da natureza, dos seus ritmos e não a contrariar como até aqui.

Este carácter deslizante do desporto moderno conduz a práticas individualizadas, únicas, irreproduzíveis, constituindo-se como autênticos e sucessivos desafios aos seus praticantes.

O homem de hoje parece, num primeiro momento, que já não se preocupa em vencer as forças naturais, indo mais além, mais alto ou mais rápido. Aliás, vemos no poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade¹¹⁹ a perfeita caracterização do desporto moderno:

*Flutua o jogador,
gravado no ar - afinal
o corpo triunfante*

¹¹⁸ *Atlas do esporte no Brasil* (Organizado por Lamartine Da Costa). Rio de Janeiro: Shape, 2004.

¹¹⁹ Carlos Drummond de Andrade. "Futebol". In *Quando é dia de futebol*. Rio de Janeiro: Editora Record, p. 21.

da triste lei da gravidade

A força da gravidade parece que já não é para ser vencida (como no salto em altura) mas aproveitada para o *banjy-jumping*. O vento forte já não é um obstáculo a transpor ou a negação da performance, mas o elemento que vai possibilitar subir aos céus, para depois planar suavemente, numa verdadeira metáfora a Fernão Capelo Gaivota. A força da água não é mais para ser vencida, mas sim para nos levar, qual equilibrista, por ela adiante.

Aparentemente a famosa tríade *citius, altius, fortius* terá que encontrar uma outra, onde as ideias de deslize, de risco e de êxtase apareçam bem expressas.

O entendimento destas novas (?) manifestações desportivas terá que estar referenciado aos valores do tempo atual. O homem, o novo homem desta nova sociedade que se está a desenhar, procurará desportos que o reflitam. Não deveremos ter receio em afirmar que o atual modelo desportivo não responde cabalmente às exigências sociais do nosso tempo. Cremos que está esgotado, mas cremos igualmente que não pode ser substituído. Cremos sim na complementaridade de outros modelos de prática física. Cremos sinceramente que a natural evolução destes novos desportos é a sua transformação em práticas competitivas, práticas mais próximas do modelo tradicional do desporto. Temos que considerar a existência de atitudes diferenciadas perante o desporto e não práticas diferenciadas. Cada prática (modalidade) permitirá a consecução dos diversos modelos pessoais de desporto, não existindo um atletismo para a competição e um *surf* para a recreação, mas a competição e a recreação realizar-se-ão no atletismo ou no *surf*.

É curioso verificar que a par dos grandes acontecimentos clássicos do desporto moderno, traduzido pelos grandiosos campeonatos internacionais, já aparecem torneios com a mesma dimensão nos chamados desportos radicais, desportos estes ligados à natureza e à emergência da cultura de risco, já apresentado e desenvolvido neste livro. Estes novos torneios apresentam uma particularidade interessante, qual seja, a de serem apoiados financeiramente pelas mesmas empresas que suportam o desporto tradicional. Os painéis publicitários existentes, por exemplo, num campo de futebol são os mesmos de uma pista de *skate* ou de uma competição de *surf*.

A lógica do desporto manteve-se. A expressão do *citius, altius, fortius* é que variou um pouco.

A compreensão do fenómeno do desporto e do seu praticante numa perspetiva ecológica, e por tal, ética, passa então pela compreensão do sentido da evolução da sociedade, dos seus valores. Sem a compreensão destes fenómenos sociais, sem o entendimento que o individualismo (não como algo pejorativo, mas como um valor existencial) é um princípio em ascensão, dificilmente compreenderemos as novas práticas desportivas.

Assim para o conhecimento do homem (enquanto objeto e sujeito da antropologia) torna-se fundamental ter algumas noções do ambiente onde ele vive, da sociedade. O desporto praticado pelo primeiro é realizado num ambiente social. O *homo ludens* e o *homo sportivus* não existem no abstrato, mas inscritos num tempo e num espaço, enfim, inseridos numa cultura. Da mesma forma o jogo, quer aquele ingénuo quer aquele regulado – o desporto –, também não é uma entidade abstrata, mas umbilicalmente ligado ao homem e à cultura.

Expostas que estão as linhas gerais sobre a relação entre o desporto e o pensamento contemporâneo, importa agora tecer algumas considerações complementares acerca das opções assumidas.

Temos plena consciência que o nosso discurso não é de fácil e imediata apreensão. Temos consciência que seria mais simples seguir as linhas tradicionais (também aqui assumimos uma rutura com o tradicional...) e apresentar as ideias do senso comum (que não consideramos desprovidas de valor), promovendo as atividades do ar livre sem a devida reflexão. Temos a consciência que todos nós sem esforço maior de raciocínio iríamos repetir essas ideias, defendendo as novas atividades desportiva, julgando que prestavam um válido contributo à natureza e à ecologia. Optámos pelo confronto, pela dúvida, pelo estabelecimento da incerteza para que julguemos conscientemente o valor da atividade física na perspetiva ecológica.

Igualmente reputamos de importante que não se contraponham modalidades para afirmar o carácter diferenciado (plural) do desporto. Infelizmente grassa na nossa sociedade a ideia que o futebol, o atletismo, a ginástica, etc., são desportos de competição e as novas modalidades são as de recreação. Há que combater este pressuposto errado, fazendo ver que mais que a atividade é a intencionalidade do

praticante que caracteriza o desporto. cremos que a abordagem desta temática, tentando localizar o “desporto ecológico” nas esferas da cultura e da sociedade, ajudará a uma melhor compreensão da relação do homem com o próprio desporto. Movimentar o desporto na esfera ecológica e nela fundamentar um pensamento cultural não é fácil. Para mais não sabemos ainda, com a profundidade necessária, o que é o pensamento ecológico.

Legitimar um discurso ecológico num desporto que parece atravessar uma crise de identidade, é tarefa difícil e que não está ao nosso alcance. Propomos que para legitimar ecologicamente o desporto não percamos de vista a identidade cultural dos povos, tendo mais uma vez presente que **o desporto é assim uma expressão cultural dos diferentes povos mediatizada por um corpo biológico**. Ecologia no desporto não pode ser apenas confinada à relação do homem enquanto ser vivo ao ambiente, mas também à sua interação com este, que afinal poderia ser uma definição de cultura.

Ao concluir este tema (quase ético) de desporto, interessará de sobremaneira enfatizar que as questões relativas à ecologia não dizem respeito aos biólogos, mas a todos, quer na dimensão de cidadão quer na dimensão de profissional de qualquer área. Ao profissional de Educação também se colocam desafios ecológicos a vários níveis. O corpo, enquanto entidade regida por leis biológicas, é um desses desafios, pelo que para a sua reflexão se torna imperioso convocar esta nova área do conhecimento humano, sem esquecer as amplas implicações que daí poderão surgir. A vastidão do tema da ética é tal que aqui resolvemos optar apenas por uma visão parcelar. Competirá agora ao nosso Leitor ir em busca de outros enfoques da ecologia.

Tema 5 - Para uma ética centrada no esforço

Como já tivemos ocasião de referir, há palavras ou pequenas expressões que marcam um tempo ou uma era. A palavra esforço, com toda a certeza, não parece que seja uma dessas palavras para anunciar o tempo presente. Tudo que pareça servir para reduzir o esforço físico nesta nossa sociedade urbana e ocidental, é convocado para ser utilizado em prol do imobilismo.

Se não há muito tempo o processo de moldar o corpo às formas socialmente mais postuladas estava centrado no esforço físico, hoje assistimos a uma constante luta contra esse mesmo esforço e mesmo contra os movimentos corporais mais simples.

Creemos que já são poucas as pessoas que se levantam do sofá para mudar de canal televisivo ou que abrem os vidros das janelas dos seus automóveis manualmente.

Para tudo há botões que comandam os objetos que circundam a nossa existência.

Cada vez mais o futebol é jogado nos *vídeo-games*, as corridas, as perseguições, as lutas e os tiros que fizeram as delícias da nossa juventude em tempos mais ou menos próximos, são agora vividos no conforto do sofá, com o binómio tensão-excitação¹²⁰ em níveis tão elevados, mas sem o prazer de se sentir o suor a correr pelo rosto, as dores musculares resultantes do esforço ou do contacto físico com os contendores.

O jogo sempre¹²¹ fascinou o ser humano. O jogo é, tem que ser, um sistema de regras e uma fuga às próprias regras. É um sistema de regras dado que qualquer jogo, pelo menos aqueles que fazem parte do grande mundo da Educação Física, possui um determinado corpo de regras, mesmo que esse regulamento só seja aceite tacitamente como no caso do futebol da várzea ou dos jogos dos recreios escolares. Qual paradoxo, o jogo é mesmo tempo um convite para fugir às regras. Quantos de nós não faltaram, nem que só por uma vez, às nossas obrigações para ir jogar um pouco de futebol ou qualquer outro jogo? Regra e não-regra surgem assim intimamente unidas pela aventura lúdica, pelo que a palavra jogo poderia invocar em simultâneo esforço (durante o jogo propriamente dito) e não esforço (faltar, por

¹²⁰ Para Eric Dunning e Norbert Elias, o desporto serve para concretizar o binómio apontado. As novas modalidades desportivas, consideradas como sendo radicais, são uma forma, perto do limite do aceitável, para se viver esta tensão (a “adrenalina”) e a excitação provocada pela sua prática. *Op. Cit.*

¹²¹ Sabemos quão difícil é o uso da palavra sempre em trabalhos de natureza científica ou afim, mas neste caso não temos receios da refutação. Por isso assumimos de plena consciência a palavra sempre.

exemplo, às aulas ou a outras obrigações para se jogar ou para ver jogar). Dever e prazer cruzam-se no universo do jogo, conferindo-lhe uma importância que aparentemente não pareceria ter.

Com efeito, o jogo fascina. Fascina jogar e ver jogar. Fascina ser ator direto do jogo, e com isso viver as vicissitudes do momento, como fascina ser um interveniente passivo de uma atividade. Mas hoje esse fascínio está a ser colocado em causa por outro ainda maior, qual seja, o da comodidade. Jogar comodamente parece ser um (triste) desígnio dos tempos. Mesmo o fascínio de assistir a um jogo - atitude passiva - está a ser substituído pelo conforto do sofá da sala, tornando essa atitude ainda mais passiva.

O próprio jogo sofre assim uma evolução, ou uma involução, servindo mais como um meio para globalizar a cultura do que para atender às necessidades imediatas da criança no que se refere à sua dimensão lúdica. Aquilo que sempre foi ação está a evoluir, também, para a não ação. Aquilo que sempre foi uma experiência corporal, transforma-se agora numa experiência mediatizada pela informática. O *play-time*, antes um tempo de esforço, é agora um tempo para jogar no computador. Os jogos de futebol nas ruas, o subir às árvores ou as constantes corridas pelas calçadas das cidades são agora substituídas pelas atividades praticadas nos autênticos não-lugar e não-tempo, no fim de contas o cenário por onde decorre qualquer jogo de computador.

Talvez seja útil recuar uns 40 anos no tempo e situarmo-nos na perspetiva de Roland Barthes¹²² sobre o brinquedo. Este autor analisou a evolução do brinquedo de madeira para aquele outro de plástico, vendo nessa evolução a negação do ato criativo, a submissão da criança ao mundo dos adultos, transformando-os em simples utilizadores, fazendo com que o brinquedo seja algo parecido com uma substância artificial, não tendo vida própria, de tal forma que a criança não é mais do que um pequeno proprietário de coisas prontas e não um fazedor de sonhos. Para além disso o novo brinquedo, o computador, estimula à existência vivida numa outra realidade. No jogo não há objetos reais. Não há uma bola, uma corda ou uma pedra. Tudo são experiências virtuais. Acabado o jogo nada fica. É o vazio.

¹²² Roland Barthes. "Brinquedos". In *Mitologias*. Lisboa: Edições 70, pp. 52-53.

Acresce ainda o facto deste novo brinquedo constituir-se num verdadeiro microcosmos do adulto, transformando a criança num adulto em miniatura, dado que o atual brinquedo se insere na lógica produtiva do mundo do adulto. Desta forma o brinquedo em vez de ser um desafio à imaginação assume-se como uma propedêutica para a vida posterior da criança. Não mais o brinquedo é uma expressão onírica do “ser criança”, mas, temos que convir, a expressão real do “vir a ser adulto”. É evidente que aceitamos o facto de os brinquedos do *nosso* tempo de infância também reproduzirem vivências adultas, mas eram as nossas mãos e os nossos sonhos que fabricavam esses artefactos. Hoje é o adulto que impõe o brinquedo acabado, reproduzindo neles a lógica da sua existência, por sinal muito séria, organizada e virada para o consumo (vide o caso do número de adereços existentes para a boneca *Barbie*, ou a velocidade com que os jogos de computador surgem no mercado, o que conduzem os jovens à espiral do consumo desenfreado.) Curiosamente, mas não por acaso, o *marketing* da informática procede de forma inversa, promovendo os seus produtos através da dimensão lúdica que deles poderemos retirar. Mas este universo lúdico realçado pelo atual *marketing* é o universo do jogo adulto despojado do esforço corporal. Se o esforço ocupa agora um lugar relativamente modesto na nossa hierarquia axiológica, a criança desde muito cedo é confrontada com o não-esforço.

No entanto não é apenas a diminuição ou mesmo a negação da categoria esforço que melhor caracteriza este tipo de jogo tão comum nos nossos dias. A criança ou o jovem não mais é confrontado com o verdadeiro sentimento de vitória ou de derrota. Quando ganha não percebe da parte do computador aquele “pedacinho de inveja” ou de respeito acrescido típico dos que são lealmente derrotados. Por outro lado, a exaltação da vitória é solitária, só sua, e não socializada com quem quer que seja. Mesmo que o jogo entre a pessoa e o computador seja presenciado por outras pessoas, não deixa de existir um vazio, uma vez que não se estabelece uma verdadeira troca simbólica ou representativa entre os participantes e os espectadores. Na realidade, o que é próprio do jogo é, sem sombra de dúvida, uma relação simbólica entre os jogadores em torno daquilo que é objeto do próprio jogo – impossível de acontecer com uma máquina – e uma espécie de comunhão com aqueles que por uma razão ou outra estão a assistir.

Para além deste défice simbólico, a criança ou o jovem raramente são confrontados com a derrota. Há sempre meios para evitar “este constrangimento” antes que o jogo termine e assim evitar que tal se consume. Pode-se baixar o nível de dificuldade do jogo, deixando de existir qualquer possibilidade de derrota, evidenciando que para se ter êxito basta apenas diminuir o nível de dificuldade do jogo. Não há superação nem, há muito esforço. Basta a lei do menor esforço.

É fundamental que um discurso (quase ético) sobre o desporto considere também estes pequenos aspetos, não na vã tentativa de anular o ludismo através dos jogos informáticos, mas de o colocar no seu devido lugar. A Educação Física, especialmente nas suas práticas escolares com as crianças e adolescentes, não pode fazer a apologia destes mecanismos cuja lógica assenta no não-esforço, negando assim aquilo que consideramos ser uma das suas essências. Repare-se que de uma forma muito subtil, a lógica do não-esforço já invadiu a nossa área de atuação, como muito bem poderemos documentar através de exemplos do quotidiano.

Durante muito tempo a expressão “aulas de ginástica” correspondeu exatamente à expressão “aulas de Educação Física”. Ir para a aula de ginástica era o mesmo do que ir para a aula de Educação Física. Também se notava uma correspondência entre o professor de Ginástica e aquele de Educação Física. Havia, e de certa maneira ainda há, uma identidade, pelo menos funcional, entre estas expressões, pelo que à palavra ginástica se associava uma ideia de movimento, jogo, esforço e, por que não, de suor.

Atualmente a palavra ginástica encontra-se muitas vezes ligada à palavra passiva, formando a expressão paradoxal de “ginástica passiva”.

A ginástica passiva, como é do conhecimento geral, foi pensada e desenvolvida para possibilitar que pessoas com grandes problemas físicos pudessem ter alguma mobilidade, especialmente a nível articular. Ora, esta atividade está agora generalizada em muitas academias das nossas cidades, sendo cada vez maior o número de pessoas sem problemas relevantes a utilizá-la, desvirtuando o seu sentido e utilidade, apenas pelo facto do esforço ser mínimo, ou mesmo inexistente, e o resultado estar garantido desde o início.

O verbo jogar¹²³ parece que já não se conjuga da mesma forma do que no passado recente. Cada vez mais parece ser um verbo impessoal. Ser-se parecido com um desportista (ou com um verdadeiro jogador) é uma necessidade e um atributo importante na nossa sociedade urbana, que é uma sociedade da imagem. Nem que para isso se tenha que se desvalorizar o sentido centrado no esforço invocado pelo jogo e hipervalorizar determinada dimensão corporal, isto é, evidenciar a forma em desfavor da função.

As famosas academias que brotam em qualquer cidade do mundo contemporâneo, desvirtuaram – nem sempre por culpa própria – o verdadeiro sentido da Educação Física em geral e do desporto em particular. Estes mundos, que sempre convocaram para o seu seio o esforço e o trabalho como condições primeiras para se atingir o êxito, são agora confrontados com instituições poderosíssimas que prometem resultados quase instantâneos sem que o utente viva o outro lado da palavra *âgon*.¹²⁴

O ideal agónico, percebido no seu mais profundo sentido olímpico, parece não fazer parte do ideário do nosso tempo, pelo que urge recuperá-lo com toda a força, cabendo aos profissionais de Educação Física um papel de primordial importância.

É por tudo isto que cremos (isto é, estamos novamente perante um credo ético do profissional de Educação Física) em práticas centradas no esforço físico, decorram elas em ambiente de sala de aula, de academia ou perante qualquer outro cenário.

Cremos em práticas onde a conquista de um objetivo seja consequência de um árduo trabalho e não fruto de qualquer ilusão ou promessa.

Cremos numa Educação Física assente em práticas alicerçadas na categoria do dever, sendo o prazer uma sua resultante, e não apenas no prazer sem qualquer alicerce no esforço.

Falar de ética na Educação Física não é somente desenvolver grandes discursos de teor hermético, mas também falar destes pequenos assuntos que, no final de contas, são os nossos maiores desígnios profissionais. Possibilitar aos nossos alunos

¹²³ A palavra jogar aparece nesta frase com uma abrangência bastante vasta, desde o jogo mais comum até às mais variadas atividades gímnicas.

¹²⁴ Se na origem grega a palavra *âgon* diga respeito a um local de reunião ou a uma praça, sabemos que na sua evolução se identificou com o ideal da luta leal, ou seja, com um dos mais importantes valores éticos do desporto.

atividades desportivas de forma responsável e devidamente orientadas vale mais do que muitos discursos inflamados sobre ética desportiva e/ou profissional.

Chamamos este tema (quase ético) de desporto para este livro por termos a plena consciência que hoje há sérios desvios na conduta profissional do professor de Educação Física, especialmente quando se trata da instituição Escola.

A importância da disciplina escolar denominada Educação Física é bastante grande. Com efeito ela perpassa praticamente todo o sistema educativo, o que é quase caso único praticamente por todo o mundo.¹²⁵ Lembremo-nos que todas as crianças, pelo menos na perspetiva legal, passam pela escola sendo este o único local onde se podem praticar determinadas práticas desportivas de forma superiormente orientada. Se o profissional que atua na escola tem que possuir um grau universitário, então é porque essa disciplina escolar é importante.

O ser humano possui variadas componentes, sendo a componente física, o *soma*, uma delas. Não preconizamos que se oculte a dimensão corporal do homem em discursos pseudocientíficos ou pseudo-humanísticos que nada mais são do que evidenciar a vergonha de sermos professores de Educação Física. É por via dessa vergonha que muitas vezes transformamos aquilo que deveria prático em aulas teóricas, onde as crianças estão largos minutos, por vezes a aula toda, a ouvir falar de coisas que lhes são totalmente estranhas ou sem nenhum interesse.

O mundo da Educação Física não tem que ser igual ao mundo de outras disciplinas escolares. Se não formos nós a participar na construção física do aluno, quem será? Seguramente que não vão ser os professores de Matemática ou de Português por mais vontade que possam ter, que vão assegurar o ensino do desporto, isto é, o ensino destas práticas culturais.

A Educação Física cumpre na escola um importantíssimo papel, que é o de dar a conhecer à criança ou ao jovem o seu corpo. Mas não é um corpo qualquer ou abstrato. É, tem que ser, um corpo referenciado ao esforço necessário para realizar determinada tarefa, e, em simultâneo, ao prazer de a ter realizado, seja uma simples técnica desportiva, seja um movimento ou comportamento muito complexo.

¹²⁵ Cada país é um país e neste estudo importa realçar aquilo que se passa no Brasil. Reconhecemos que, por exemplo, nos países nórdicos as coisas são bem diferentes, mas o que tem interesse equacionar é a realidade circundante.

Situar a nossa ação naquilo que a sociedade espera de nós é uma conduta ética. Um professor de Educação Física que renegue os valores intrínsecos à sua profissão age com pouca retidão. Renegar o desporto, na perspetiva ampla já apresentada, é um comportamento que de ético nada tem.

Tema 6 - Ética e formação dos profissionais de Educação Física

Se há um tema que se discute sem monotonia de posições é, sem dúvida, a formação de profissionais de Educação Física. Se há perspectivas formativas bem fundamentadas outras há que se legitimam apenas em opiniões ou que se autorreferenciam. O autor *a* cita o autor *b* e este, em reciprocidade, cita o anterior e ambos citam o autor *c*, que também cita os outros dois, consubstanciando assim uma determinada escola de pensamento ou, como agora se diz, um paradigma. Esta nossa posição pode parecer caricata, mas este comportamento legitimador da formação em Educação Física, infelizmente, acontece mais vezes do que aquela que deveria acontecer.

Como já tivemos ocasião de frisar, a nossa área de estudo ainda está deveras permeável a algumas modas. Cremos que ainda nos falta alguma maturidade teórica para fundamentarmos, sem receios, este nosso conhecimento. Pertencemos a uma área de conhecimento relativamente recente que se estende por inúmeros campos científicos, desde a *física* à *metafísica*, o que provoca algumas dificuldades acrescidas para a afirmação de uma identidade inequívoca e aceite por todos aqueles que por aqui exercem o seu mister. Em algumas ocasiões consideramos a Educação Física como pertencente à grande área da saúde. Porém, noutros momentos, a nossa situação é nas áreas das humanidades, como se depreende quando consultamos os documentos provenientes da UNESCO.¹²⁶

É evidente que não cabe neste breve ensaio analisarmos os denominados paradigmas¹²⁷ da Educação Física. Neste momento apenas queremos assumir o nosso, que se encontra próximo daquele outro preconizado pela Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Portugal.

Em conformidade com a visão já apontada logo nas primeiras páginas deste livro, entendemos que o desporto é o elemento englobante, pelo que quando discutimos

¹²⁶ No site da UNESCO (de acesso fácil através de qualquer motor de busca) podemos apreciar as dimensões que o desporto tem para esta organização transnacional. Ética, educação, meio ambiente, cultura, tradição, são algumas dessas dimensões, pelo que não é de todo legítimo considerar o desporto como pertencente ao domínio da saúde.

¹²⁷ Cada vez temos mais receio de utilizar a palavra paradigma. Esta palavra tem tido um uso indevido, substituindo a palavra modelo. Excepcionalmente usámo-la aqui, mas não queremos abusar, deixando-a para designar aspetos mais profundos do nosso pensamento.

as questões éticas referentes à nossa profissão teremos que levar em devida consideração os grandes valores intrínsecos ao desporto.

Assim, num plano de formação devidamente estruturado de profissionais do mundo da Educação Física, quando falamos de ética não falamos de uma ética qualquer, mas de uma ética ancorada na pessoa que faz desporto. Para nós este aspeto é decisivo. Se não conhecermos as grandes categorias pedagógicas, diríamos mesmo axiológicas, do desporto não poderemos alcançar na plenitude a sua superior mensagem ética.

Assim, aquando da sua formação, os futuros profissionais de Educação Física terão que ser confrontados com as exigências próprias do desporto, pelo que o desempenho performativo deverá ser considerado.

Não estamos a falar de rendimentos desportivos de elevado nível, mas, tão-somente, de exigências que necessitem de algum treino para serem concretizadas. Um aluno que não viva situações de superação nunca compreenderá a grande mensagem ética contida no desporto. Se os nossos pais fossem ricos, nós, por herança, viríamos a ser ricos. Se algum dos nossos progenitores tivesse sido campeão olímpico, nenhum de nós o seria por simples herança. Só se tornaria num campeão pelo trabalho árduo, persistente e bem conduzido. É esta a maravilhosa mensagem ética que o desporto tem que passar e que os alunos deverão alcançar através de práticas minimamente exigentes.

Note-se, como já tivemos a oportunidade de referir, que não é uma qualquer condição sensorial, motora, mental, etária ou outra que poderá impedir alguém de buscar o ideal da superação. As pessoas com deficiência e os idosos, outrora condições impossíveis para se ser sujeito ativo do desporto, cumprem atualmente de forma fantástica os seus papéis de desportistas, tentando alcançar, cada um da maneira possível, condutas que mostram que o rendimento e a superação são valores profundamente humanos e não meras expressões do “capitalismo selvagem”, como alguns profetas da desgraça tentam fazer crer.

Não custa aceitar que a busca da transcendência tem sido um desejo que se projeta no homem desde do *início do tempo*. A história mais profunda do homem é uma

longa história de transcendência.¹²⁸ É a história da capacidade ou da tentativa de romper com os limites, de superar e violar os interditos, projetar-se sempre num além, como nos adverte com sabedoria Leonardo Boff.¹²⁹

O desporto é uma atividade que, à sua maneira, busca a transcendência, constituindo-se como mais uma forma de dar continuidade a esta impressionante história humana. O desporto permite que o homem transcenda de alguma maneira a sua natureza, procurando os seus limites que só se conseguem atingir pelo esforço continuado. Temos que dar razão a Aristóteles¹³⁰ quando afirma que “quando é plenamente homem, transcende a si próprio para penetrar no modo de ser divino e assim imortalizar-se”, concluindo dizendo “o próprio homem é um ser mais que homem”.

O desporto permite viver uma parte da concretização deste sonho de transcendência que é, no dizer de Boff, “talvez o desafio mais secreto e escondido do ser humano”.¹³¹ Talvez seja uma visão onírica mas que no imaginário da criança está bem presente por via dos seus heróis desportivos, verdadeiros habitantes do Panteão moderno. Por mais vozes que se levantem contra a deificação de jogadores ou de outros atletas, ela existe e a entrada no referido Panteão só é alcançada pela transcendência proporcionada pelo treino. Negar o valor pedagógico do treino desportivo é negar um dos mais importantes valores humanos, o da capacidade de se transcender ou, pelo menos, a tentativa dessa mesma transcendência.

Os antigos gregos tinham uma palavra muito interessante: *areté*. Esta palavra, para Aristóteles, significava, mais que virtude, a busca da excelência. Temos que reabilitar na Escola o conceito que está impregnado na palavra *areté*, pois não há outro que a substitua. E uma Escola que não procure a virtude e/ou a excelência não pode ser

¹²⁸ Este tema está tratado em Rui Garcia, “Educação Física: em nome do rendimento ou em busca da excelência”. In Emerson Garcia e Kátia Lemos (Orgs.). *Temas Atuais IX*. Belo Horizonte: Editora Health e UFMG, 2004, pp. 09-19. Parte desse artigo é aqui apresentado.

¹²⁹ A respeito da compreensão do valor da transcendência para o homem, aconselhamos a leitura do livro de Leonardo Boff intitulado *Tempo de transcendência: o ser humano como um projeto infinito*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

¹³⁰ Neste caso seguimos o pensamento de Aristóteles através de Julian Marías. *El tema del Hombre*. Madrid: Editora Calpe, 1996, pp. 62-63.

¹³¹ Leonardo Boff. *Op. Cit.*, p. 22.

considerada como um verdadeiro local de educação.¹³² Também por isso, um professor de Educação Física que não permita que os seus alunos realizem o seu *areté*, não contribui para a concretização do superior ideal da *Paideia*, ou seja, o ideal da elevação humana. É claro que não é exclusivo da Educação Física a realização plena da *areté*, mas é com esta disciplina que tal poderá ser efetivamente alcançada. Pensar na transcendência apenas através da Educação Física ou sem ela é pensar mal.

Dizia Aristóteles que o grego deveria saber tocar flauta, mas não bem de mais. Se tocasse muito bem é porque não participava em outras atividades da *polis*. Mas tinha que saber tocar flauta! Salvaguardando as devidas diferenças, é esta visão que defendemos aquando da formação de profissionais de Educação Física. Têm que conhecer as grandes categorias do desporto, embora não necessitando de um aprofundamento único numa delas, mas com conhecimento de todas. O ato de treinar é uma dessas categorias.

O Padre Romano Guardini, homem da teologia e da filosofia, numa obra de grande vulto escrita em língua alemã,¹³³ escrito esse já referido várias vezes ao longo destas páginas, quando aborda o tema da *areté* grega, não tem dúvidas em empregar as palavras treinamento e superação, para ilustrar este princípio tão querido à cultura grega.

António Caeiro,¹³⁴ filósofo lusitano, numa obra de grande relevo acerca do pensamento grego, utiliza metáforas desportivas para ilustrar a ideia suprema da *areté*. Alude à excelência do corpo próprio relacionando-o com a sua espantosa capacidade, e à possibilidade que um corpo pleno de saúde demonstra para evidenciar determinada excelência.

Todos aqueles que falam acerca do desporto – não confundir com muitos que falam sobre o desporto, e por isso afastados dele, vendo-o de cima e não no seu meio como invoca a palavra ‘acerca’ – sabem que quanto mais treinado está um atleta

¹³² Henrique Vaz considera que “a educação para a virtude (*paideia*), conservada por Platão nos seus primeiros diálogos e que se tornou paradigmática ao longo de toda a história da Ética ocidental”. *Escritos de Filosofia – IV. Introdução à ética filosófica – 1*. São Paulo, Edições Loyola, 1999, p. 19.

¹³³ O título original é *Ethik. Vorlesungen an der Universität München*. Para este trabalho utilizámos, como já foi indicado, a versão espanhola intitulada *Ética: lecciones en la Universidad de Múnich*.

¹³⁴ António Caeiro. *A areté como possibilidade extrema humana*. Lisboa: Imprensa-Nacional, Casa da Moeda, 2002.

mais naturalmente executa determinada atividade ou gesto. Isso é *areté*. É excelência, é eficácia. É uma forma de superação por incorporação.

Imaginemos uma ginasta a efetuar determinado movimento de ginástica aeróbia. A facilidade e a naturalidade com que executa movimentos ou figuras tão complexas é uma verdadeira superação, pois a atleta intervém com segurança em cada situação. Aquele virtuosismo já está incorporado nela. Já se transcendeu, isto é, já está para além do seu património motor inicial.¹³⁵

Platão, na sua *República* (352d-353c), diz que há uma excelência para cada coisa à qual se prescreve uma determinada função. Qual será a excelência do corpo humano? Não será o desporto moderno uma forma de evidenciar essa excelência? Se sim, não caberá à Escola orientar-se, também, por essa busca de nós mesmos?

Regressemos ao Padre Guardini e atentemos nas palavras do referido livro. Lembrem-se que o autor está a falar teológica e filosoficamente de ética e não de desporto: “Esta naturalidade adquirida à força de práticas é uma característica essencial do que entendemos por autêntica virtude: a correspondente conduta ética se faz coisa natural” (p. 245). Continuemos com este autor. Mais adiante diz a respeito desta conduta incorporada: “Para isso há que superar dificuldades, que se dão em nós mesmos e em nosso meio: por exemplo, o medo a um dano, a um perigo ou a uma oposição social” (p. 245). Quem, como nós, andamos no desporto sabe o alcance que têm estas palavras. Sabemos que este apelo à superação, traduzível talvez incorretamente por apelo à transcendência, é um grito em busca da excelência da pessoa, pois mais que uma aptidão motora requer a mobilização da vontade, ou, diriam alguns filósofos, quiçá encimados por Kant, do espírito.

Um médico à pergunta “irei ficar bom?”, colocada por um doente, nunca responde que “não!”, mas “sim! Ficarás bom”. No fundo diz aquilo que dizemos aos nossos atletas ou aos nossos alunos: “Acredita, vais conseguir”. Voltemos à ética de Romano Guardini. A condição básica para se ter determinado êxito passa por uma condição traduzida pelo seguinte princípio enunciado pelo autor: consegues “se puseres na tarefa toda a tua força de espírito” (p. 247).

¹³⁵ Aristóteles, em *Ética a Nicômaco*, diz a certa altura: “Além disso é mais difícil lutar contra o prazer do que contra o sofrimento, para usar uma frase de Heráclito, mas a virtude como a arte se preocupam sempre com o mais difícil, pois as coisas boas se tornam até melhores quando difíceis”. São Paulo: Editora Martin Claret, p. 44, [Edição consultada de 2002].

Ressalvando, como é óbvio, as devidas proporções, estamos perante o mesmo fenómeno, qual seja, tentar ir mais além, dando ao atleta ou ao aluno o necessário estímulo para se transcender.

Face a esta argumentação cremos que aquando da formação dos profissionais de Educação Física se torna imperioso que os alunos sintam a necessidade do esforço, isto é, do treino, para conseguirem alcançar os seus objetivos. E, creiam, que aquilo que é alcançado com esforço possui um valor muito maior do que aquilo que se consegue por acaso.

Uma verdadeira escola de formação, diríamos mesmo de educação, de profissionais de Educação Física terá que se reger por uma cultura de exigência. E o treino para alcançar simples desempenhos motores, comportamentais, táticos ou outros, assume uma verdadeira dimensão ética. Esse treino não tem por fim a *performance*, servindo apenas para a construção de um modelo de vida, sendo por isso um tema (quase ético) de desporto.

Concluída que está uma justificação de uma formação dos profissionais de Educação Física assente também nas exigências do treino desportivo, importa agora conduzir o Leitor para outra via da discussão dessa mesma formação.

As questões éticas ligadas ao ofício da profissão, ainda não adquiriram um estatuto de primeira água na formação universitária. São ainda poucas as instituições que efetivamente consideram nos seus planos curriculares a ética. Por vezes, ao fazê-lo, reduzem-na a uma deontologia profissional mantendo, no entanto, a designação de ética. Se as questões relacionadas com o “saber estar” e o “saber agir” em todas ou determinadas circunstâncias são importantes, não esgotam o espectro da ética, pelo que se impõe, e com a maior brevidade possível, a introdução desta temática na formação em Educação Física.

Temos plena noção que nem tudo o que é importante pode ser ensinado nas universidades. Os conhecimentos a adquirir são tantos que se torna impossível uma abordagem completa na formação inicial. Mas algo pode ser feito. Não podemos conceber um curso de Educação Física que não pressuponha a existência de

disciplinas que contribuam para a compreensão da pessoa humana, no fim de conta para a edificação de uma teoria sobre o homem.¹³⁶

Talvez se torne interessante reabilitar a ideia de uma Antropologia do Desporto onde, com toda a naturalidade, as questões axiológicas emergem. Se a ética deve estar referenciada a valores, então vemos com bons olhos que da discussão axiológica se intente uma abordagem ética da Educação Física, isto é, das profissões associadas ao grande mundo do desporto.

A formação ao longo da vida como um imperativo ético

O mundo de hoje, nesta rutura cultural que caracteriza a denominada pós-modernidade, tem como um dos desafios mais importantes, aquele derivado do próprio conhecimento produzido. A evolução deste é de tal maneira rápida que são várias as vozes que clamam a sua precariedade após brevíssimo lapso de tempo de existência, especialmente aquele conhecimento produzido e divulgado pelas universidades. Aquilo que se sabe neste preciso momento, de pouco ou nada valerá num futuro próximo de 5 anos. À estabilidade do saber, característica dos tempos passados que nem o projeto da modernidade conseguiu romper totalmente, segue-se um tempo onde à instabilidade do conhecimento se associa uma evidente incerteza existencial.¹³⁷

O conhecimento assume-se, desta forma, como um dos maiores desafios que se colocam hoje em dia ao homem contemporâneo, não devendo, por isso, a discussão do mundo do Desporto e da Educação Física ficar indiferente a esta importante realidade.

Se num passado muito próximo, o ensino universitário formava profissionais para determinado mister (assevera-nos Ortega y Gasset¹³⁸ que na Universidade ensina-se a ser médico, farmacêutico, advogado, juiz, tabelião, economista, administrador público, professor de ciências e letras no 2º grau, etc.), hoje, neste início secular e

¹³⁶ Não nos custa nada aceitar que se apresentem teorias sobre o homem. Contudo aquilo de fundo que pretendemos é que o aluno de Educação Física consiga perceber, ainda que levemente, o que é o homem. Pelo menos os alunos deverão ter consciência do alcance desta *simples* pergunta.

¹³⁷ Ilya Prigogine, cientista russo radicado na Bélgica e recentemente falecido, em "O reencantamento do mundo" é muito incisivo a defender estas ideias. In *A sociedade em busca de valores*. Lisboa: Instituto Piaget, 1998, pp. 229-237.

¹³⁸ José Ortega y Gasset. *Missão da Universidade*. Rio de Janeiro: EdUERJ (1ª edição, s/d).

milénar, importará, antes de tudo, formar pessoas cultas. Como também nos ensina o mesmo autor, a Universidade consiste, antes de mais nada, fazer do homem médio, um homem culto, pois só assim estará habilitado a viver nesta instabilidade característica dos novos tempos.

A Universidade tem a obrigação ética de compreender o sentido desta evolução, pelo que não aceitar este desígnio é colocar-se de fora da própria sociedade.

A educação terá que ser orientada para a mudança, onde mais importantes do que as respostas que se dão, interessará a capacidade para questionar. Para o pedagogo espanhol Feroso¹³⁹ “educar numa cultura de mudança é educar para a constante readaptação” (p. 59), evitando, assim, desfasamentos maiores entre a “vida escolar” e a “vida real”.

A educação para este tempo deve centrar-se mais na construção de uma consciência heurística, onde a centralidade repousa na constante busca, do que na estabilidade do conhecimento institucional, atrativo, sem dúvida, mas incapaz de dar respostas para além do tempo onde a questão é formulada.

A Universidade, e usando mais uma vez as palavras de Ortega y Gasset, tem como génese um ideal humanista, que com os tempos foi corrompido, corporizando mais uma ideia técnico-profissional, objetivando-se na mera formação profissional, esquecendo-se que esta deverá emergir da educação, do tal conceito de homem culto, e nunca a situação inversa.

Faz sentido recordar as sábias palavras do professor Ivo Barbieri,¹⁴⁰ quando se interroga, lembrando Nietzsche, “como é possível sacrificar a educação à profissão?” Com efeito, nota-se cada vez mais a tendência para sacrificar a educação, naquilo que esta palavra tem de mais englobante, tornando-a num subproduto, elegendo-se a formação profissional como a centralidade da Escola, numa clara inversão da tradição humanista, herança esta que nos é legada pela milenar cultura greco-latina.

Naturalmente que a formação nas escolas superiores de Educação Física não fugiu muito a esta visão parcelar, pelo que várias destas escolas enveredaram para uma

¹³⁹ Paciano Feroso. “Cultura: el medio cultural y tecnológico como condicionante de la educación”. In *Filosofía de la educación hoy*. Madrid: Dykinson, 1989.

¹⁴⁰ Ivo Barbieri. “Introdução” da tradução brasileira do livro de Bill Readings *Universidade sem cultura?* Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996, pp. 7-9.

autêntica formação profissional e, não em poucos casos, de uso imediato, sem possibilitarem aos seus alunos a compreensão daquilo que era realizado, plasmando na prática o domínio do *como*, mas desconhecendo ou não percebendo, que há mais duas dimensões no conhecimento: o *porquê* e o *para quê*.¹⁴¹

Desta forma, para uma correta formação dos alunos no ensino superior em Educação Física, é fundamental que percebamos o problema do conhecimento em todos os seus domínios, e não em apenas um deles.

A Universidade, para além de estar aberta à realidade plena, tem que se situar no seu meio, mesmo mergulhando nele, a fim de poder intervir de forma esclarecida, no sentido de lhe possibilitar a sua evolução, permeabilizando à sociedade os seus enunciados, as suas experiências, enfim, o seu conhecimento acumulado ao longo de inúmeras gerações. Por outro lado, deverá promover o discurso sério e consequente, principalmente naquilo que diz respeito aos nossos domínios de intervenção, o desporto e a sua componente pedagógica – Educação Física –, que tão carentes andam deste tipo de discurso.

Não nos esqueçamos que nos movimentamos num domínio onde os meios de comunicação têm um peso enorme, condicionando ou construindo uma imagem de desporto que não tem que ser necessariamente a nossa. Ao sensacionalismo dos *media*, temos que contrapor uma intervenção de cariz cultural, profissional e científica, não permitindo mais que licenciados em Educação Física reduzam o seu discurso sobre o desporto apenas àquilo que é veiculado pelos grandes meios de comunicação social, como infelizmente assistimos amiúde.

O verdadeiro profissional de Educação Física terá de ultrapassar a discussão factual do último jogo ocorrido na sua cidade ou no seu país, e caminhar no sentido de perceber qual é, efetivamente, o significado humano desse jogo. É isto que terá que diferenciar um verdadeiro possuidor de um grau universitário, daquele vulgar cidadão que vê o referido jogo apenas como espectador.

Para tal é necessário reabilitar algumas disciplinas dos *curricula* da formação em Desporto e Educação Física, não deixando que determinados discursos invadam

¹⁴¹ Teixeira de Pascoaes, poeta e ensaísta português que se notabilizou no início do século XX, discorre admiravelmente sobre a problemática do conhecimento em *O homem universal e outros contos*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1993 (1ª edição 1937).

essas mesmas disciplinas que, por vezes, assumem mais um caráter autofágico do que, propriamente, aquele a que estariam destinados pela sua génese.

Sem querer particularizar discursos nem, tão pouco, pessoas, não nos é difícil observar algumas que se posicionam nitidamente contra os grandes valores do desporto. O rendimento, categoria eminentemente antropológica, tem sido alvo de ataques ferozes, mesmo soezes, como se de alguma forma fosse possível ver o homem desligado desse valor. Também o lúdico tem sido polarizado em relação ao já referido rendimento, como se fosse possível imaginar o praticante de desporto de alto-rendimento despido do espírito de prazer expresso pela essência do ludismo.

Nós situamo-nos, inequivocamente, contra estes discursos e é nossa função, na Universidade, conduzir os alunos à compreensão dos valores mais profundos do desporto, que afinal não são mais que os grandes princípios axiológicos do próprio ser humano.

As Escolas Superiores de Desporto e Educação Física não poderão, com o sério risco de extinção, ser apenas prestadoras de serviços mas, acima de tudo, deverão assumir, sem complexos, o princípio promotor do desenvolvimento do desporto, onde quer que ele se concretize, seja na Escola, nos clubes, nas academias e afins, seja com crianças, com idosos, com pessoas com deficiências, em situação de alto-rendimento, de recreação, enfim, dando resposta a todas as atitudes que se poderão ter perante o mesmo.

Ao contrário do que até há bem pouco tempo acontecia nas nossas sociedades, o emprego não mais é para toda a vida, havendo constantes adaptações e readaptações para o adequar às novas exigências sociais, que a todo o momento nos desafiam.

O professor de Educação Física que se tenha formado há pouco mais de uma década, não foi sensibilizado para alguns problemas que agora são decisivos. O desporto para os idosos é uma preocupação recente, embora as projeções demográficas há muito que apontem o crescimento desta população para este início de século. Da mesma forma, o professor licenciado nos anos 80 também não foi devidamente encaminhado para entender o elevado sentido humano que a estética poderá ter no ser humano, nem o real contributo do desporto em geral e da disciplina da Educação Física em particular, para a consecução deste importante valor do nosso tempo.

Agora, o professor para se manter atualizado, tem que estar atento a estas novas perspectivas de vida, correndo o sério risco de perder o seu emprego, caso não se atualize permanentemente.

O desporto, tal como muitas outras profissões, ramificou-se, indo ao encontro de novas necessidades sociais, não se remetendo aos seus nichos habituais, pelo que importa a cada momento, refletir seriamente sobre o futuro coletivo, não tanto no sentido de o prever, mas com a finalidade de preparar esse mesmo futuro. Caso contrário estamos a formar graduados para um mercado talvez já saturado e através de um modelo pouco adequado face às legítimas aspirações dos jovens de hoje.

Neste sentido, entendemos o precioso contributo que disciplinas, como a Antropologia, Pedagogia e a Sociologia possam ter para efetivar uma correta formação dos profissionais de Educação Física. Qual o sentido das mudanças, palavra hoje tantas vezes invocada? Quais as aspirações dos nossos jovens no que diz respeito ao desporto? Que hábitos desportivos têm as nossas populações? Quais as tendências evolutivas do desporto nos tempos que se avizinham?

Estes são alguns dos questionamentos possíveis que entendemos que os futuros profissionais de Desporto e Educação Física terão que tomar consciência aquando da sua formação universitária. Se ficarmos somente pela formação técnico-profissional, habilitamos os nossos alunos para o imediato e para a estabilidade e não para a mudança, nem para os novos desafios impostos pela inexorável passagem do tempo. Formar para a estabilidade e para o atual mercado de trabalho é, em última instância, formar para o desemprego.

É por isso que consideramos este tema (quase ético) de desporto tão importante como qualquer outro e que raramente se vê apresentado e discutido nos fóruns sobre ética desportiva.

Tema 7 – Pesquisa em Educação Física

A Educação Física modificou-se bastante ao longo dos últimos anos. De simples práticas, mais ou menos ligadas a movimentos externos, nomeadamente, entre outros, a militares, a teorias higienistas e mais tarde à psicologia, a Educação Física autonomizou-se em muitos aspetos, de tal forma que nos dias que correm assume, com naturalidade, o estatuto de ciência.

Não é nossa intenção entrar no alucinante campo da epistemologia, discutindo aspetos gnoseológicos referentes à Educação Física ou ao desporto, pelo que apenas apresentamos, sem nenhum aprofundamento ou mesmo comentário, a nossa área científica. Somente queremos apontar e discutir determinados problemas que emergem da pesquisa realizada nesta área do saber humano, com especial ênfase na investigação com pessoas, na tentativa de compreender o limite que terá que estar imanente a esse ato investigante.

Nos últimos tempos as questões éticas respeitantes à investigação em Educação Física têm assentado na lógica dos predicados da bioética, especialmente por via das pesquisas em seres vivos onde, por vezes, é difícil de estabelecer as fronteiras entre pesquisa em desporto (ou afim) e pesquisa médica. É, talvez, cimentado nesta proximidade com os problemas colocados à medicina que a Educação Física tem seguido mais o veio da denominada bioética. Temos assistido a fóruns sobre ética na Educação Física onde apenas se apresentam temas do campo da bioética, o que não nos espanta em virtude de uma certa colagem desta profissão à grande área da saúde.

Com efeito, as ciências da vida, especialmente as investigações médicas, têm sido aquelas que mais têm sido sujeitas à vigilância e discussão éticas.¹⁴² Embora sem o exclusivo, não há sombra de dúvida que grande parte da reflexão ética sobre a investigação é derivada da investigação médica ou afim, pelo que grande parte das comissões éticas analisam a relação investigador/médico/doente.¹⁴³ Esta relação

¹⁴² Por exemplo, uma das mais antigas universidades de todo o mundo, a Universidade de Coimbra, através da sua Faculdade de Direito, criou por deliberação do Conselho Científico em 1990 o *Centro de Direito Biomédico*, onde estes assuntos são tratados com profundidade, havendo mesmo um curso de pós-graduação nesta nova área do saber.

¹⁴³ Consultar entre outros: *Declaração de Helsínquia* (modificada em Edimburgo, 2000); *IX Assembleia Geral da Pontifícia Academia para a Vida* (Vaticano, 2003); *Conselho Nacional de Ética para as*

está profundamente regulamentada pelos documentos indicados em nota de rodapé, sendo difícil perceber o que é que existe para investigações que não tenham como sujeitos de estudos populações não consideradas doentes ou de risco.

Malgrado as nossas tentativas, não encontramos nada de realce que analise a investigação que direta ou indiretamente utilizem como sujeitos o ser humano, para lá das investigações de foro biológico. Tínhamos algumas expectativas relativamente às questões da investigação em educação, mas não se confirmaram, pelo que a nossa reflexão está muito centrada no campo da investigação biomédica.

Parece que as questões relativas à educação e a outras formas de intervenção profissional não são passíveis de uma vigilância ética, o que pode ser aterrador. Pouco ou nada existe de relevante sobre, por exemplo, ética na gestão desportiva, ética do praticante e/ou do treinador, ética e Escola, ética do professor, criando-se a ilusão que esta problemática se resume à dimensão sugerida pela palavra bioética.

No que respeita à pesquisa, um dos documentos mais interessantes que analisámos é proveniente do Vaticano, nomeadamente o comunicado final da IX Assembleia Geral da Pontifícia Academia para a Vida (24-26 de fevereiro de 2003), onde se lê que o Santo Padre definiu o homem como *aquele que procura a verdade*, mas que existem limites éticos específicos para o modo de agir do homem que procura a verdade, porque *tudo aquilo que é tecnicamente possível não é, por este motivo, moralmente admissível*. Sabemos que na Educação Física tal drama é vivido quase diariamente, tornando-se difícil estabelecer os limites de atuação.

O mesmo se passa na pesquisa, onde o grande problema que se coloca é exatamente estabelecer aquilo que é ou não *moralmente admissível*. A história recente dos documentos oficiais sobre a ética na investigação mostra-nos que a tendência é o aumento dos cuidados relativamente ao sujeito, podendo por isso perceber-se uma crescente dificuldade nas referidas investigações.¹⁴⁴

Ciências da Vida; Normas Éticas para Investigação com Sujeitos Humanos (Organização Mundial de Saúde, Washington, 1996); *Comissão de Pesquisa e Ética em Saúde* (Universidade Federal de Minas Gerais, 1999); Plano de Ação "*Ciência e Sociedade*" (Comissão Europeia, 2001, nomeadamente o capítulo "The research proposals and the scientific evaluation"). Através de um qualquer motor de busca se consegue localizar estes sítios da Internet, pelo que não apresentamos nesta nota os respetivos endereços.

¹⁴⁴ Por exemplo, a *Declaração de Helsínquia* (de 1964) quando foi ratificada em Edimburgo (em 2000), limitou bastante o uso de "placebos" na investigação, o que foi saudado por alguns órgãos que

Também as investigações que utilizam crianças como sujeitos, têm vindo a ser dificultadas, especialmente com o estabelecimento da diferença de “legalmente incapaz” e mentalmente capaz.¹⁴⁵ Não basta obter a autorização dos pais mas também obter o consentimento expresso da própria criança. Sabemos que este aspeto é simplesmente descurado pelos pesquisadores que, por exemplo, aplicam inquéritos ou entrevistas na Escola a todo e em qualquer momento ou situação.

Estas são algumas das tendências observadas nos documentos internacionais que regem a investigação e que estão a ser transpostas para a legislação dos diferentes países.

Se no campo das intenções são inúmeros os documentos que se referem à ética na investigação, poucos, dramaticamente poucos, são aqueles que de alguma forma operacionalizam os conceitos enunciados. A este respeito há um documento da *Organização Panamericana de Saúde* (Washington, 1996), dependente da Organização Mundial de Saúde, que apresenta um conjunto de procedimentos para garantir os aspetos éticos nas investigações com sujeitos humanos.¹⁴⁶

As comissões já devidamente instaladas são multiprofissionais,¹⁴⁷ abrangendo um grande número de organizações e de personalidades de indiscutível mérito profissional e pessoal.¹⁴⁸

superintendem o decurso das investigações, embora reconhecendo as dificuldades que esta limitação poderá causar aos ensaios clínicos.

¹⁴⁵ O próprio *Conselho da Europa* adotou esta norma já em 1990! (433ª reunião dos Delegados de Ministros, 6 de fevereiro).

¹⁴⁶ Note-se que a aplicação na Educação Física do disposto neste documento só faz sentido em investigações coordenadas por médicos, dada a origem do mesmo, *Organização Mundial de Saúde*. Aliás, o artigo 15º da *Declaração de Helsínquia* é inequívoco a esse respeito.

¹⁴⁷ Por exemplo, a *Comissão de Pesquisa e Ética em Saúde da Universidade Federal de Minas Gerais* (UFMG) é composta por médicos, enfermeiros, biólogos, filósofo, advogado e epidemiologista. O *Comité de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São Paulo* (UNIFESP) é composto por 30 membros titulares, incluindo profissionais da área da saúde, ciências sociais, exatas, humanas e representantes da comunidade assistida pela instituição. Desses deverá haver pelo menos um advogado, um religioso, um assistente social, um administrador, um estatístico, um farmacêutico e um usuário da instituição. Por exemplo, em Portugal a Assembleia da República, que detém o poder legislativo, aprovou o Decreto n.º 37/IX que instituiu a composição do *Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida*, notando-se também uma grande heterogeneidade da mesma, incluindo pessoas das ciências humanas e sociais, da medicina ou da biologia, personalidades de reconhecido mérito em áreas ligadas aos problemas da bioética que são designadas por muitas instituições, dentro das quais destacamos: Ministério da Ciência e Ensino Superior, Ministério da Justiça, Ministério da Educação, Ministério da Juventude, Ordens dos Advogados, Médicos e Biólogos, Academia de Ciências de Lisboa, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, Conselho de Reitores das Universidades, etc. Esta pluralidade de composição deste tipo de comissões estende-se por muitos outros países, como é o caso do Brasil.

O Vaticano, através das conclusões da Assembleia já referida, apresenta uma proposta, denominada de “método triangular”, que revela a dificuldade inerente ao processo de avaliação ética dos projetos de investigação:

- 1º momento – exposição dos dados biomédicos;
- 2º momento – aprofundamento do significado antropológico e o reconhecimento dos valores em questão; e
- 3º momento – elaboração das normas éticas que possam orientar o comportamento dos agentes, na situação específica, segundo os significados e os valores anteriormente realçados.

Este enunciado realça a enorme complexidade deste processo analítico, dado que se tratam de seres humanos e não de meros objetos da ciência. É de frisar a importância atribuída ao significado humano que a pesquisa deverá possuir. Cremos que a ciência só é boa quando for boa para o ser humano, o que implica que nem tudo vale. O princípio maquiavélico de que os fins justificam os meios, não é válido quando os meios são pessoas. Na perspectiva do Concílio do Vaticano II, o fim das instituições é o homem e nunca este se poderá constituir como um simples meio.

No caso concreto da nossa área de saber terão que haver cuidados acrescidos, pois segundo a Declaração de Helsínquia (artigo 18º), *a investigação (...) só deve realizar-se quando a importância do seu objetivo for maior que os inerentes riscos e incómodos para o indivíduo. Isto é especialmente importante quando os seres humanos são voluntários sãos*. Não basta, por isto, declarar o regime voluntário dos sujeitos, mas ir muito mais além na perceção de tudo aquilo que está inerente à própria investigação. Não nos parece, face à formação da maior parte das pessoas que gravitam em torno do mundo da Educação Física, que existam muitas pessoas habilitadas para procederem a esta análise, uma vez que são exigidos conhecimentos que ultrapassam o nosso quotidiano.

Por outro lado, são inúmeros os documentos legais pelos quais a pesquisa se deve conformar, pelo que só com uma leitura muito atenta e esclarecida destas normas

¹⁴⁸ O Conselho da Europa, através da Recomendação n.º R (90) 3, de 6 de fevereiro de 1990, no seu Princípio 15º alude à independência e multidisciplinaridade dos comités de ética.

internacionais se poderá opinar a respeito da validação de um determinado projeto científico.

Temos sérias dúvidas se o caminho a seguir seja o da criação de comissões de ética sem que se reúnam todas as condições para a sua constituição. Não há que ter nenhum receio de impedir determinada pesquisa com humanos. O nosso receio é outro, qual seja, a de autorizar uma pesquisa sem que consigamos projetar todas as implicações no ser humano dos procedimentos inerentes a esse trabalho.

De forma alguma poderemos aceitar pequenas comissões éticas, ou comissões de 2º nível, mas apenas comissões de elevadíssimos níveis, compostas com os membros que as normas internacionais preconizam.

A Organização Mundial de Saúde, consciente da dificuldade de implantação de comissões de ética em todo e qualquer lugar, propõe que se criem comissões *ad-hoc* que fazem uma triagem dos projetos, enviando-os posteriormente para as comissões legalmente instituídas para a avaliação ética dos mesmos.

Como breves conclusões, poderemos apontar algumas que decorrem do exposto:

- A avaliação ética dos projetos de pesquisa constitui-se numa necessidade a que a Educação Física não se deve furtar;
- A referida avaliação para ser profunda e eficaz, deve ser efetuada por um vasto conselho que deverá ser constituído por pessoas de inegável prestígio e de diversas áreas do saber, e não apenas para dar seguimento a um mero procedimento administrativo como muitas vezes acontece;
- Os projetos deverão respeitar o disposto nos documentos oficiais, nacionais e internacionais, que regem a investigação científica,

pelo que nos parece que, neste momento, a maior parte das instituições universitárias que formam profissionais de Educação Física não têm capacidade para constituir uma Comissão de Ética para Avaliação e Acompanhamento de Projetos de Investigação.

Estes assuntos são muito sérios, não devendo ser tratados com leviandade.

Porém, tudo aquilo que foi apresentado diz respeito apenas a pesquisas que se podem identificar com atos médicos. Os métodos invasivos em crianças, as biópsias

musculares, a simulação em laboratório de exercícios que conduzem os pacientes até à exaustão, são alguns assuntos com que as Escolas Superiores são confrontadas habitualmente. A tudo isto as respostas poderão ser encontradas naquilo que são as preocupações da bioética.

Mas a ciência levanta problemas bem mais complexos e para os quais não apresenta nenhuma solução. Relembremos o que foi dito no tema *doping*. Já não é ficção a ideia da manipulação genética para construir em laboratórios um superatleta. A tecnologia já está à disposição. Que resposta se poderá dar a esse problema?

Há problemas éticos de outra natureza que não se inscrevem no areópago da bioética. Que direito têm os povos ocidentais para impor à mulher do islão que pratique desporto com as roupas que habitualmente vemos nas nossas academias? E o inverso também não deixa de ser um problema.

O respeito pelos padrões culturais dos outros é um problema ético tão importante como aqueles tratados pela bioética e que raramente são discutidos nos encontros da Educação Física. Em última análise, até se poderá discutir, pelo veio ético, a justeza das competições de tipo desportivo com povos que vivem uma outra lógica social. Os Jogos Indígenas, sem dúvida pensados com as melhores das intenções, expressam este choque axiológico, uma vez que as competições desportivas representam um tipo de cultura que não é de todo sobreponível com a vida percebida por esses povos. Estamos a impor formas de comportamento assentes numa determinada cosmovisão a outros povos que veem o mundo através de um outro prisma.

Todos estes problemas se inserem neste tema (quase ético) de desporto, pelo que terão que ser considerados por todos aqueles que fazem da Educação Física o seu mister.

As questões éticas relativas à pesquisa em Educação Física não se devem resumir ao domínio da bioética que, como vimos, está muito marcada pelo ato médico. Deverá ser muito mais abrangente, especialmente nos assuntos que intersetam educação.

Tema 8 – Desporto e dignidade da vida humana

Cada época enfatiza determinado valor e é em função dessa escolha que depois se organiza. Dito de uma outra forma, cada sociedade em cada momento dá prevalência a um dado valor, sendo em torno dele que grande parte da existência humana se realiza¹⁴⁹.

Em tempos o valor religioso, do sagrado, ocupou um lugar de primeira água no seio da cultural ocidental. O cristianismo marcou uma civilização e foi em nome desse elevado valor que, por exemplo, Portugal deu novos mundos ao mundo de então. Foi em nome de Deus, com uma cruz e uma espada nas mãos, que o povo desse país percorreu o mar oceano, construindo um impressionante império.

Sabemos que nem sempre os valores têm uma leitura linear, podendo muitas vezes ser o passaporte para o abuso, mesmo para o crime. É por isso que se diz que em nome de Deus, de qualquer Deus, muitos crimes se cometeram. É por isso que na Revolução Francesa, que consagrou o triplo princípio da igualdade, liberdade e fraternidade, muitas pessoas perderam a liberdade porque não pensavam de forma igual, e a fraternidade era letra morta numa sociedade que de certa forma renegou alguns valores fundamentais do ser humano.

A modernidade, aprofundada na Revolução Francesa, é tida como a exaltação da liberdade individual. Acreditamos que nenhum outro período histórico tenha glorificado tanto o princípio da liberdade humana como este. A filosofia de então e o pensamento político decorrente dessa filosofia, mostram que o conceito de liberdade era uma constante dos discursos dos séculos XVIII e XIX, mas pergunta-se: E onde ficou a dignidade humana? Quantas cabeças rolaram em nome dessa liberdade? Terá sido uma época de que o homem se poderá orgulhar em toda a sua extensão? Infelizmente não cremos que o discurso da liberdade tivesse sido concretizado pela prática dos homens da modernidade.

Concordamos com Vamireh Chacon¹⁵⁰ quando diz que mesmo sem Deus a modernidade, e com ela o iluminismo, tinha coração e que mesmo para quem não

¹⁴⁹ Eduardo Soveral. O princípio da liberdade individual e as suas determinantes éticas e estéticas. *Arquipélago – Revista da Universidade dos Açores*, 1996, 7: 25-32

¹⁵⁰ Vamireh Chacon. *O humanismo ibérico*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1998

crê em Deus, é importante postular Deus como limite do homem, quanto mais não for para que este não pense que é um ser onipotente, onisciente e onnipresente.

Ao longo da história são conhecidas épocas onde o homem humilhou outros homens. A escravatura, que o Brasil viu nos seus engenhos e nas suas minas, é um desses trágicos momentos. Os primeiros cristãos foram também vítimas de abusos dos senhores romanos. Em épocas posteriores, porém, tomaram atitudes também pouco abonatórias para a dignidade humana. Enfim, histórias do passado que levou a que o Papa João Paulo II pedisse perdão pelas vítimas de iniquidades.

Voltando à Revolução Francesa podemos afirmar que algumas práticas, fundamentalistas, mostraram que liberdade e dignidade humana nem sempre formam um par uno.

Neste mundo em que estamos tudo leva a crer que há um outro par que não se casa: igualdade e liberdade. Admitimos que haja países onde se cultiva mais o princípio da igualdade, mas a liberdade poderá ser sacrificada em nome de valores globais. Sem dúvida que o Brasil e Portugal se regem pelo superior valor da liberdade, mas haverá igualdade entre todas as pessoas? Tememos bem que não.

A atual crise do sistema capitalista é económica, mas as razões mais profundas são de natureza ética e moral. Jean Lacroix¹⁵¹, pensador da corrente personalista dos anos trinta do século XX, apontava exatamente estas mesmas razões para a crise económica de 1929. Podemos dizer que, de alguma forma, é uma crise fundamentada pela perda da importância do ser humano. Tal não aconteceu só no passado. Também ocorre neste nosso tempo.

Custa-nos afirmá-lo, mas cremos que em nome da ilusão da liberdade se perdeu o sentido da dignidade humana. Nos países ricos, a liberdade veio a ser cada vez mais confundida com a «realização pessoal» – uma liberdade que se goza ou pratica a sós (ou *como* estando a sós)¹⁵². Entre uma perspetiva biológica de liberdade fundamentada na teoria evolucionista de Darwin, e uma visão cristã da sociedade há uma significativa diferença: no primeiro caso a prevalência é do mais forte, enquanto

¹⁵¹ In Giovanni Reale e Dario Antiseri. *Op. Cit.*

¹⁵² Susan Sontag. *A doença como metáfora e a Sida e as suas metáforas*. Lisboa: Quetzal Editores, 1998

no segundo o conceito de liberdade individual é de todos os homens. A concretização do projeto humano implica a liberdade de e em todos e não apenas em ou de alguns.

O conceito de dignidade humana foi sendo esquecido, dando lugar a visões materialistas que colocaram o homem no limiar de um precipício existencial. Recordamos que as constituições da República Federativa do Brasil e da República Portuguesa, logo nos seus artigos primeiros, afirmam o primado da dignidade humana.

Recentemente, já neste século, foi lançada uma obra pela Comissão Mundial sobre a Dimensão Social da Globalização, intitulada *Por uma globalização justa – criar oportunidades para todos*¹⁵³, onde uma vasta equipa de pensadores – do Brasil participou a saudosa Doutora Ruth Cardoso – analisou o estado atual do mundo e não teve dúvidas em apontar que o caminho a seguir deverá contemplar a dignidade humana, afirmando, a certo momento, que “a nossa visão é a de uma globalização centrada no ser humano, que respeite a dignidade de todos e lhes atribua um valor igual”.

Reconhecemos a dificuldade em apresentar uma definição de dignidade humana. Há várias, mas aquela que nos conduz nesta reflexão foi escrita por Kant em *Fundamentação da metafísica dos costumes*¹⁵⁴. Diz o seguinte:

“No reino dos fins, tudo tem um preço ou uma dignidade. Quando uma coisa tem um preço, pode pôr-se, em vez dela, qualquer outra coisa como equivalente; mas quando uma coisa está acima de todo o preço, e, portanto, não permite equivalente, então ela tem dignidade”. A vida humana não tem preço. A honra não tem preço. A liberdade não tem preço. Os valores espirituais não têm preço.

Voltemos à vida humana, que não pode ter um preço. Habermas, em *O futuro da natureza humana*¹⁵⁵, distingue dignidade humana de dignidade da vida humana, sendo a segunda uma expressão mais lata, incluindo o ser antes do nascimento e depois da morte.

¹⁵³ Comissão Mundial sobre a Dimensão Social da Globalização. *Por uma globalização justa. Criar oportunidade para todos*. Oeiras: Celta Editora, 2005

¹⁵⁴ Immanuel Kant. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Porto: Porto Editora [Edição original de 1785. Edição consultada de 2004.]

¹⁵⁵ Jürgen Habermas. *O futuro da natureza humana. A caminho de uma eugenia liberal?* Coimbra: Almedina, 2006

Sabemos o tempo em que vivemos. Sabemos que a vida espiritual foi substituída pela vida material. E quando nos referimos a vida espiritual não estamos a situá-la apenas na esfera da religião confessional. Conhecemos razoavelmente bem a discussão entre a religião e os valores espirituais¹⁵⁶ para as situar. Hoje, mais do que nunca, há uma diversidade imensa de formas espirituais que ultrapassam o sentimento religioso e se inscrevem em outras perspetivas mais ou menos elaboradas. A cultura, a poesia, a estética e o próprio desporto são exemplos de uma elevação espiritual que o materialismo destruiu. Um quadro não vale apenas pela experiência estética que proporciona, mas pelo seu valor de mercado. Um livro não vale apenas pela beleza das suas palavras, mas pelo nome do seu autor e do seu valor de mercado. Um *record* não vale apenas por si mesmo, mas como mais um passo em busca da excelência humana, a *areté*.

A vida espiritual de um povo está, então, subjugada pela ditadura do mercado, pela tirania do tangível, pela prepotência do dinheiro, pelo despotismo do poder.

Um exemplo daquilo que agora mesmo afirmamos é-nos dado pela expressão tão usada atualmente: qualidade de vida. A qualidade de uma vida foi reduzida à capacidade de adquirir bens de consumo, normalmente inúteis, como se uma qualidade, e logo da vida, pudesse ser quantificada do modo como é. Relembramos que já há instrumentos de pesquisa sobre qualidade de vida que quantificam essa qualidade.¹⁵⁷ A confusão de conceitos é permitida quando se pretende ocultar o fundamental, ou seja quando queremos esconder valores éticos inquantificáveis.

É clássica uma história que repetimos frequentemente em aulas, palestras ou afins. Falamos de alguém que vive numa casa bastante boa, que tem esposa e filhos adoráveis, um emprego bem remunerado, que gosta de possuir bons quadros nas paredes impecáveis de sua casa, gosta de ler bons livros e ouvir a melodiosa música de Wagner, aprecia um bom vinho e comida bem confeccionada. No final perguntamos aos presentes: estamos ou não perante alguém com boa qualidade de vida? A resposta tem sido sempre a mesma ao longo de vários anos: *Sim, é alguém com uma elevada qualidade de vida*. Pois bem, a pessoa ali retratada era o diretor de

¹⁵⁶ Ver, por exemplo, Souleymane Bachir Diagne. Um século religioso? Mas será espiritual? In Jérôme Bindé (direção) *Para onde vão os valores?* Lisboa: Instituto Piaget, 2006, pp. 127-132

¹⁵⁷ Um dos instrumentos mais conhecidos é o questionário SF 36. Não colocamos em causa o seu interesse, mas apenas algum radicalismo na apreciação dos seus resultados.

um campo de concentração nazi onde em breves anos morreram, assassinadas, milhares de pessoas que cometeram o crime de não serem da dita raça ariana. Que crime horrível cometeram essas pessoas e, no fundo, todos nós cometemos. O diretor desse campo não era uma pessoa digna. A dignidade de vida ultrapassa em muito a banalidade do atual conceito de qualidade. Há dignidade na abundância como haverá na pobreza, na doença e na morte.

O atual conceito de qualidade de vida diz, quanto muito, respeito ao *eu*, enquanto o conceito de dignidade se reporta a *nós*. Porém, como aponta Lévinas, o pronome *nós* não é simplesmente o plural de *eu*. Este *nós* diz respeito à totalidade dos seres humanos, pelo que enquanto um ser humano não for livre, nenhum ser é verdadeiramente livre. A dignidade humana absorve a totalidade dos seres, o *nós-humanidade*, e não a simples soma de *eus individuais*. Na tradição cristã *somos todos um só*. Então, dignidade expressa-se como sendo o reconhecimento do valor absoluto de cada ser humano¹⁵⁸.

A vida, mais do que uma quantificação de bens materiais, terá de ser uma manifestação de bens espirituais, de valores fortes, talvez universais que limitem a ação humana, pois caso contrário caminharemos para a autodestruição, ficando escravos das nossas próprias criações fantasmagóricas, que criaram um mundo desprovido de valores.

Pensou-se que a liberdade estaria no niilismo, que é uma derivação da palavra latina *nihil*, que significa nada¹⁵⁹. Este nada pode significar, passe o paradoxo, várias coisas ou entidades, mas esta corrente de pensamento adotou o homem como o fim em si mesmo, pelo que os valores, a existir, se fundamentam no próprio homem, não havendo lugar para o incondicional. É a ditadura do relativismo como já escrevemos citando o então cardeal Ratzinger. A nossa sociedade, que parece viver próxima do niilismo, não quer ouvir nada sobre axiomas da dignidade da pessoa, nem da verdadeira liberdade humana, de cada ser humano, nem quer nada com o sentido da vida ou com as *ultimidades*. É uma sociedade que assumiu como sua de forma

¹⁵⁸ A este propósito consultar João Carlos Loureiro. Os genes do nosso (des)contentamento (dignidade humana e genética: notas de um roteiro). In Rui Nunes, Helena Melo e Cristina Nunes (coordenação) *Genoma e dignidade humana*. Porto: Serviço de Bioética e Ética Médica da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, 2002, pp. 205-249

¹⁵⁹ Ver, entre outros autores, Romano Guardini. *Op. Cit.*

deturpada a imagem do super-homem de Nietzsche, para quem todos os deuses estão mortos e que o super-homem sobreviveu. É um mundo voltado para o imediato, sem futuro a não ser aquele que servirá os nossos propósitos.

Como é um mundo sem futuro é um mundo sem esperança. Santo Agostinho¹⁶⁰ tem toda a razão quando afirma que todo o tempo é presente. Com efeito, pela memória tornamos presente o passado. Pela atenção tornamos presente o tempo presente. E pela esperança tornamos presente o futuro. Um povo sem futuro é um povo sem esperança. É um povo que nada espera, um povo que está por aí, mas que não concretiza um projeto de ser, de ser humano, de ser verdadeiramente humano. Um povo sem futuro ou sem esperança é um povo que não assume inteiramente o dom da humanidade. É, obviamente, um ser vivo, mas não alcança totalmente a dignidade da vida humana. Esta coloca-se a vários níveis, nomeadamente o dialético, o ético e o metafísico. Sem dúvida que o sentido da liberdade associado ao conceito de dignidade nos leva para o campo da reflexão ética.

Giovanni Pico della Mirandola, nessa fantástica obra intitulada *Discurso sobre a dignidade humana*¹⁶¹, escrita há mais de 500 anos, dizia que “as bestas, no momento em que nascem, trazem consigo do ventre materno (...) tudo aquilo que depois terão”, enquanto o homem se “poderá degenerar até aos seres que são bestas ou regenerar-se até às realidades superiores que são divinas”. Tem liberdade para tal, basta decidir.

Assim, liberdade é um conceito ambivalente. A fronteira entre o bem e o mal é uma simples escolha¹⁶². À verdade contrapõe-se a ilusão. À justiça contrapõe-se a servidão. À dignidade contrapõe-se a instrumentalização do ser humano. O desportista enfrenta o mesmo dilema de liberdade. Pode atuar na retidão ou, ao invés, na falsidade. Para tal basta decidir.

Os seres não humanos regem-se por leis bem definidas, enquanto o homem possui o livre arbítrio, podendo ser um produto de si mesmo. Que importante e perigosa missão foi atribuída ao homem. O animal vive apoiado pelos instintos. O homem vive

¹⁶⁰ Santo Agostinho. *Op. Cit.*

¹⁶¹ Giovanni Pico della Mirandola. *Discurso sobre a dignidade humana* (edição bilingue). Lisboa: Edições 70 [Edição original de 1486. Edição consultada de 2006]

¹⁶² António dos Reis Rodrigues. *A dignidade da pessoa humana e os seus direitos*. S. João do Estoril: Principia, 2008

apoiado pela razão, mas em nome da razão não poderá fazer tudo aquilo que entende. Há valores universais que condicionem a ação humana, caso contrário o livre arbítrio transforma-se num elemento nocivo do ser humano. Infelizmente é o que parece estar a acontecer neste início de milénio. Em nome de valores fúteis, em nome de princípios duvidosos, o homem recorre a todos os meios para impor vontades mesquinhas, para determinar verdades absolutas, para estabelecer uma falsa ordem axiológica fundamentada no nada.

Tomamos como correta a afirmação de Antero de Quental¹⁶³ quando dizia que a liberdade expandia o ser humano. É talvez esse o maior dom da liberdade, sendo o limite último conseguir atingir a liberdade absoluta. Então, a liberdade tem graus, desde o mais elementar – característica da matéria – até ao mais elevado – condição divina. Desta forma a liberdade impõe um caminho ascendente onde a transcendência ocupa o seu lugar. Como nos diz Drummond de Andrade¹⁶⁴, *livre, mesmo livre, é estar morto*. Só nessa condição, de plena liberdade, podemos concretizar uma vida voltada para o transcendente. É o nível superior que tem capacidade para explicar o inferior. Se a razão explica a matéria, só uma entidade superior poderá explicar o racional. A razão gravita em torno de um elemento que lhe é superior que denominamos de condição espiritual do homem. Desta forma, o sentido da liberdade é em direção do espiritual nas suas múltiplas modalidades. O desporto permite que tomemos esta direção.

Há já algum tempo lemos um impressionante depoimento de um prisioneiro de um campo de concentração da Segunda Guerra Mundial. Consistia basicamente no seguinte: *por mais portas que interponham entre mim e a rua, por mais algemas que coloquem nos meus pulsos, por mais grades que apliquem na minha janela, estou e continuarei a ser livre, porque não há porta, algema ou grade que aprisionem o meu espírito. Na realidade só no espírito humano é que a liberdade se concretiza em plenitude*.

Que não tenham ilusões aqueles que pensam que a liberdade, a autêntica liberdade, se encontra no progresso tecnológico. Este progresso pode ajudar o homem a viver

¹⁶³ Poeta e filósofo português que viveu na segunda metade do século XIX. *Obras completas. Filosofia*. Lisboa: Editorial Comunicação e Universidade dos Açores [Textos publicados entre 1860-1890. Edição consultada de 1989]

¹⁶⁴ Carlos Drummond de Andrade. *Farewell*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1997

melhor, mas não é claro que o torne mais livre. A técnica não é o garante da felicidade nem, tão-pouco, o garante da máxima amplitude da vida. Também a limita, tornando impotente o ser humano quando não consegue aplicá-la.

A vida moderna, rápida, agitada e pragmática, não contradiz esta visão de liberdade, como algo que caminha para o transcendente. O realismo é a base indutiva do homem, enquanto o transcendente se encontra nas ideias metafísicas que a inspiram e dominam. A vida humana, por ser vida, possui uma componente material – a tal base indutiva – e busca algo mais do que a matéria, busca o salto para a transcendência. O desporto é um caminho e uma ética para alcançarmos a transcendência.

Não somos, nunca fomos, adeptos de teorias ou de autores únicos. Não seguimos propriamente uma linha de pensamento, convictos que é a única possível, o que não quer dizer que não possamos seguir por uma via determinada. Somos humanistas. Sabemos que esta palavra está muito desgastada e que em nome dela tudo tem sido feito, quer o bem quer o mal.

Seguimos uma tradição antropológica, que é acima de tudo filosófica, que postula a importância do homem, de cada homem, no seio da sociedade. Porém, dentro da nossa liberdade, gostamos de ler muitos autores, por vezes afastados dos nossos conceitos antro-po-filosóficos, mas que ilustram aquilo que vamos pensando. Lemos autores de muitas escolas filosóficas. Lemos autores da física, da biologia, da história, do direito, do desporto. Enfim, lemos um pouco de tudo dado que todos eles tratam, de uma forma ou de outra do homem.

Gostamos de ler Pascal, para quem o homem é uma cana pensante. Não gostamos do autor apenas pelo simples enunciado desta metáfora que pouco ou nada nos diz, mas sim pelo encadeamento de ideias a ela associada. Para Pascal¹⁶⁵ “o pensamento é a verdadeira medida do tamanho do homem. O homem não passa de uma cana, a coisa mais fraca da natureza, mas é uma cana pensante. Não é preciso que o universo pegue em armas para o esmagar. Um vapor, umas gotas de água bastariam para o matar. Mas, ainda que fosse o universo a esmagá-lo, o homem seria sempre mais nobre do que aquilo que o matou, porque sabe que morre e que o universo é

¹⁶⁵ Jean-Pierre Luminet. A ciência terá limites? In George Steiner (coordenador) *A Ciência terá limites?* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Gradiva, 2008, pp. 241-266

muito mais forte do que ele, enquanto o universo desconhece tudo isto. Toda a nossa dignidade consiste, portanto, no pensamento, é através dele que devemos elevar-nos, e não através de um tempo e de um espaço que não conseguimos preencher. Empenhamo-nos, então, em pensar bem, pois esse é o princípio da moralidade”.

Concordamos com o autor. Somos um grão de pó que vagueia no universo. Somos fracos e não resistimos às ameaças nem com a nossa máquina de guerra mais potente e letal. Estamos praticamente indefesos face ao cosmos, mas temos consciência dessa debilidade.

É isso que eleva o homem a um patamar superior da matéria viva, sendo que essa elevação é de natureza espiritual. A matéria de que é feito o homem é efémera, mas o outro nível, porque não é material, tende à eternidade. Pascal compreendeu bem o sentido da dignidade humana. Para ele a dignidade reside no pensamento e não na matéria, podendo-se afirmar que o homem se encontra entre o infinito e o nada, ou seja entre o espiritual e a matéria.

Vivemos na cultura do inumano. A expressão é forte, talvez contraditória, mas reveladora de um estado do mundo onde parece que ninguém aceita o outro, malgrado discursos de ocasião a afirmar o contrário. Clama-se pela diferença, esquecendo-se da diversidade. E em nome da diferença reclamam-se direitos diferentes, onde se inclui o direito à desumanidade. Como nos diz Luc Ferry¹⁶⁶, do direito à diferença à diferença dos direitos vai apenas um pequeno passo. Mais ainda, em nome de um grupo os valores humanos são colocados a um nível inferior. Primeiro o grupo e só depois o homem. É uma posição intolerável, provavelmente uma consequência do niilismo, de um mundo sem fronteiras, da ausência de um sentido superior que trace o caminho a seguir pelo homem. É um desvario em nome da razão, do progresso e da ciência, como insinua Hélène Béji¹⁶⁷.

Vivemos num mundo que prefere a *Suma Tecnológica* à *Suma Teológica*. Vivemos num mundo que prefere a *coisa extensa* ao homem. Vivemos num mundo que prefere a matéria ao espírito. Vivemos num mundo onde a pessoa humana é um

¹⁶⁶ Luc Ferry. A escola da República e os direitos do homem. In Jean-Pierre Changeau (direção), *Uma mesma ética para todos?* Lisboa: Instituto Piaget, 1999, pp. 185-195

¹⁶⁷ Hélène Béji. A cultura do inumano. In Jérôme Bindé (direção) *Para onde vão os valores?* Lisboa: Instituto Piaget, 2006, pp. 57-64

simples instrumento e não algo de sublime. Vivemos num mundo sem encanto, sem esperança, um mundo desumanizado, um mundo onde para que uma minoria tudo tenha, milhões de pessoas vivem sob o anátema da exclusão. Enfim, vivemos num mundo com inúmeras cruzadas sem cruces...

Acreditamos que é redundante aludir ao desporto após o que atrás expusemos. A dignidade da pessoa humana terá de ser considerada em todas as situações da vida, sendo que a atividade desportiva é apenas mais uma por onde este conceito se expressa. A definição de Kant apresentada neste tema ético (aqui somos frontais) aplica-se sem nenhuma concessão à prática desportiva. “Desporto” sem dignidade pode ser tudo menos desporto!

Notas Finais

Está concluída a apresentação de oito temas (quase éticos) de desporto. Percorremos vários assuntos que intersejam as nossas vidas profissionais. Assistimos ao desporto de elevado nível competitivo, passámos pelas academias, visitámos as Pessoas com deficiência(s), encontrámo-nos com a Escola, fomos ver como se formam os profissionais deste importante ofício e, finalmente, equacionámos algumas das questões decorrentes da pesquisa em Educação Física.

Muitos outros temas (éticos ou quase éticos) ficaram por observar. Não discutimos um que nos parece fundamental nesta sociedade que vive uma profunda crise de valores, diríamos mesmo uma tremenda crise espiritual: o que é a vida.

Sim, porque entendemos que este valor é decisivo quando se tratam de pessoas humanas. Sim, porque pensamos que é também em torno deste valor que o desporto terá que se organizar. Sim, porque defendemos que esta terá que ser vivida com a maior dignidade possível, independentemente das condições materiais, sociais, físicas, sensoriais, mentais. Sim, porque temos assistido a uma materialização deste valor, traduzida pela expressão “qualidade de vida”, conceito este cada vez mais conotado com o consumismo. Sim, porque a nossa existência enquanto pessoas está marcada por um início e um fim de vida, momentos estes que não estão ainda convenientemente explicitados. Sim, porque na vida terá que haver sempre limites e o limite do desporto, seja ele qual for, desde a Escola até aos Jogos Olímpicos, terá que respeitar a essência da vida.

É verdade que falámos da pessoa, especialmente quando se apresentou o tema (quase ético) da pessoa com deficiência e, nesta segunda edição, do tema da dignidade da pessoa humana. Talvez muita da argumentação em prol da vida com dignidade tenha sido apresentada nesses momentos, mas reconhecemos que é imperioso enfatizar estes assuntos que nos tempos que correm estão sendo corroídos pela voracidade de certo materialismo. Desporto e dignidade da pessoa humana merecem uma reflexão mais profunda.

Em complemento da vida, não nos debruçámos sobre a morte. Cremos que só poderá haver uma profunda reflexão sobre ética se houver uma conexão com o tema da morte. Sem este limite temporal o homem não teria limites, pelo que tudo

seria possível. Não seria necessário impor nenhuma regra ao homem, uma vez que este seria ilimitado. E a ética, como foi defendido, é a colocação de limites ao homem, à sua existência e à sua ação. A morte não pode continuar a ser um tema tabu ou maldito no areópago da Educação Física. Tem de ser tratado como qualquer outro assunto, até porque, como disse um dia o escritor galego Camilo José Cela, a morte é a coisa mais banal da vida.

O tema da ética não ficou esgotado. A mobilidade social, quer a vertical quer a horizontal, não foi assunto tratado. A mercantilização do desempenho físico também não foi alvo da nossa reflexão, nem o aproveitamento político do desporto para fins que nada têm a ver com o próprio desporto.

Também não nos debruçámos sobre as relações de proximidade entre a ética e o direito. E a esse respeito muito pode ser dito e aprofundado. Poder-se-ia ter falado sobre o que é legal e aquilo que é ético, dado que nem sempre as duas condições do ato humano são coincidentes.

Por falta de tempo não podemos explorar o riquíssimo filão proporcionado pela comunicação social. Ética e *mass media* formam uma relação que importa aprofundar.

Tentámos não confundir problemas intrínsecos do desporto com problemas que surgem no desporto. Por exemplo, a violência que por vezes ocorre no futebol raramente é violência desportiva. É outra violência que se manifesta nos locais desportivos, mas que em nada se relacionam com o desporto. É lá que acontece, mas não é de lá.

Enfim, foi uma longa viagem por temas (quase éticos) de desporto. O desporto pode não ser nada. Poderá nunca ser nada. Poderá nunca querer ser nada. À parte disso, qual paradoxo, repousam nele todos os sonhos do mundo.¹⁶⁸

O desporto pode não ser nada, mas:

quando vemos a alegria de uma criança quando tem uma bola;

¹⁶⁸ Do poema de Fernando Pessoa, Tabacaria:

Não sou nada.

Nunca serei nada.

Não posso querer ser nada.

À parte disso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.

quando vemos a alegria de um povo quando o seu clube ou país ganha um jogo;
quando vemos as lágrimas de uma pessoa por causa de uma derrota;
quando vemos o desespero de alguém em virtude de um gol falhado; ou
quando vemos que até as guerras param para que se possa assistir a uma final de futebol,

temos que concluir que o desporto é muito mais importante do que aquilo que possamos pensar. É o campo dos sonhos, da poesia, da utopia e, acima de tudo, do possível. É o campo do humano, onde o homem pode demonstrar quão humano é. Por tudo isto vale apenas lutar pelo desporto, seja ele qual for, pois todo ele deve estar assente numa visão ética da PESSOA HUMANA.

Breves notas sobre os autores

Rui Proença Garcia

Professor Catedrático da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. É membro da Comissão Ética dessa Universidade e Membro Correspondente da Academia Brasileira de Filosofia. Tem colaborado intensamente com várias Escolas de Educação Física brasileiras, especialmente, nos últimos anos, no Estado de Minas Gerais. Já orientou ou orienta cerca de vinte teses de doutorado de professores brasileiros, sete de mestrado e é responsável por três trabalhos de pós-doutorado. Tem três livros publicados no Brasil, vários capítulos em livros editados um pouco por todo este país e um grande número de artigos em revistas diversas.

CREF 007880-G/MG, Conselheiro do CREF6/MG.

Kátia Lemos

Professora da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais. Doutora em Ciências do Desporto pela Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Autora de diversos artigos em revistas e de capítulos em livros de Educação Física. Editora do livro *Temas Atuais. Técnica de Ginástica Aeróbia de Competição*, tendo já nessa condição conquistado inúmeros títulos nacionais, continentais e mundiais.

CREF 001494-G/MG. Conselheira do CREF6/MG